

Entre a casa e o mar, a vida pulsa:

As dimensões simbólicas do cotidiano

na praia do Buraco da Véia
e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa



CLARA TORRES PERES

RECIFE 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

CLARA TORRES PERES

**ENTRE A CASA E O MAR, A VIDA PULSA:
As dimensões simbólicas do cotidiano na praia do Buraco da Véia
e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa.**

Recife

2022

CLARA TORRES PERES

**ENTRE A CASA E O MAR, A VIDA PULSA:
As dimensões simbólicas do cotidiano na praia do Buraco da Véia
e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Jesus de Britto Leite

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Peres, Clara Torres .

Entre a casa e o mar, a vida pulsa: As dimensões simbólicas do cotidiano na
praia do Buraco da Véia e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa. /
Clara Torres Peres. - Recife, 2022.

163 p : il., tab.

Orientador(a): Maria de Jesus de Britto Leite

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano,
2022.

Inclui referências.

1. Ambiências Urbanas. 2. Práticas Cotidianas. 3. Dimensões Simbólicas.
4. Antropologia Urbana. 5. Brasília Teimosa. I. Leite, Maria de Jesus de Britto .
(Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 94)

Clara Torres Peres

Entre a casa e o mar, a vida pulsa: As dimensões simbólicas do cotidiano na praia do Buraco da Véia e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.
Área de concentração: Desenvolvimento Urbano

Aprovada em: 31/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Maria de Jesus de Britto Leite (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Cristiane Rose de Siqueira Duarte (Examinadora externa)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A trajetória até aqui não foi fácil, entre incertezas e mudanças acadêmicas, deparei-me com uma temática que falava muito sobre minhas buscas além da academia, busca por algo que me fizesse crescer, me descobrir mais e me desafiar, foi isso o que fiz. No meio desse processo ainda passamos por uma pandemia que nos trouxe medos, solidão e dúvidas. E mesmo nesse contexto, eu continuei. Mas não estava sozinha, tive muitos apoios fundamentais para a realização deste trabalho.

Primeiro agradeço à minha mãe, Maria Torres pela presença ativa no meu dia-dia, sobretudo nos momentos finais de conclusão da dissertação, com todo apoio estrutural para que conseguisse me dedicar plenamente à escrita.

Agradeço a meu pai, Pedro Peres, que se manteve atento e interessado ao processo da dissertação, também me dando suporte material e sendo minha primeira inspiração acadêmica, já que quando eu tinha 10 anos o acompanhei em tantas pesquisas nas bibliotecas para a o seu mestrado.

Agradeço à Carol Cordeiro que foi quem mais me incentivou em toda a pesquisa e me deu grande suporte para a realização das visitas de campo e posteriormente na construção da dissertação. Todas as trocas e companhia para a realização da pesquisa foram essenciais, talvez não tivesse conseguido concluir sem a sua presença, doação e conhecimento acadêmico.

Agradeço aos meus familiares que me apoiaram em tantos momentos, a Thiago Torres, Amélia Almeida e à minha sobrinha que está sendo gestada e já é um grande amor. Agradeço a Joaquim Peres, pelo amor e luz em minha vida. À Valéria Uchôa que sempre é tão amorosa e entusiasmada com meus projetos.

Agradeço às minhas companheiras acadêmicas mais próximas nesse período: Raissa Gomes, Marília Farias e Camilla Lins. Especialmente à Raissa por sua amizade, amorosidade e disposição em passar uma série de material bibliográfico de Brasília Teimosa. À Marília, minha gratidão pela amizade, partilha e sensibilidade que me inspiram, além de todo o aprendizado que ela generosamente dispôs em seu Curso de Fotografia de Paisagens Urbanas e sempre que precisei.

Agradeço à Gabriela Silva pela presença em minha vida em todo esse período, pela preocupação, amor e inspiração. Agradeço à Isadora Melo, Júlia Vasconcelos, Mariana Cavalcanti pelo apoio, amizade e trocas em diferentes momentos desses últimos anos.

Agradeço às minhas filhas caninas e felina, que são meus grandes amores, companhias e felicidade do dia-dia: Frida, Cachorrana e Chica.

Agradeço enormemente à minha orientadora Maria de Jesus Britto Leite (Juju), pelo seu aceite em embarcar nesse mar profundo ao meu lado, pelo seu apoio acadêmico e generosidade. Pela disciplina que ela ministrou “Epistemologias do Espaço” que foi de grande relevância, bem como pelos encontros e conversas que sempre foram de muito aprendizado.

Agradeço à Capes pelo apoio financeiro parcial para realização dessa pesquisa.

Agradeço à UFPE e ao MDU por estarem na minha vida há tantos anos, entre amores e desamores, tenho muito orgulho e alegria por ter podido me desenvolver enquanto pessoa, profissional e cidadã nessas instituições.

Agradeço ao I Congresso Internacional Estudos da Paisagem e ao IV Colóquio Internacional ICHT. Imaginário: Construir e Habitar a Terra, nos quais pude apresentar parte desta pesquisa no ano de 2021.

Agradeço aos meus colegas da Turma M-40 do Mestrado. À Bárbara Rodrigues pela disponibilização de algumas fotos de Brasília Teimosa. À Renata, secretária do MDU pela atenção, paciência e dedicação de sempre.

Agradeço à música, arte que me realiza e me dá forças para ir além.

Agradeço e honro às energias e forças espirituais que me auxiliaram, à minha coragem e disposição, à minha vontade de sempre aprender e minha forma multifacetada de atuar no mundo.

Por fim, e uma das mais importantes menções, agradeço aos participantes das entrevistas e às pessoas que permitiram serem fotografadas, aos moradores de Brasília Teimosa e a sua história de luta e de resistência que tanto ensina a cidade do Recife.

RESUMO

Este trabalho desenvolve um estudo interdisciplinar entre o campo da Arquitetura e Urbanismo e a Antropologia Urbana, para a compreensão do espaço vivido a partir da observação das práticas cotidianas nos espaços públicos praianos da comunidade de Brasília Teimosa - Recife, especialmente a praia do Buraco da Véia e seu entorno, lugares marcados por uma história de luta e que concentram e cruzam diversas vivências e práticas, as quais constroem marcas simbólicas no presente. Desse modo, esta pesquisa constrói uma percepção dos sentidos desses espaços instaurados pelas práticas cotidianas e pelos significados atribuídos ao lugar pelas pessoas que os vivenciam. As reflexões teóricas que a fundamentam são: a prática espacial e a dimensão do espaço vivido, de Lefebvre (2006); a noção de cotidianidade e o retorno à dimensão local na prática de pesquisa, de Santos (2017); a contribuição de Certeau (1998) em relação às práticas cotidianas enquanto conteúdo de desvio da lógica dominante e de potência para o estudo do urbano; e a perspectiva dos sistemas simbólicos associados a essas práticas, através de Bourdieu (1978/1989). O direcionamento metodológico se baseia na Etnografia como caminho para aproximação e aprofundamento no campo de estudo, a partir de Velho (1878), Veiga e Simões (2016) e Magnani (2002); e na noção de Ambiência Urbana que soma com a percepção dos aspectos físicos e sensíveis dos lugares, através de Duarte (2013) e Thibaud (2010). Dessa forma, esta dissertação além de discorrer sobre a história da ocupação de Brasília Teimosa e os sentidos sociais da praia, desenvolve-se empiricamente em três etapas, nas quais foram realizadas: 1) caminhadas no lócus de pesquisa; 2) observação de campo, apreensão de ambiências; 3) realização de entrevistas semiestruturadas com pessoas usuárias desses espaços; tendo como instrumento de pesquisa os registros etnográficos no diário de campo e a fotografia como instrumento de aproximação e percepção do lugar. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com praticantes dos espaços públicos, sendo posteriormente feita a análise e seleção do conteúdo das narrativas, através de categorias afetivas associadas aos perfis de usuário e às práticas realizadas, tendo como resultado o aprofundamento nas perspectivas simbólicas relacionadas: ao lazer, ao trabalho, ao sentido popular da praia e à relação de sociabilidade e vizinhança; concluindo que essas são categorias essenciais para a compreensão dos sistemas simbólicos da relação das pessoas com esses espaços públicos praianos, os quais constroem cotidianamente, a partir de suas práticas, modos de apropriação e atribuição de significados, a identidade social do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiências Urbanas; Práticas Cotidianas; Dimensões Simbólicas; Antropologia Urbana; Arquitetura e Urbanismo; Brasília Teimosa; Praia do Buraco da Véia.

ABSTRACT

This work develops an interdisciplinary study between the fields of Architecture and Urbanism and Urban Anthropology, in order to understand the lived space based on the observation of everyday practices in the public beach spaces of the Brasília Teimosa community - Recife, especially the Buraco da Véia beach and its surroundings, places marked by a history of struggle and which concentrate and intersect various experiences and practices, which build symbolic marks in the present. In this way, this research builds a perception of the meanings of these spaces established by everyday practices and the meanings attributed to the place by the people who experience them. The theoretical reflections that underpin it are: spatial practice and the dimension of lived space, by Lefebvre (2006); the notion of everyday life and the return to the local dimension in research practice, by Santos (2017); the contribution of Certeau (1998) in relation to practices of everyday as a content of deviation from the dominant logic and of power for the study of the urban; and the perspective of the symbolic systems associated with these practices, through Bourdieu (1978/1989). The methodological approach is based on ethnography as a way of approaching and delving deeper into the field of study, based on Velho (1878), Veiga and Simões (2016) and Magnani (2002); and on the notion of urban ambiance, which adds to the perception of the physical and sensitive aspects of places, based on Duarte (2013) and Thibaud (2010). This dissertation, in addition to discussing the history of the occupation of Brasília Teimosa and the social meanings of the beach, is developed empirically in three stages, in which the following were carried out: 1) walks in the research locus; 2) field observation, apprehension of ambiances; 3) semi-structured interviews with people who use these spaces; using ethnographic records in a field diary and photography as a tool for approaching and perceiving the place. The semi-structured interviews were carried out with practitioners of the public spaces, after which the content of the narratives was analysed and selected using affective categories associated with the user profiles and the practices carried out, resulting in a deeper understanding of the symbolic perspectives related to: leisure, work, the popular sense of the beach and the relationship of sociability and neighbourliness; concluding that these are essential categories for understanding the symbolic systems of people's relationship with these public beach spaces, which daily construct, from their practices, modes of appropriation and attribution of meanings, the social identity of the place.

KEYWORDS: Urban Ambiances; Practice of Everyday; Symbolic Dimensions; Urban Anthropology; Architecture and Urbanism; Brasília Teimosa; Buraco da Véia Beach.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	PRÁTICAS COTIDIANAS COMO CHAVE PARA O ESTUDO DO LUGAR: ENTRE A ETNOGRAFIA E AMBIÊNCIAS URBANAS.....	16
2.1	PRÁTICA ESPACIAL, COTIDIANIDADE E SABER LOCAL.....	16
2.2	PRÁTICAS COTIDIANAS E SISTEMAS SIMBÓLICOS.....	20
2.3	ARTICULAÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE ARQUITETURA E URBANISMO E A ANTROPOLOGIA URBANA: ETNOGRAFIAS E AMBIÊNCIAS.....	25
3	HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO DE BRASÍLIA TEIMOSA.....	31
3.1	PAISAGEM DE BRASÍLIA TEIMOSA.....	31
3.2	HISTÓRIA DE TEIMOSIA: RESISTÊNCIA, LUTA E CONQUISTAS URBANAS.....	39
3.3	CONTEXTO RECENTE: BRASÍLIA TEIMOSA E OS TUBARÕES DO CAPITAL IMOBILIÁRIO.....	47
4	BURACO DA VÉIA: PRAIA URBANA DA BRASÍLIA TEIMOSA.....	55
4.1	ESPAÇO PÚBLICO E SOCIAL DA PRAIA: LUGAR DE LIBERDADE E DIFERENCIAÇÃO.....	56
4.2	PRAIAS URBANAS NO CONTEXTO DO LITORAL SUL DO RECIFE.....	58
4.3	“O BURACO DA VÉIA É NOSSO”.....	63
5	CAMINHAR ETNOGRÁFICO E PERCEPÇÃO DE AMBIÊNCIA: O PERCURSO DA PESQUISADORA ÀS PRÁTICAS COTIDIANAS.....	69
5.1	CAMINHAR COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO E OS REGISTROS ETNOGRÁFICOS.....	69
5.2	FOTOGRAFIA COMO RECURSO PARA APROXIMAÇÃO DE CAMPO E PERCEPÇÃO DE AMBIÊNCIAS.....	86
6	AS VOZES DA PRAIA: AS PERCEPÇÕES SOBRE O BURACO DA VÉIA E OS ESPAÇOS PÚBLICOS PRAIANOS DE BRASÍLIA TEIMOSA.....	115
6.1	“ESSE LAZER QUE NÓS TEMOS DIREITO”.....	129
6.2	“TEM O LUGAR DE NÓS VIVER E TRABALHAR”.....	134
6.3	“AQUI É MAIS POVÃO”.....	138
6.4	“COMO SE FOSSE O QUINTAL DE CASA”.....	142
6.5	OUTRAS PERSPECTIVAS: MEMÓRIA E O CONTEXTO ATUAL.....	144
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154

REFERÊNCIAS.....	159
-------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu a partir de uma reflexão crítica sobre as formas tradicionais do estudo do espaço urbano e buscou formas de compreensão do espaço vivido, tendo como princípio a aproximação ao lugar e às relações estabelecidas pelas pessoas e suas afetações, significações, narrativas. Tem como lócus de pesquisa a comunidade de Brasília Teimosa, localizada na zona centro-sul da cidade do Recife, especialmente a praia do Buraco da Véia e seu entorno praiano, composto pela Orla da Avenida Brasília Formosa.

Nas abordagens sobre a cidade, no campo institucional, governamental, e até nas produções acadêmicas, é muito comum a ênfase em fatores de ordem macro, voltados para forças econômicas e políticas, variáveis demográficas, interesse imobiliário, deixando em outro plano as redes de sociabilidade e as ações e atividades cotidianas realizadas pelas pessoas, que “em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole” (MAGNANI, 2002, p. 15).

Segundo Lefebvre (1991), é fundamental a redefinição das abordagens teóricas sobre a cidade, assim como uma redefinição das necessidades da sociedade urbana, marcada pelos lugares tomados pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro; para outras necessidades e manifestações, orientadas para a atividade criadora, para o conhecimento, o simbolismo, o imaginário, as atividades lúdicas, que devem ser levadas em consideração.

Dessa forma, compreendo que é cada vez mais necessário voltar-se ao lugar para compreender seus novos significados, dando importância às dinâmicas cotidianas, pois olhar para as práticas cotidianas do espaço vivido remete a uma outra espacialidade que revela operações “multiformes, resistentes, astuciosas e teimosas” (CERTEAU, 1998, p. 174) e possibilita “uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço” (CERTEAU, 1998, p. 172), suscitando outro olhar e interpretação do urbano.

Segundo Santos (2017), o lugar pode atuar como uma ponte entre o indivíduo e o mundo, denotando as suas particularidades e o contexto global ao qual está inserido: “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (SANTOS, 2017, p. 314). Desse modo, o mundo se torna um objeto comum, acessado pelas “relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação” (p. 316).

Nessa perspectiva, o princípio da alteridade, para pensar o espaço urbano, é uma chave-estímulo fundamental que abre diálogo com o outro, como sujeito singular e social, e possibilita

que a cidade seja considerada como lugar de gente, de convivência, de significados e de histórias. Como caminho para a compreensão dos fenômenos urbanos sob essa ótica, a antropologia se mostra uma importante ancoragem, tendo em vista sua capacidade de abranger a diversidade das relações sociais inscritas no lugar, sendo: “um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana.” (MAGNANI, 2002, p. 18). A incorporação desses atores, de suas práticas e de sua relação com os lugares, possibilita explorar outras perspectivas sobre as questões da cidade, e a etnografia, como método característico da antropologia, promove essa aproximação das formas de sociabilidade no contexto urbano (MAGNANI, 2002).

Nesse sentido, interessa a esta pesquisa a escala da rua, do quarteirão, do bairro, do espaço vivido e praticado, em nível material e simbólico, pois é a partir das possibilidades da vida cotidiana, com os recursos críticos e metodológicos adequados, que é possível superar às “idealizações utópicas sobre o espaço e as formações sociais que comportam” (SANTOS, 2016, p. 29).

Na atuação no campo da Arquitetura e do Urbanismo, o olhar sobre o lugar construído é a essência dessa disciplina, contudo a noção de ambiência nos auxilia com outras camadas de subjetividade e sensibilidade que se somam à percepção da experiência do habitar a cidade. Com esse aporte, “a descrição resultante da observação participante, neste caso, conterà inúmeras menções à arquitetura e ao entorno, mas haverá também menções à observação do comportamento, às ações e dinâmicas que acontecem no local estudado” (DUARTE, 2013, p. 32). Nesse sentido, a noção de ambiência dá suporte para essa observação, pois ela abarca os elementos materiais e simbólicos das relações estabelecidas no lugar, ampliando as práticas de percepção e sensibilidade com o ambiente, “permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana” (THIBAUD, 2012, p. 9).

Com base nessas reflexões, a partir da articulação entre a Arquitetura e Urbanismo e as Ciências Sociais, especialmente a Antropologia Urbana, buscou-se construir uma metodologia para a compreensão do lugar através das práticas cotidianas e suas dimensões simbólicas. Dessa forma, pretendeu-se analisar os sentidos do lugar, através da percepção das ambiências e compreender os significados produzidos sobre as particularidades na ocupação dos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa, a partir da vivência de seus moradores e frequentadores.

A definição dos objetivos da pesquisa nasceu a partir de reflexões teóricas sobre a importância de pensar o urbano através de outras abordagens, essa intenção foi tomando forma juntamente com minha trajetória acadêmica e meus questionamentos como pesquisadora. No meu percurso acadêmico, sempre me interessei pela paisagem, pelo patrimônio urbano e pelas questões de memória e história da cidade. Na conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, trabalhei com a questão da paisagem portuária do Bairro do Recife e dos modos de ver a cidade através dos cartões-postais. Nesse processo, debruicei-me sobre o aspecto documental da paisagem, a partir dos registros de representação imagética.

No mestrado, ingressei ainda tendo como objeto desdobramentos do tema do meu trabalho de conclusão de curso, contudo pude ter a oportunidade de interagir com outras abordagens sobre as questões urbanas e sociais e comecei a me questionar sobre os caminhos que estava tomando, optando, assim, por mudar de temática de pesquisa. Mais do que nunca, como pesquisadora, eu queria me aproximar da experiência de campo, analisando a cidade e as relações subjetivas que as pessoas estabelecem com os lugares.

Dessa maneira, mergulhei nesse processo e aos poucos encontrei ressonâncias, cursando disciplinas de outros departamentos que dialogavam com as novas temáticas que me interessavam e buscando pesquisas desenvolvidas por outros grupos acadêmicos, como o LASC - Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (UFRJ), que aborda a inter-relação entre as pessoas e o espaço construído por meio da etnografia e da noção de ambiência, que trouxe relevantes contribuições. Dessa forma fui me deparando com reflexões e conceitos que me auxiliaram a compreender e definir meus objetivos e metodologia.

A escolha do lócus de pesquisa se deu devido ao interesse inicial de me aprofundar na comunidade onde quase habito, uma vez que nos registros oficiais minha casa se localiza no bairro do Pina, mas também no território da ZEIS (Zona Especial Interesse Social) de Brasília Teimosa. Da mesma maneira que as formas de ocupação urbana do entorno da minha residência também apresentam essa ranhura, além de haver uma incerteza na localização nos sistemas de correspondência, por ser uma região fronteiriça, entre o Bairro do Pina e Brasília Teimosa, também há o caráter morfológico desse entorno, onde, nos fundos da minha casa, tem característica da comunidade de Brasília e a frente da minha casa se relaciona com a característica dos grandes lotes e avenidas do Pina. Minha vivência em Brasília Teimosa foi maior durante minha infância e adolescência, pois alguns familiares moravam na parte central da comunidade, contudo, devido a diversos fatores, inclusive os estigmas associados ao lugar, fui interagindo cada vez menos nesse território, desse modo associo a minha relação com o

lugar que moro, com o aspecto da liminaridade (TURNER, 2008), condição de ocupar um entrelugar indefinido.

No início havia o interesse mais amplo de estudar toda a Brasília Teimosa, contudo, a partir de algumas visitas aos espaços públicos da comunidade houve a definição de um recorte analítico composto pelos espaços públicos praianos, especialmente a praia do Buraco da Véia e a Orla de Brasília Teimosa. Contribuindo com esse desejo, alguns trabalhos também me estimularam e foram base para aprofundamento e reflexão, como o Livro “Histórias do Pina” e Histórias da Brasília Teimosa de Oswaldo Pereira (2008, 2009); o documentário “Avenida Brasília Formosa” de Gabriel Mascaro (2010); e o trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE intitulado “Paisagem Teimosa - A construção Social da Brasília recifense e a (r)existência do seu amanhã”, de Raissa Gomes (2017).

Inicialmente, a região do bairro do Pina e Brasília Teimosa era uma área de alagado que foi aos poucos sendo ocupada por uma população de baixa renda, em moradias de mocambos e palafitas. A partir do século XX, com as ações higienistas e as medidas voltadas à urbanização, essa área, assim como outras partes da cidade do Recife, passou por constantes aterros. Nesse processo a comunidade foi se estabelecendo, em torno de uma colônia de pescadores, através de grandes movimentos populares para poder se manter e se legitimar naquela região. A comunidade de Brasília Teimosa foi ocupada por pessoas de classes populares, que devido ao grande adensamento, passou a ocupar a área marítima com palafitas que permaneceram durante décadas, sendo retiradas em 2003, através de uma requalificação urbanístico-ambiental da praia para uso público, em que foi construída a Avenida Brasília Formosa, com equipamentos públicos de lazer e atividades esportivas (PEREIRA, 2008, 2017).

A praia do Buraco da Véia, objeto principal desta pesquisa, é a praia da comunidade de Brasília Teimosa, cercada por arrecifes de corais e tradicional espaço de lazer de sua população, caracterizada por receber a maioria do público de classe popular, moradores da comunidade e grande quantidade de pessoas de outros bairros da Cidade do Recife. Essa praia também foi objeto de disputa no passado, quando no final da década de 1970 o Iate Clube fez um muro para limitar o acesso à praia para fins privados da empresa, ocasionando diversas manifestações e derrubada do muro por parte da população, a qual deu fim à tentativa de privatização (PEREIRA, 2017), sendo mais uma luta da sua população de importante referência para a identidade social de Brasília Teimosa.

Por compreender que a história é um contínuo de processos sociais que permanecem em construção no presente, essa pesquisa busca captar as práticas cotidianas, as apropriações e as significações atribuídas a esse lugar pelas pessoas hoje. Dessa forma, busca se aprofundar nas dinâmicas urbanas dessa comunidade emblemática da cidade do Recife, ensejando um percurso de percepção e registros das práticas cotidianas das pessoas que vivenciam esses espaços públicos e suas particulares formas de apropriação.

Tendo a etnografia como direcionamento no processo metodológico, a pesquisa se desenvolveu em três etapas: 1) percursos de aproximação através das caminhadas e registros etnográficos; 2) observação de campo e registros etnográficos; 3) entrevistas semiestruturadas, em que foi feito um roteiro teste para a elaboração e aplicação da entrevista estruturada, tendo como suporte para o tratamento do dado qualitativo, a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), nos termos da seleção na pré-análise e das unidades temáticas para a categorização na análise em si. Bem como, a pesquisa bibliográfica e revisão de literatura que ocorreram durante todo o período.

Os percursos de aproximação foram realizados através de uma série de caminhadas, as quais serviram como instrumento de percepção do espaço urbano, bem como a produção de relatos e croquis no diário de campo para registros das práticas urbanas e percepções de ambiências. A etapa de observação de campo se deu a partir de uma maior imersão no campo, tendo a fotografia como um importante recurso de aproximação das pessoas e de expressão sensível do lugar, além da realização das primeiras entrevistas informais. Na etapa das análises foi possível ver o potencial da entrevista para estabelecer o diálogo com os diversos atores que constroem e participam da vida do lugar, como um dispositivo de percepções e, por vezes, de atribuição de sentido e de significado.

O objetivo, aqui, foi expor o processo metodológico que une as práticas da Arquitetura e do Urbanismo com a ancoragem da etnografia, entendendo que essa interdisciplinaridade pode colaborar muito para uma compreensão mais sensível do espaço urbano. A comunidade de Brasília Teimosa tem uma história emblemática nas questões de luta pelo direito à cidade. Hoje, o sentido de pertencimento, tão caro à sua história e às suas conquistas, pode ser percebido no processo de compreensão do lugar, a partir das práticas cotidianas, das formas de apropriação, da memória coletiva e das narrativas expressas pelas pessoas.

Nesse sentido, para além da materialidade dos espaços urbanos, buscamos as dimensões simbólicas através da percepção das ambiências e da construção dos sentidos do lugar através

das vozes dos seus habitantes, possibilitando emergir conteúdos que reforcem as relações de identidade, afetividade e significação.

É importante situar que boa parte desta pesquisa foi realizada no período em que o mundo foi acometido pela pandemia da Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou novo Coronavírus, a qual acarretou uma crise sanitária grave de proporções mundiais. Várias medidas foram criadas para a contenção da propagação do vírus, como a proibição de aglomerações e restrição de transitar nos espaços urbanos, devido ao seu alto grau de transmissão. Essa situação impactou a vida das pessoas e no modo em que se relacionavam com a cidade, ocasionando questionamentos quanto a viabilidade de desenvolver esta pesquisa, contudo, nesse processo foram surgindo percepções relacionadas à importância da vida comunitária e das práticas nos espaços públicos nesse período, que reforçaram a relevância de desenvolver a referida pesquisa e de registrar, mesmo com limitações, essa experiência.

Para isso, foram criadas estratégias para a circulação no espaço urbano e para a interação com pessoas de forma segura, a primeira das iniciativas foi a realização de entrevistas quando já havia sido realizada a primeira dose da vacina na maioria da população, e a outra medida foi a utilização e distribuição de equipamento de segurança, como máscaras e álcool em gel para todos os participantes, além do distanciamento das pessoas em locais abertos. Importante destacar também que todas as pessoas participantes foram aquelas que já estavam utilizando os espaços públicos em sua prática cotidiana. Esse processo será mais detalhado ao longo da dissertação.

A partir dessa explanação, a estrutura desta dissertação está dividida em cinco capítulos: O primeiro capítulo intitulado *Práticas cotidianas como chave para o estudo do lugar: entre a etnografia e ambiências urbanas*, o qual aborda as reflexões teóricas e metodológicas que fundamentam esta pesquisa; o segundo capítulo intitulado *História da ocupação de Brasília Teimosa*, no qual se realiza uma construção histórica e social da origem e ocupação de Brasília Teimosa, bem como de seus processos procedentes; no terceiro capítulo, *Buraco da Véia: praia urbana da Brasília Teimosa*, há uma continuidade do anterior, mas com enfoque na história social da praia e na relação entre as praia urbanas do litoral sul do Recife, sendo a para do Pina, de Boa Viagem e Buraco da Véia, com aprofundamento nessa última.

Os dois últimos capítulos se desenvolvem a partir da pesquisa empírica, o foco deste trabalho, sendo: o capítulo quatro intitulado *Caminhar etnográfico e percepção de ambiência: do percurso da pesquisadora às práticas cotidianas*, o qual apresenta todas as etapas de

pesquisa de campo; e por último o capítulo cinco, *As vozes da praia: as percepções sobre o Buraco da Véia e os espaços públicos praianos de Brasília Teimosa*, o qual traz o processo da elaboração, aplicação e análise das entrevistas que foram realizadas com 46 participantes, bem como os resultados dessas análises.

2 PRÁTICAS COTIDIANAS COMO CHAVE PARA O ESTUDO DO LUGAR: ENTRE AMBIÊNCIAS E ETNOGRAFIA URBANA

Abordaremos os caminhos teóricos e metodológicos que irão fundamentar o desenvolvimento desta dissertação partindo do entendimento das categorias analíticas do espaço, a partir de Lefebvre (2006); da prática espacial e a cotidianidade, que nos leva ao retorno ao “local” na prática de pesquisa, de Milton Santos (2017). No segundo momento, será aprofundada a perspectiva das práticas cotidianas a partir de Michel de Certeau (1998), com o olhar para os sistemas simbólicos associados à essas práticas, através do conceito de *habitus* de Bourdieu (1978;1989), o qual também contribui com as reflexões sobre a importância do empirismo e da atividade prática na pesquisa científica. Dessa maneira, introduzindo a terceira parte deste capítulo voltado para os caminhos metodológicos que irão direcionar as atividades de campo e suas análises. Como já exposto na Introdução, a Antropologia Urbana foi o caminho escolhido para alicerçar o processo de reflexão metodológica, tendo a Etnografia e seus diversos instrumentos, entrelaçada à percepção do espaço urbano através da noção de Ambiente.

2.1 PRÁTICA ESPACIAL, COTIDIANIDADE E SABER LOCAL

Aqui, serão expostas, algumas abordagens de diferentes autores sobre a cotidianidade e outras referências complementares para os estudos do espaço social. Lefebvre (1978) traz a perspectiva da cotidianidade como um vasto campo que as disciplinas isoladas não dão conta de abrangê-la e por isso a importância de ampliar o arcabouço teórico e os instrumentos metodológicos. A crítica produzida por alguns dos autores trazidos aqui é sobre a prioridade às ordens sistêmicas e estruturais, em comparação com as perspectivas mais voltadas ao empirismo e a localidade, abordadas nas pesquisas acadêmicas, dessa maneira, criando uma escassez de estudos que partam de uma perspectiva local, pautada numa realidade vivencial. Vale salientar que essas reflexões estão situadas em um período histórico em que essa discussão estava muito presente, mas consideramos que esse é um debate ainda atual, quando se trata dos estudos dos espaços urbanos e das relações socioespaciais. Ao aspecto da vida cotidiana, se vinculam outras maneiras de interpretação do espaço social, através do aprofundamento no aspecto local, na oralidade, nos saberes e vivências de grupos, que muitas vezes são menosprezados, sobretudo pelas forças dominantes que agenciam o planejamento urbano.

Para esse aprofundamento, consideramos importante trazer alguns conceitos associados ao espaço social e suas relações com as estruturas políticas, econômicas, com a cultura e o meio.

O conceito de espaço já foi bastante explorado e aqui não temos o objetivo de aprofundar nas suas epistemologias, mas trazer uma visão mais focada no espaço como “produto social” (LEFEBVRE, 2006). Através desse viés, Lefebvre (2006) propõe “não apenas caracterizar o espaço em que vivemos e sua gênese, mas reencontrá-la através do e pelo espaço produzido” (p. 11).

No contexto do neocapitalismo moderno, Lefebvre definiu três níveis do espaço social: a relação biológica (familiar), a reprodução da força de trabalho (classe operária) e as relações sociais de produção. “Para tornar as situações mais complexas, o espaço também contém certas representações dessa dupla ou tripla interferência de relações sociais (de reprodução e de produção)” (LEFEBVRE, 2006, p. 58), as quais nos interessa especialmente: *A prática espacial*, que associa a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade Urbana (percursos, redes deslocamentos para lugares de trabalhos, da vida privada e dos lazeres) no espaço percebido, ou seja, a dimensão material das atividades e das interações sociais: “A competência e a performance espaciais próprias a cada membro dessa sociedade só se examinam empiricamente” (p. 65). As *representações do espaço*, ou seja, o espaço concebido, que é aquele dos cientistas, dos planejadores, dos agenciadores, o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). Os *espaços de representação*, ou seja, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, espaço dos habitantes, dos usuários, dos artistas que o descrevem. “Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado que a imaginação tenta modificar e apropriar.” (p. 66)

Nesse escopo, Lefebvre (1978) toca no aspecto da vida cotidiana como um importante indicador da prática espacial. O autor se refere a vida cotidiana como algo que faz parte de nós, que estamos dentro e fora, conhecendo-a e ignorando-a, tentando transgredir para buscarmos alguma ficção no imaginário, sem, na realidade, nunca sair dela. Existem dois vieses que se atravessam, o mais evidente, ordinário e por vezes áspero, da repetição dos hábitos e movimentos, deslocamentos, obrigações diárias, assim como o das riquezas e autênticas criações que surgem da cotidianidade, os estilos e formas de vida.

Partindo de outro viés, Santos (2017), ao analisar as condições de globalização, traz a reflexão de que “para ser universal, basta falar de sua aldeia” (p. 313), retomando a ideia do objeto próximo, do local como ponto de partida. Mesmo com a fluidez, a velocidade e a facilidade dos deslocamentos e comunicação, próprias do mundo contemporâneo, segundo o autor, a globalização pode fazer redescobrir a corporeidade por contraste “o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender” (p. 314), os lugares,

nesse sentido, podem atuar como uma ponte entre o mundo e o indivíduo. O retorno à dimensão local coloca o lugar numa posição central na pesquisa, a qual deve buscar seus novos significados. Para abarcar essa dimensão local, Santos (2017) apresenta a possibilidade de considerar o cotidiano como uma categoria da existência que se adequa às questões geográficas “do mundo vivido que leve em conta as variáveis [...]: os objetos, as ações, a técnica, o tempo.” (SANTOS, 2017, p. 315).

Paralelamente à perspectiva da “prática espacial” ou do “espaço percebido”, Santos (1986) corrobora a noção de que o território não é uma categoria de análise por si só, mas sim o território usado, ou seja, a relação da sociedade com e no território, “sociedade enquanto espaço” (SANTOS, 1999, p. 18), assim como sinaliza a importância dos estudos sobre o território considerarem o conteúdo social relacionado à existência dos seus ocupantes, fundamentada no protagonismo do saber local nutrido pelo cotidiano.

Nesse sentido, a vida cotidiana é um campo privilegiado da prática, pois nela as necessidades se transformam em desejos, ampliando nossas ações humanas para além do biológico e vital, para uma busca de legítimas satisfações, dentro do escopo dos objetos de desejo em função dos grupos sociais aos quais estamos inseridos. As necessidades básicas que fazem parte da existência humana, passam “pelos filtros da linguagem, das proibições e das permissões exteriores, das inibições e excitações, do esforço e da realização e se individualizam em desejos [...] A socialização e humanização da necessidade vêm juntas com a individualização do desejo...” (LEFEBVRE, 1978, p. 86). Essa relação da pulsão do desejo na cotidianidade, direciona um sentido de autonomia, de certa rebeldia, através da espontaneidade, ritmos, vitalidade, esperanças, e a não submissão aos meios tecnológicos e ao tecnicismo. Desse modo, na vida cotidiana o extraordinário se mescla com o trivial, “se misturam privações e frustrações com gozos de bens, necessidades convertidas em desejos e capacidades constantes de prazer e alegria. Na cotidianidade se mesclam as realizações e o que certos filósofos chamam de alienações do ser humano” (p. 88).

Lefebvre (1978) também traz elementos da cotidianidade, como códigos e signos de representação, que definem alguns limites comportamentais e de comunicação, enquanto outros são signos mais complexos e constituem sistemas abertos: “Na vida cotidiana sabemos (melhor ou pior) traduzir a linguagem corrente desses sistemas complexos de signos. Se não sabemos traduzi-los, se ignoramos algo, nos consideramos raros, ou forasteiros, ou fora da história.” (p. 89). Ou seja, existem acordos tácitos e códigos expressos nas relações que se desenvolve na cotidianidade, por exemplo ao se adentrar em um local onde determinado grupo ou comunidade

habita, a não compreensão da linguagem e inserção nas representações simbólicas desse grupo, faz com que o indivíduo seja visto como estranho, de fora, não integrante dali. Inclusive, esse entendimento é muito relevante para o processo de estudo de campo no espaço urbano, inevitavelmente esse estranhamento fará parte da pesquisa, como iremos abordar mais à frente.

Para aplicar as noções teóricas na observação e análise da vida cotidiana, Lefebvre (1978) sugere mergulhar na vida concreta e aponta como caminho a simples experiência prática do senso comum cotidiano do nosso entorno, nos lugares de passagem e encontro, nas ruas, bares, espaços públicos e coletivos. Nesse sentido, a rua é tida como o lugar mais privilegiado para representar a cotidianidade, por ser exterior às existências individuais, lugar de passagem, interferências, de circulação e comunicação, com seu caráter móvel, oferece o que está escondido em outros lugares. “A rua se repete e muda como a cotidianidade: se reitera em uma transformação incessante das pessoas, das aparências, dos objetos e das horas” (LEFEBVRE, 1978, p. 94), permitindo a observação e análise dos signos sociais que constroem cenas de um espetáculo por vezes surpreendente ou monótono, nas quais o observador também é personagem.

Complementando essa aplicabilidade analítica, Santos (1999) desenvolve a categoria de evento, para resolver questões de método. A categoria evento, nessa perspectiva se realiza unindo o passado como realização já produzida e o projeto de futuro, não como pólos, mas união das noções de tempo e espaço.

Como unir o tempo e espaço, este sempre contendo um componente empírico, se o tempo não for considerado na sua empiricidade, na sua historicidade, que está atrás da sua realização histórica e geográfica? Realização entendida no sentido de tornar-se realidade, de fazer-se atualidade. (SANTOS, 1999, p. 16)

Desse modo, o estudo da cotidianidade pode ser associado à categoria de evento como um fenômeno que não está só localizado na especificidade de um grupo ou de um local, mas faz parte de um contexto de totalidade histórica e geográfica, um tempo empírico que vai ser buscado no conjunto de possibilidades da realidade. O autor aponta que o espaço tem o cotidiano como dimensão fundamental, uma quinta dimensão que abrange a totalidade dos atores agindo no espaço presente. Nesse sentido, o evento pode ser uma categoria para olhar para a cotidianidade em fluxo, localizada no espaço atual onde o saber local é pujante.

Dessa maneira, a cotidianidade acontece na trivialidade, nas conversas imprevistas, na entrega aos diálogos ou na desconfiança da recusa de interação: “O estudo da linguagem na

vida cotidiana não se limita à relação ‘expressão-significação’, da qual surge o sentido. Há também o que a linguagem não diz, o que evita dizer, ou o que não pode nem deve dizer” (LEFEBVRE, 1978, p. 93), sendo as ações e os objetos significantes para a observação da vida cotidiana.

Podemos nos comunicar com o mundo vivido através de processos de interação e interlocução que criam, nutrem e reafirmam laços sociais entre indivíduos e grupos que compartilham da mesma experiência e de um passado comum, no qual também se agenciam diversas interpretações do existente e das situações objetivas, uma negociação entre questões pragmáticas e valores simbólicos.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1996, p. 315)

Santos (1996) destaca que as trocas afetivas são a força motriz da densidade social, da solidariedade, dos laços culturais e da identidade, e que essas trocas simbólicas se diversificam e se renovam, trazendo novas dimensões à vida social e ao cotidiano através do papel da informação e comunicação

2.2 PRÁTICAS COTIDIANAS E SISTEMAS SIMBÓLICOS

Esta pesquisa, tendo as práticas cotidianas como uma das chaves de leitura do lugar, encontra nos estudos das práticas culturais de Michel De Certeau (1998) importantes reflexões e provocações acerca do campo do urbanismo. A inquietação epistemológica de Certeau (1998), a qual questionava a erudição, o “cientificismo” e objetivismo nas ciências sociais, sugeriu uma disposição às práticas culturais e ao saber comum, buscando instrumentos de pesquisa para questões de natureza efêmera, por vezes frágeis e circunstanciais “uma ciência prática do singular”, ou da cultura ordinária. Nesse sentido, o autor desloca a percepção do consumo de massa passivo, impostos por uma ordem econômica dominante, para uma perspectiva da criação anônima e da prática de desvio na cotidianidade. Pelo olhar de Certeau (1998), a cidade concebida se transforma em cidade vivida, praticada pelos passos de seus moradores, lugar onde se manifesta uma linguagem do imaginário urbano. Nesse imaginário, “são os gestos, as

práticas, as artes de fazer e as narrativas do cotidiano que constituem os verdadeiros arquivos urbanos" (DOSSE, 2003, p. 92).

Segundo Certeau (1998), a cidade moderna, instaurada pelo discurso utópico e urbanístico tenta produzir um espaço de racionalidade e controle, cria um sujeito universal e reduz as tradições, esquecendo o espaço em si, aquele o qual a vida acontece e as práticas tecem a vida social. Contudo, essa cidade-conceito ou cidade-estratégica ao ser vista como campo de transformações e apropriações da estranheza do cotidiano que não vem à superfície pelo olhar panorâmico, mas pelo espaço praticado, modifica o pensamento sobre o urbano, "[...] a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía." (CERTEAU, 1998, p. 174).

Essa perspectiva traz luz às possibilidades, metamorfoses e astúcia na “maneira de fazer” das pessoas na vida cotidiana, que procedem com uma certa indisciplina, através de bricolagens em relação ao contexto da lógica global e da economia cultural dominante. “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1998, p. 41). No contexto do campo do urbanismo, o autor contribui com as provocações acerca da relação de poder e distanciamento em que os planejadores e administradores do espaço atuam, na projeção e representação de uma cidade panorama ou um “simulacro teórico”, visual, um quadro que esquece e parece desconhecer das práticas. Práticas essas que acontecem na dimensão da localidade, nos limiares onde não é possível a visibilidade do macro, mas onde vivem os “praticantes ordinários da cidade” (p. 171), em um entrelaçamento de caminhos e de corpos, em trajetos e poesias ignoradas, as quais constroem uma história múltipla.

Certeau (1998) traz também a percepção da apropriação do espaço pelo caminhar do pedestre, o qual constrói itinerários múltiplos, desvios e atalhos em um espaço enunciativo, portador de significantes que serão incorporados de diversas maneiras pelos caminhantes. Essas formas de movimento partem da autonomia do caminhante de interpretar os signos, de obedecer às ordens do sistema, ou de encontrar outros caminhos possíveis e outras lógicas (ou até não lógicas). O autor chamou essa autonomia, ou singularidade do pedestre na relação espacial de caminhar, de “retórica do caminhar”, fazendo emergir o sentido da cidade como lugar de desejo. Nesse sentido, Certeau considerava a cidade como uma língua, um campo de possíveis, e o ato de caminhar como “enunciações dos pedestres” (DOSSE, 2013, p. 90)

Esse deslocamento do espaço concebido para o espaço vivido, realizado por Certeau (1988), através da percepção da potencialidade das práticas cotidianas, possibilita resgatar as singularidades do espaço urbano, dando outros sentidos aos estudos sobre a cidade e trazendo densidade e significações às práticas no espaço: “É a atividade que qualifica o espaço”. (CERTEAU, 1974 apud DOSSE, 2013 p. 88). O sentido do lugar através das práticas realizadas é fundamental para construir o argumento desta pesquisa, a qual propõe se voltar para o espaço vivido e suas manifestações particulares, através das atividades, socializações, e dimensão simbólica. Estudar a multiplicidade das formas de apropriação do espaço praticado proporciona uma reflexão sobre as interseções entre os espaços públicos e privados, sobre os desejos e limites dos usuários, transmitidos pela forma de deslocamento e espacialização social. Além das narrativas do espaço, que trazem luz aos sentidos espaciais dos habitantes, podendo revelar aspectos simbólicos, de memória e identificação.

As práticas cotidianas, além de redirecionar o olhar para o ordinário e os modos de apropriação do espaço praticado, proporcionam desvios da lógica macro, do controle planejador, e podem ser objeto para o aprofundamento nos sistemas simbólicos construídos no mundo social. Dessa forma, a noção de habitus de Bourdieu acrescenta uma outra camada às práticas cotidianas, que muito interessa a esta pesquisa.

A noção de habitus tem relação com o “conhecimento adquirido” e “indica a disposição incorporada, quase postural” (Bourdieu, 1978, p. 61), ou seja, um conjunto de disposições práticas que se adquire ao longo da socialização do indivíduo, formando condutas perenes no seu modo de ser. O habitus tem um duplo movimento, no qual os indivíduos recebem a influência da sociedade e constroem sua subjetividade, relacionada a sua condição de existência e em outro movimento o habitus possibilita que o indivíduo registre sua marca na sociedade, como um “duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade”. (BOURDIEU, 1983, p.47 apud PETERS, 2018).

O habitus, dessa maneira, se constitui como um senso prático que ao mesmo tempo constrói a subjetividade do indivíduo e orienta a relação e atuação dele na sociedade. Esse senso prático traz diferentes sentidos: o sensório, de experimentar o mundo sensorialmente através do corpo; o senso significativo, construído pela atribuição de significado e avaliação para com o mundo; e o sentido prático, da ação e reprodução comportamental que assumimos na relação com o mundo. Apesar dessa distinção analítica, esses sentidos operam simultaneamente e são classificados como:

Esquemas de percepção, avaliação e ação [...] Esquemas de percepção servem para atribuir inteligibilidade e significado aos fenômenos com que os agentes se deparam no mundo social [...] Esquemas de avaliação atribuem valores diferenciais aos agentes e objetos percebidos [...] Esquemas de ação são, é claro, modos de fazer (PETERS, 2013, p. 206)

Nessa perspectiva, Bourdieu (1978) insere o conceito de habitus em uma dimensão mais ampla, como uma concepção que integra o arcabouço para a compreensão do mundo social. Bourdieu (1978) se debruça na teoria das classes sociais, com o intento de superar a oposição entre as teorias objetivistas e subjetivistas, ou seja, reunir as concepções opostas das “divisões sociais na objetividade das diferenças materiais e na subjetividade das representações” (p. 108). A primeira concepção trata da realidade objetiva, das propriedades materiais, do sujeito que é submetido e medido como um objeto do mundo físico, ela visa apreender a realidade e revelar leis; enquanto a concepção subjetiva toma como princípio não a realidade objetiva, mas a representação dela em um mundo social concebido a partir de propriedades simbólicas, fruto das relações com os sujeitos.

Isso significa que a realidade social admite duas leituras diferentes: de um lado, aquela armada de um uso objetivista da estatística para estabelecer distribuições (no sentido estatístico e também econômico), expressões quantificadas da repartição de uma quantidade finita de energia social entre um grande número de indivíduos em concorrência, apreendidas por meio de “indicadores objetivos” (ou seja, de propriedades materiais); de outro, a leitura voltada a decifrar significações e a lançar luz sobre as operações cognitivas pelas quais os agentes as produzem e decifram. (BOURDIEU, 1978, p. 106)

Nos estudos das ciências sociais, Bourdieu (1978) sugere que essa dicotomia seja enfrentada através da integração do conhecimento especializado do objeto e do conhecimento prático que os sujeitos têm do objeto, buscando compreender, dessa forma, as capacidades de apropriação dos instrumentos de produção material ou cultural (capital econômico) e das capacidades de apropriação simbólica desses instrumentos (capital cultural). Dessa forma, ele assume que os grupos sociais têm, ao mesmo tempo, duas faces: aquela inscrita na distribuição das propriedades materiais; e aquela das classificações e representações que os agentes constroem a partir de um conhecimento prático. Essas duas faces não são independentes entre si, pois as representações produzidas pelos agentes é produto de uma percepção da posição no sistema de distribuição de propriedades materiais e do capital simbólico, os quais passam a ser reafirmadas simbolicamente no estilo de vida, sendo “as diferenças objetivas, inscritas nas propriedades materiais e nos lucros diferenciais que elas trazem” convertidas em “distinções

reconhecidas nas e por meio das representações que fazem e que formam delas os agentes”. (BOURDIEU, 1978, p. 111)

Esse esquema produz um valor distintivo em relação às práticas e às propriedades materiais, que resultam em uma maneira particular de viver e são classificadas, portanto a partir de um critério de pertinência socialmente determinado: “Toda diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção” (BOURDIEU, 1978, p. 111). Sendo, dessa forma, construído um sistema simbólico, apoiado nas separações diferenciais do universo social, no qual as marcas de distinção e estigmas sociais são traduzidos e restabelecidos a partir das diferenças econômicas. Esse sistema de classificação torna bens materiais mais do que instrumentos de troca e lucro, mas signos de reconhecimento que são incorporados e funcionam como uma linguagem primordial.

Toda distribuição desigual de bens ou de serviços tende assim a ser percebida como sistema simbólico, ou seja, como sistema de marcas distintivas: distribuições como a dos automóveis, os lugares de residência, os esportes, os jogos de salão são, para a percepção comum, sistemas simbólicos em cujo interior cada prática (ou não prática) recebe um valor, e a soma dessas distribuições socialmente pertinentes desenha o sistema dos estilos de vida, sistema de separações diferenciais engendradas pelo gosto e por ele apreendidas como signos de bom ou mau gosto [...] (BOURDIEU, 1978, p. 112)

Esse sistema de percepção, retradução simbólica do estilo de vida, e ação social, que é conferido no conceito de habitus, torna-se um importante instrumento desta pesquisa, devido ao entendimento de que as práticas cotidianas não são elementos observáveis e passivos diante do olhar do pesquisador, mas são revestidos de camadas simbólicas que trazem outros sentidos ao mundo social analisado, no qual o pesquisador também interage através de seu próprio habitus. Essa perspectiva teórica também pode aprofundar a relação de apropriação dos grupos sociais no espaço urbano e no caso do objeto de estudo da pesquisa, que é um espaço social periférico, torna-se essencial compreender o aspecto do estigma social e de como o sistema de classificações, referido acima, também constrói relações de distinção, diferenciação, setorização espacial, e um universo simbólico de percepções e ações no espaço urbano. Essa perspectiva é importante para reconhecer que as questões de conflitos entre grupos de interesses antagônicos, as relações de segregação ou sinais de pertencimento, estão para além do princípio da ordem social, em um sentido estrutural, objetivo e sistêmico.

Para abranger essa dimensão objetiva é necessário incluir à experiência subjetiva, a partir de um modo de produção científico que supõe uma percepção adquirida na operação prática ou na observação desse habitus científico, que, de acordo com Bourdieu, é um modus

operandi que “funciona em estado prático” (BOURDIEU, 1989, p. 21). O autor ainda aponta para a importância da realização do trabalho empírico para se construir um programa de percepção e ação a partir da teoria científica. Pois, a partir desse modo de aquisição prática do objeto, é possível se revelar uma série de esquemas explícitos e implícitos, transmitidos ou silenciosos, através dos conteúdos, saberes, modos de pensamento e ação (BOURDIEU, 1989).

2.3 ARTICULAÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE A ARQUITETURA E URBANISMO E A ANTROPOLOGIA URBANA: ETNOGRAFIAS E AMBIÊNCIAS

O campo da Arquitetura e Urbanismo, especialmente no contexto brasileiro, foi desenvolvido através dos cânones modernistas e do ideal do arquiteto-urbanista onipotente. Aliado à ideologia do progresso que dominava o campo intelectual na década de 1960, culminou em uma geração de profissionais e teóricos que reproduzem a lógica da “tábula rasa” e a ideia de domínio do espaço e dos problemas da realidade estrutural e material da sociedade. Por outro lado, algumas tendências alternativas foram surgindo em contraposição à prática hegemônica, sendo incluídas, nas abordagens teóricas, as questões das favelas, dos conjuntos habitacionais, além de outras metodologias que começaram a ser apreendidas (SANTOS, 1980).

Essas tendências alternativas redirecionaram o interesse dos padrões de arranjos dos espaços públicos e privados, nas suas formas de produção e consumo, para o interesse nas inter-relações sociais e nas redes de significados. Desse modo, para agir no meio urbano, seria necessário conhecê-lo melhor em suas particularidades: “às vezes é preciso fazer longas viagens para descobrir como o quintal da própria casa está regurgitando de aventuras” (SANTOS, 1980, p. 43). Nessa mesma época, a Antropologia se debruçou mais em temáticas relacionadas aos grupos dominados e oprimidos, procurando responder aos desafios consequentes do golpe militar de 1964, e foi marcada pela ampliação do seu campo de atuação, no qual houve um crescente interesse no meio urbano como objeto de investigação. (VELHO, 1978)

A partir de uma teoria crítica ao projeto modernista, nasce o diálogo com a Antropologia Urbana, que se torna um campo potente para ampliar a perspectiva dos estudos urbanos e seus sistemas e redes de relação. Uma contribuição da Antropologia é a superação das generalizações sobre a estrutura social e a busca pela abrangência de sua complexidade e diversidade, além da preocupação com a dimensão do detalhe e da particularidade dos objetos estudados (SANTOS, 1980).

A partir dessa concepção, começou a se realizar uma Antropologia *na cidade* em detrimento de uma Antropologia *da cidade* em que nasceram pesquisas dedicadas a diversas temáticas situadas na metrópole, entre outras pesquisas que estavam ancoradas em *lugares*, passou-se a etnografar “praças e ruas, tematizando bairros, favelas e periferias, considerando modos de construir e de habitar” (VEIGA e SIMÕES, 2016, p.10). A cidade passou a ser considerada em uma pesquisa etnográfica “como atualização de uma *forma cultural*, um plano de organização da experiência passível de ser apreendido por meio de seu sistema construído, de suas práticas, modos de fruição e de apropriação do espaço” (VEIGA e SIMÕES, 2016, p.10).

Segundo Santos (1980) a noção de localidade é muitas vezes abordada de forma simplista pelo planejamento urbano, “como se fosse dependente de uma resposta já conhecida de antemão e redutível a uma questão de limites físicos e políticos” (SANTOS, 1980, p. 45). Contudo, o aporte da Antropologia pode contribuir para reverter essas tendências homogeneizadoras e oferecer para o contexto dos estudos urbanos “essa abertura que permite que ela se manifeste de maneiras tão diferentes e tão particulares” (VELHO, 1978b apud SANTOS, 1980, p. 45).

E como afirma a autora Mariza Peirano, a Antropologia é que “mantém viva a consciência de que o que se aprende e/ou descobre é sempre provisório e contextualizado; e, finalmente, que reconhece suas maiores realizações nas questões formuladas mais do que nas respostas sempre efêmeras” (PEIRANO, 1995, p.11). A autora afirma também que a Antropologia é plural, e não se pretende nomológica, ou seja, não é uma ciência “normal” que produz a partir de normas e as aplica à teoria. Dessa forma, há uma tensão entre a teoria e o empírico, entre a categoria *nativa* e os conceitos teóricos, pois o exercício de mergulhar no contexto *nativo*, nos costumes, conceitos etc. vem no pesquisador e não ao pesquisador (PEIRANO, 1995).

Para construir o objeto a ser investigado em Antropologia, é necessário o confronto entre as teorias do pesquisador e as categorias próprias dos grupos sociais, tendo o método etnográfico como ferramenta para os registros dos “costumes, comportamentos e reações regulares ou únicas nas interações e dramas sociais do cotidiano” (VOGEL e MELLO, 2016, p. 35). Dessa forma, fazer etnografia é implementar um esforço para interpretação do objeto de estudo, é como tentar ler “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências,

emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.” (GEERTZ, 2008, p.7).

Dessa maneira a Antropologia é entendida "não como uma ciência experimental em busca de leis gerais, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado" (GEERTZ, 2008, p.4). É importante destacar que o conceito de cultura, para Geertz (2008), é essencialmente semiótico, e partindo das ideias de Weber, ele aborda a cultura como uma teia de significados tecida pelo próprio homem, pensada como um texto elaborado socialmente, a partir de um contexto no qual os comportamentos adquirem inteligibilidade (GEERTZ, 2008).

No campo da Antropologia, também se tem a contribuição dos Comaroff (2010), que argumentam que a maior fraqueza da etnografia é também seu ponto forte, e esse paradoxo é uma tensão produtiva que se consiste na recusa de confiar em técnicas que conferem aos métodos científicos uma objetividade ilusória e da recusa em utilizar unidades de análise padronizadas, por exemplo, a partir de um olhar que separa sujeito e objeto. (COMAROFF; COMAROFF, 2010).

Outra contribuição trazida pelos autores é o lugar da etnografia e da história na Antropologia, ao discutirem sobre essa relação, as veem como meios complementares entre si para a reflexão sobre o *mesmo* e sobre o *outro*, ou seja, como métodos complementares na Antropologia, e propõem, assim, uma etnografia associada à imaginação histórica. Para eles, a etnografia e a história são formas de conectar os fragmentos que se pode acessar em uma pesquisa empírica a um contexto mais complexo e abrangente, que é histórica e culturalmente determinado, e lhes conferir significado, “a localização de nossos fragmentos exige a compreensão da forma como estes navegam pelas águas turbulentas da divisão e unidade em um dado momento”. (COMAROFF; COMAROFF, 2010, p. 40).

A etnografia não tenta fazer uma tradução literal, seria um “modo historicamente situado de compreensão de contextos historicamente situados, cada um com seus próprios – e talvez radicalmente distintos – tipos de sujeitos e subjetividades, objetos e objetividades” (COMAROFF; COMAROFF, 2010, p.11). Para uma etnografia histórica, é necessário construir seu próprio arquivo, não pode se basear apenas em provas documentais “devemos, portanto, trabalhar tanto dentro quanto fora dos limites do registro oficial, tanto a partir quanto para além dos guardiões da memória nas sociedades que estudamos” (COHN, 1987, p.47 apud COMAROFF; COMAROFF, 2010, p. 42).

Vogel e Mello (2016) também defendem outra possibilidade de compreensão da história para além da leitura de decretos, legislações pertinentes etc. E propõem a reconstrução da história do uso dos lugares por meio do “recolhimento de histórias de vida e reconstituição de fases anteriores segundo as memórias dos residentes” (VOGEL; MELLO, 2016, p. 39). O olhar antropológico, que não busca respostas definitivas, assim como o método etnográfico, mostram-se imprescindíveis para se pesquisar e entender questões como essas.

Tradicionalmente, a Antropologia lida com métodos de pesquisa qualitativos, como a observação participante, a entrevista aberta, e o contato direto e aprofundado com o campo de estudo (VELHO, 1978), sendo esses, parte dos instrumentos realizados pela etnografia.

A associação de entrevista qualitativa com outras técnicas de pesquisa é muito frequente nos estudos etnográficos, que, por exemplo, costumam utilizá-la com as técnicas de observação. Isto se revela útil porque, ao se propor estudar características culturais de determinada comunidade, o pesquisador pode estar interessado em conhecer as crenças, os valores e as opiniões das pessoas, e, também, em perceber de que modo estes valores e crenças se expressam no cotidiano das pessoas, ou seja, na sua conduta ou comportamento diário, o que torna pertinente associar entrevistas à observação participante. (FRASER e GONDIM, 2004, p. 146)

Como afirmam as autoras Fraser e Gondim (2004), quando se objetiva entender as opiniões, crenças, e valores das pessoas, é útil se adotar como procedimento metodológico as entrevistas, mas quando se busca também entender “o comportamento humano, ou seja, a forma como as pessoas agem no cotidiano e não somente falam sobre ele, existem outras técnicas, tais como a observação participante e a observação sistemática” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 140). Então, a associação dessas técnicas tornou-se necessária de acordo com os objetivos da presente pesquisa, que como já mencionado, também busca ir além das contextualizações históricas a partir dos cânones estabelecidos das provas documentais, nesse sentido, busca não somente a história escrita, mas também, a história oral. E para isso também que as entrevistas associadas à observação participante se apresentam como método bastante propício.

Sobre essa questão, Meihy e Seawright (2021) afirmam que a história oral se apresenta como um processo que requer entrevistas planejadas, a partir de um projeto específico que contém objetivos, disponibilizações e análises, além dos registros dos procedimentos adotados. Usar a documentação oral é diferente de utilizar simplesmente fontes orais e sonoras; mais diferente ainda de se utilizar a documentação escrita. Uma vez que com a documentação oral, os procedimentos, apesar de premeditados, precisam ser mais maleáveis, o planejamento precisa estar mais aberto a diálogos e a mudanças, por causa do rumo tomado pelas entrevistas.

Todo projeto de história oral baseado na expressão da memória se caracteriza por admitir flexibilidade e superação do mecanicismo, condição que confere sentido ao que se reconhece por “história viva” ou história feita no tempo vivo da memória. [...] As partes propostas para projetos em história oral remontam espaços de criatividade, de condução adequada e de escolhas multiplicadas segundo as vivências no campo de pesquisa. (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.34)

E essas são técnicas e processos utilizados comumente na prática etnográfica. Mas, como define Geertz (2008) a etnografia não é apenas uma questão de métodos- entrevistar informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário de campo etc. o que a define é a metodologia associada ao tipo de esforço intelectual representado, ou seja, quando se objetiva realizar uma “descrição densa” (GEERTZ, 2008).

Trazendo o foco para o estudo das questões urbanas, a etnografia passa a ser um recurso muito interessante para ampliar a perspectiva do arquiteto-urbanista para uma percepção mais aproximada dos lugares e das relações sociais estabelecidas, como argumenta Magnani (2002), sobre como a etnografia proporciona o redirecionamento dos estudos “de fora e de longe” para “de perto e de dentro”, numa aproximação das dinâmicas culturais e formas de sociabilidade.

Para o arquiteto-urbanista pesquisador, o exercício etnográfico para o estudo dos lugares e dos seus usuários pode ser muito enriquecedor para além dessa relação, mas também com a contribuição do “sentimento espacial” do próprio pesquisador sobre o campo e objeto pesquisado (DUARTE, 2013). Nesse sentido, a noção de ambiência é um caminho para o pesquisador expressar esse “sentimento espacial”, por abordar o espaço através de uma abrangência dos elementos físicos e intangíveis, juntamente com as relações humanas que se estabelecem, sendo a ambiência um sentido que está em todos os espaços da vida cotidiana, possibilitando a interação entre as emoções, a percepção e as ações. A ambiência se localiza, então, mais no campo empírico do que no teórico e requer um retorno ao concreto, à observação e à vivência (MELO, 2019). Dessa maneira, a autora Duarte (2013) afirma que o corpo é o limite físico do *eu*, sendo através da experiência corpórea que advém a relação de reconhecer o que se está além de si mesmo, de reconhecer o *outro*.

A Ambiência funciona, então, como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação. Por isso ela não pode ser reduzida a uma somatória de objetos isolados, de impressões consecutivas ou moldes de comportamentos individuais. Na realidade, é a Ambiência que unifica um suporte espacial e o preenche de significados, num processo de retro-alimentação que nos permite compreender que não percebemos a ambiência e, sim, percebemos de acordo com ela. Somos o corpo que torna a Ambiência uma existência. Qualquer recorte espacial seria

inerte se não interagisse reciprocamente com as dimensões físicas, sensoriais, sensitivas e psicológicas dos que o utilizam. (DUARTE, 2013, p. 23)

Rapoport (1969 apud DUARTE, 2013) enfatiza que ao se estudar as relações que as pessoas constroem com o espaço, é mais importante entender como as pessoas realizam as atividades, do que quais são as atividades realizadas por elas. Dessa maneira, a ambiência está mais relacionada ao *como* a ação é realizada do que *qual* a ação que se realiza. Então, a ambiência não seria o objeto da percepção, e sim, estabeleceria “os termos da percepção, afetando todos os tipos de ação” (DUARTE, 2013, p. 23). A ambiência evoca a subjetividade da experiência coletiva e da consciência de pertencer a um lugar “cujas sensações possuem significados compartilhados pelos seus usuários. Evidencia-se, assim, uma clara ‘encarnação’ da subjetividade”. Nesse caso, ela se “reconhece na coletividade, apesar de se representar na individualidade” (DUARTE, 2013, p. 23).

Thibaud (2010) acrescenta que a abordagem das ambiências não se restringe a uma perspectiva normativa, ela vai além das abordagens positivistas e de uma orientação psicofísica; traz uma abordagem sensível da cidade, que é a estética das ambiências. Essa abordagem “ênfata a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana” (THIBAUD, 2010, p.9), dos espaços urbanos e arquitetônicos. E isso é muito importante quando se busca “captar e restituir a concretude da experiência urbana” (THIBAUD, 2010, p.9).

Para isso, a presente pesquisa adota a etnografia e as técnicas e procedimentos relacionados a essa – caminhadas, observação de campo, registros etnográficos, registros fotográficos, e entrevistas, que serão melhor apresentados mais à frente, a partir da articulação entre a Arquitetura e Urbanismo e a Antropologia Urbana. Assim como, utiliza registros escritos, documentação primária e secundária, bibliográfica, associada à história oral, construída com base na interlocução com os participantes da pesquisa, através das entrevistas realizadas nos espaços públicos que esta pesquisa teve como lócus.

No capítulo seguinte será apresentada uma contextualização sobre a história de ocupação de Brasília Teimosa e da praia do Buraco da Véia, por compreender que mesmo para se realizar uma pesquisa com maior ênfase no viés metodológico empírico e na etnografia, é importante situar o objeto de pesquisa em um contexto mais abrangente, situando-o nos processos históricos e socioculturais.

3 HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO DE BRASÍLIA TEIMOSA

3.1 PAISAGEM DE BRASÍLIA TEIMOSA

O território onde hoje é a Brasília Teimosa, ao longo dos séculos, foi ocupado e modificado de diversas formas. No período em que Olinda ainda era capital de Pernambuco, e o Recife, uma pequena Vila de Pescadores, Brasília Teimosa era uma área de alagados, formada por ilhas. Suas primeiras ocupações já mencionavam o que viria a ser uma parte dessa região, o Bairro do Pina. Essa região litorânea ficava relativamente próxima à vila de Recife, mas devido a sua localização em um estuário, resultado da confluência dos rios Capibaribe, Jiquiá e Tejipió, do Riacho do Pina e das águas do oceano, a relação entre a região portuária do Recife e o Pina, exigia o uso de transporte fluvial. “Era uma região formada por pequenas ilhas, dentre as quais a memória popular do século XX guardou [...] Eram as ilhas do Bode, do Nogueira, do Pina – também conhecida pelo nome de Lazareto” (ARAÚJO, 2007, p. 440).

Figura 01 – Planta da Cidade do Recife, 1875.



Fonte: Bibliotheque Nationale da França, 1875 apud SALES, 2017

Segundo Silva (2008), o nome do bairro do Pina deu-se devido à ocupação primitiva dos irmãos Pina em uma dessas ilhas, que trabalhavam com comércio de açúcar e tinham um armazém naquela região. Pela sua localização estratégica em relação ao sítio do Recife, do

ponto de vista comercial e militar, desde o século XVI até a meados do século XIX, a região do Pina abrigou uma fortificação no Pontal do Pina, além de estruturas militares provisórias, tendo sido palco de vários conflitos, como na invasão holandesa que a região serviu como base para a conquista de outras áreas e para defesa. Já no século XVIII, no período da Guerra dos Mascates, o Pina foi ocupado pelas tropas do Partido de Olinda, na tentativa de sitiar o povoado do Recife.

No que tange à relação de Brasília Teimosa com as águas, pode-se notar a sua importância desde a sua origem, por conta de sua característica geográfica e paisagística de região alagada, formada por rios e mangues, assim como pela sua conexão com o ambiente marítimo. Dessa forma, essa natureza condicionou a sua ocupação e a relação de subsistência dos habitantes, levando ao nascimento da comunidade em torno de uma Colônia de Pescadores, como será exposto adiante. A ocupação do Pina e Brasília Teimosa foi entre águas, sua história é construída sobre aterros e suas construções com a matéria prima que a natureza ofereceu.

A zona do Pina era parte da paisagem anfíbia da planície do Recife, tal como a percebeu Josué de Castro, feita de linguados de areia, ilhas, mangues, pauis, braços de mar, arrecifes, deltas e décalos fluviais. Zona de mangues e alagados, desprezada como lugar de residência pelos ricos – e assim o seria, até pelo menos meados da década de vinte do século passado, quando se teria iniciado a especulação imobiliária na faixa de praia. (ARAÚJO, 2007, p. 441)

Uma paisagem singular se desenvolveu na costa litorânea desde o século XVI e se manteve quase intocável até meados do século XX, com grandes territórios vazios, os quais eram apropriados por formas particulares de exploração econômica de camadas sociais populares “ligadas à pequena lavoura e à pesca: jangadeiros pescadores livres e escravos, sítiantes e rendeiros, proprietários de terra, de currais de peixes e embarcações”. (ARAÚJO, 2007). No início do século XX, a área do Pina foi retiro para muitos negros outrora escravizados que erguiam cabanas de palha sobre áreas de mangue, como afirma Araújo (2007), caracterizando como uma região com caráter popular em sua ocupação inicial, ocupada por essa população de escravizados foragidos, os quais por meio da relativa liberdade se tornaram pescadores.

A primeira ocupação expressiva de pescadores registrada na região do Pina, foi no final do século XIX, quando a abertura natural nos arrecifes, localizada ao sul do Porto do Recife, conhecida como Barreta das Jangadas, foi fechada. Nesse período havia uma comunidade de pescadores na Rua das Jangadas, onde hoje é o bairro do Cabanga, que aportava suas

embarcações na Bacia do Pina e utilizava a Barreta como saída para o mar aberto. Com as reformas portuárias e a construção do Dique do Nogueira, houve o fechamento da Barreta, impedindo a rota tradicional das jangadas pela Bacia do Pina para o oceano, acarretando que esses pescadores buscassem um novo acesso ao mar de fora. Como nos arrecifes da ilha do Pina havia um acesso menor, conhecido como Barretinha, aos poucos a comunidade de pescadores passou a ocupar a região do Pina, a qual foi se expandindo, atraindo outros trabalhadores, moradores e veranistas. (SILVA, 2008)

Além dos pescadores, outros moradores da região que viviam nos casebres da praia ou nas margens do mangue tinham as águas do rio e do mar como fonte de sobrevivência. O povoado se alimentava de frutos do mar, ostras do mangue, peixes, em uma fonte ilimitada e pouco explorada, “o povo era pobre, mas a maré era rica” (SILVA, 2008, p. 35).

Em 1853 a ilha do Pina foi apropriada pelo uso higiênico-sanitário, com a criação de um lazareto, no qual os africanos traficados e viajantes europeus ficavam em um período de quarentena. Na época, os lazaretos eram uma solução contra as doenças vindas com as embarcações dos viajantes que chegavam ao Porto do Recife, como a epidemia de cólera que assolava nesse período, sendo estrategicamente instalados em áreas fora dos limites do centro urbano. O lazareto, que também era acompanhado por um cemitério, posteriormente teve suas estruturas melhoradas, se tornando o Hospital da Bubônica, pertencente à Santa Casa da Misericórdia (SILVA, 2008). O lazareto funcionou em diferentes instalações na ilha do Pina até 1902, causando uma repercussão negativa na percepção social e que se perdurou como um estigma em relação à região (ARAÚJO, 2007).

Em 1875, Araújo (2007) aponta que já havia linha férrea ligando o Recife até o Cabo de Santo Agostinho, causando novas dinâmicas no processo de loteamento na região, especialmente em Boa Viagem. Contudo, o Pina ainda era uma área com reduzido acesso, o qual conservava uma estrutura fundiária primitiva e com características de uma natureza pouco modificada, contando com poucas edificações mais imponentes, de construção de alvenaria, mas o que se predominava na paisagem era a natureza alagadiça, o mangue, a diversidade de árvores e o coqueiral, além dos casebres dos pescadores:

Na paisagem do Pina, predominavam os coqueiros, os sítios de frutas, pés de carrapicho, feijão de boi [...] No mais eram mangue e maré, maré e mangue, de onde provinham os peixes, os caranguejos, as cachadas de ostras para fazer o escabeche e a alegria do pobre. As casas eram poucas e ficavam na beira da praia, tudo de palha dos pescadores. Depois com a maior procura do lugar para morada, os chãos lamosos dos mangues foram sendo aterrados, palmo a palmo. (ARAÚJO, 2007, p. 455)

A região alagada das ilhas do Pina passou séculos com baixa densidade populacional e pouco desenvolvimento urbano, devido a sua condição geográfica de área de mangue e alagados, sua conexão com o centro urbano do Recife se dava por transporte fluvial, fator que dificultava o seu acesso. Como exposto, ao longo do tempo, essa foi uma área que abrigou alguns empreendimentos comerciais, portuários, militares e de uso higiênico-sanitário, contudo sempre teve um caráter popular.

As primeiras populações que se fixaram na região do Pina, em sua maioria, eram de pessoas pobres, pessoas escravizadas foragidas ou já em relativa liberdade, pescadores e trabalhadores do Porto, lavadeiras, biscateiros, que habitavam construções simples de palha ou madeira, constituindo uma paisagem pouco habitada e popular. “O Pina estava historicamente associado às camadas populares. A maior parte de sua população espalhada por entre ilhas e mangues, era composta de pescadores, trabalhadores assalariados pobres e desocupados” (ARAÚJO, 2007, p. 508), também por isso foi desprestigiada pelas ações políticas e urbanísticas, como no início século XX, quando o sistema de saneamento foi instalado em parte da cidade do Recife, deixando de fora a região do Pina, mas utilizando a sua praia para despejo dos encanamentos.

Figura 02 – A região alagada do Pina com mocambos e coqueirais



Fonte: SILVA, 2008.

A ocupação e transformação do meio ambiente natural dessa região se deu inicialmente nas áreas de terra firme, acomodando-se às condições da topografia. No final do século XIX, houve um primeiro momento de ocupação expressiva por um grupo de pescadores que passariam a viver na região e o outro momento de crescimento expressivo de uma nova população ocorreu por conta das reformas do bairro portuário do Recife, realizadas a partir de 1909, quando a região do Pina passou a ser um canteiro de obras, atraindo muitos trabalhadores para morar nessa área. (SILVA, 2017).

Nesse período, começaram os primeiros adensamentos e com o crescimento da população, houve a formação de arruados e quarteirões, configuração que se consolidou em meados do século XX, quando o território do Pina passou por diversos aterros. “O aterro era feito com lama da própria maré.” (SILVA, 2008, p. 33)

Devido a essa modernização e às grandes reformas portuárias, por volta da década de 1930, foi realizado um grande aterro de uma área triangular - entre as ilhas do Pina, o Dique do Nogueira e os arrecifes - para a instalação das estruturas portuárias, o que se tornou o Areal Novo, o solo de fundação de Brasília Teimosa, onde uma colônia de pescadores viria a se instalar.

Figura 03 – Construção do Dique do Nogueira sobre os arrecifes do Porto do Recife e ao fundo a ilha do Pina.



Fonte: Foto de F. du Bocage. Fonte Villa Digital. Fundação Joaquim Nabuco.

Na década de 1920, as comunidades pesqueiras do Brasil foram oficializadas como colônias, pela liderança do Almirante Frederico Vilar, possibilitando uma maior organização e segurança dos trabalhadores de atividades pesqueiras, os quais vinham lutando pela regulamentação da profissão e pelos seus direitos trabalhistas, até então ignorados pelos poderes governamentais. Nesse processo, foram reconhecidas várias colônias de pescadores no Estado

de Pernambuco, sendo a Colônia Z-1, localizada na região do Pina, a primeira a ser fundada por conta da sua importância política (SILVA, 2008).

Posteriormente, depois de vinte anos de abandono da região do Areal, parte dessa área foi doada por decreto presidencial à Federação das Colônias de Pescadores de Pernambuco, em 1953, sendo realizada a transferência da sede da Colônia Z-1 para aquela localidade, com a ocupação do seu entorno imediato, por lotes distribuídos para os pescadores associados. Inicialmente a área da Colônia ficou isolada entre o vasto território descampado do Areal, mas, com o passar do tempo, os pescadores e trabalhadores do Porto começaram a expandir a ocupação, criando lotes para abrigar outros moradores (SILVA, 2017).

A ocupação de Brasília Teimosa sobre o Areal Novo começou por volta de 1953, intensificando-se nos anos 1957 e 1958, consequência de alguns fatores relacionados às dinâmicas socioeconômicas e urbanas que o país estava passando, como a industrialização e a longa estiagem que o Nordeste sofria no período, ocasionando um grande deslocamento populacional das áreas rurais para o litoral. Nesse contexto, a região de Brasília Teimosa foi sendo ocupada por uma população de baixa renda que insistentemente resistiu aos despejos e demolições que sofriam, se reconstruindo teimosamente e se estabelecendo enquanto comunidade (ARAUJO, *et al*, 1985).

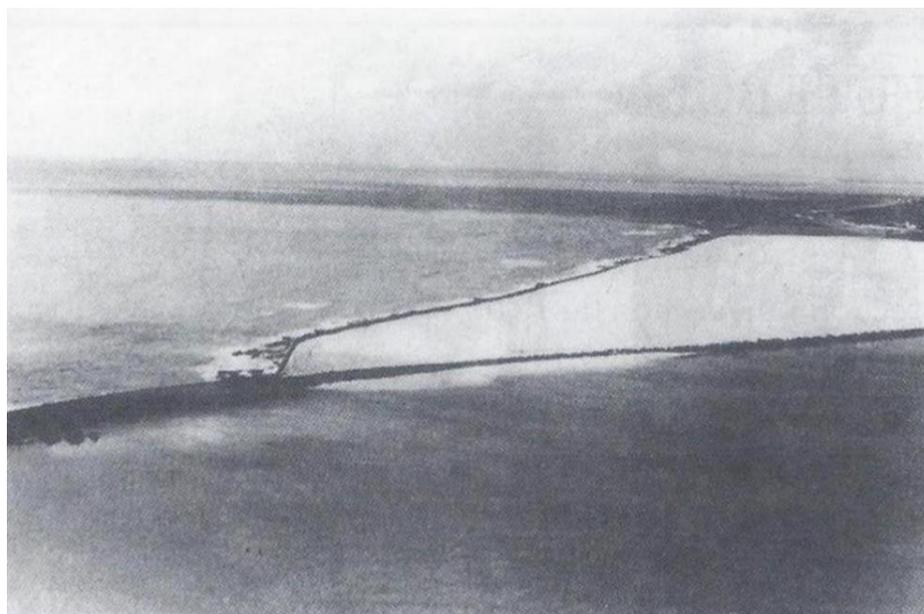
Há na Brasília Teimosa uma histórica rebeldia coletiva e a certeza da transformação social através da organização comunitária. Foram várias as tentativas para expulsar a população, que resistiu e permaneceu no bairro. No momento mais crítico, o Conselho de Moradores foi o catalisador do processo organizativo [...]. (SILVA, 2017, p. 9)

A referência do seu nome à capital do Brasil, a qual estava sendo construída no mesmo período da ocupação popular do Recife, marca as contradições sociais do país e a astúcia da população pioneira de Brasília Teimosa, que com suas próprias mãos construiu e reconstruiu seus casebres. Segundo Silva (2017), quando essa ocupação começou a se expandir, além da Colônia de Pescadores Z-1, com uma nova população que autonomamente construiu suas casas, houve resistência dos pescadores que ali primeiro chegaram, junto com a polícia que representava o Estado e tentou diversas vezes conter e retirar tais ocupações. Contudo, com persistência e organização os líderes da ocupação conseguiram convencer os pescadores, os quais se juntaram a esses novos moradores, a criar um objetivo comum de resistir contra as ofensivas policiais e estabelecer ali uma comunidade.

Os líderes da ocupação do Areal Novo, convenceram os representantes da Colônia Z-1 de que aquela população pobre era tão necessitada quanto os pescadores e que juntos

seriam mais fortes para lutar pela permanência e urbanização da comunidade. Então os representantes da Colônia se juntaram aos novos moradores e organizaram o alinhamento das ruas definindo os nomes por letras: rua A, B, C e assim, sucessivamente. (SILVA, 2017, p. 23)

Figura 04 – Aterro que formou o Areal Novo



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife. Fundarpe. SILVA, 2008.

Figura 05 – Brasília Teimosa já com suas ocupações loteadas na década de 1970.



Fonte: Blog Almanaque, 2010.

Como visto, a paisagem da Brasília Teimosa se modificou, resultado do seu crescimento populacional e das conquistas urbanas e de moradia, reivindicadas pela sua população. Sua paisagem se adensou com palafitas e moradias precárias na beira do mar, as quais posteriormente foram objeto de uma intervenção urbanística para a da comunidade, resultando na construção da emblemática Avenida Brasília Formosa. Nesse mesmo período de requalificação, a Prefeitura do Recife renomeou as ruas para nomes de peixes¹ em homenagem aos pescadores e à tradição pesqueira da comunidade (SALES, 2017 apud BRASÍLIA, 1998).

A infraestrutura urbana e de rede viária de Brasília Teimosa passou por melhoramentos, foram realizadas pavimentação e instalação de infraestrutura básica, rede de transporte público e construções de vilas para moradia. Essa estruturação potencializou as atividades realizadas e a autonomia da comunidade, com a presença de diversos tipos de comércios e serviços, concentradas na principal via da comunidade: a Rua Arabaiana, assim como nas casas de peixaria por todo o bairro. Essas mudanças oportunizaram maior dignidade e qualidade de vida para os moradores, contando com a implantação de equipamentos públicos essenciais, como escolas públicas, creche e postos de saúde².

As modificações também ocorreram no seu entorno, o Pina cresceu e começou a se tornar uma extensão de Boa Viagem, no seu caráter urbano e imobiliário, tornando Brasília Teimosa mais isolada e em risco de processos especulativos do capital imobiliário. No decorrer desse capítulo, esses processos irão se aprofundar para construir uma percepção da paisagem, da história social e das lutas Brasília Teimosa, com interesse especial pelos espaços públicos praianos.

De acordo com o censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Brasília Teimosa contava com uma população de 18.334 habitantes e 5.464 domicílios em seu território, configurando como a segunda comunidade mais populosa da Cidade do Recife (293 hab/ha). Ainda de acordo com o Instituto, o Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal dos Domicílios era de R\$ 1.220,81, indicador abaixo da média nacional, mas que demonstra que a comunidade vem aumentando os índices socioeconômicos ao longo das décadas. Como já mencionado anteriormente, a comunidade de Brasília Teimosa

¹ Rua Espardate, Rua Golfinho, Rua Salmão, Rua Atum, Rua Estrela do Mar, Rua Delfim, Rua Carapeba, Rua Nequim, Rua Parí, Rua Serra, Rua Medusa, Rua Gruarajuba, Rua Poraquê, Rua Pargo, Rua Badejo, Rua Albacora e Rua Arabaiana.

² Segundo a Prefeitura da Cidade do Recife (2017) existem 4 escolas municipais, 3 escolas estaduais, 1 creche e 2 postos de saúde.

é uma ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), que é caracterizada como área de assentamentos habitacionais de população de baixa renda e de maneira geral, trata-se de territórios ocupados espontaneamente, que são incorporadas pelo zoneamento e destinados à recuperação urbanística, à regularização fundiária e à produção de habitações de interesse social. Esses dados apontam que Brasília Teimosa se trata de uma comunidade de classe popular, mas com o passar das décadas vêm transformando sua condição urbana e socioeconômica e apresenta uma diversidade socioeconômica.

3.2 HISTÓRIA DE TEIMOSIA: RESISTÊNCIA, LUTA E CONQUISTAS URBANAS

“Daqui não saio
Daqui ninguém me tira
Onde é que eu vou morar
Se derrubam meu barraco é de lascar
Inda mais com 4 filhos
Onde é que eu vou morar”³

Na década de 1970, o Brasil se encontrava em um contexto de ditadura militar, com forte repressão política por parte do Estado, e em um momento em que a mobilização de diversos setores avançou na resistência e luta pela democracia, culminando em um crescimento dos movimentos sociais que atuaram intensamente na década seguinte, na redemocratização do país.

O Recife dos anos 1980, caracterizou-se pelas lutas comunitárias das Associações de Moradores em favor da população mais carente. O processo de democratização havia propiciado a reorganização política da militância de esquerda, egressa da Igreja progressista, em torno da posse da terra, do direito à moradia. (SILVA, 2008, p. 55)

A abertura política catalisou o engajamento aos ideais democráticos e possibilitou que lutas e movimentos sociais, até então reprimidos pelo regime ditatorial, tomassem a dimensão da transformação da realidade para uma perspectiva de justiça social e democracia. Muitas reivindicações populares tomaram força e forma em movimentos sociais e nesse contexto Brasília Teimosa representou fortemente a mobilização da sociedade civil junto a outras comunidades. A pauta principal dos seus moradores era a conquista da posse de terra, e foi a capacidade de organização política deles que os tornaram um referencial nas lutas urbanas a partir de uma prática contestadora em resistência às forças dominantes (ARAÚJO, 1985).

³ Principal verso musical que servia como palavra de ordem das mobilizações dos moradores, registrada no folheto de campanha da CHAPA 2, para a eleição do Conselho de Moradores de 1995.

Através do Conselho de Moradores de Brasília Teimosa, fundado em 1966, a partir das reuniões de um grupo de moradores e líderes religiosos que se reuniam para discutir as demandas da comunidade, as pautas sociais começaram surtir efeito. As primeiras discussões eram em relação às necessidades básicas, como energia elétrica, abastecimento de água, saneamento, transporte e sobretudo em relação às ameaças de expulsão. A comunidade se organizava de forma que cada rua tinha um representante que levava as reivindicações às reuniões do Conselho de Moradores. A presença da igreja católica⁴ foi muito relevante no processo de organização dos moradores de Brasília Teimosa, sendo inaugurada a Paróquia do Coração de Maria Imaculada, em 1964, com a liderança do padre Jaime, uma grande representação religiosa e mobilizador social. (SILVA, 2017)

Essa forte mobilização do Conselho de Moradores resultou na elaboração do Projeto Teimosinho, em 1979. De acordo com Silva (2017), o que impulsionou a elaboração desse projeto foram as discussões que a comunidade já realizava regularmente e o estopim foi a elaboração de um plano de urbanização pela URB (Empresa de Urbanização do Recife), que previa a retirada da comunidade do local. Como forma de enfrentamento, o Conselho rejeitou o projeto e formou um grupo de planejamento, assessorado por técnicos do Centro de Pesquisa e Ação Social, para a elaboração de outra proposta com a participação da comunidade. Dessa maneira o Conselho de Moradores de Brasília Teimosa elaborou o Projeto Teimosinho junto à comunidade em uma série de assembleias e noventa e três reuniões realizadas na rua, onde também eram realizados espetáculos teatrais de cunho pedagógico e reivindicatório. O Projeto Teimosinho foi o primeiro plano urbanístico brasileiro elaborado pelos movimentos populares, que foi financiado pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), integrando o programa PRO-MORADIA e sendo executado pela Prefeitura do Recife.

A equipe de pesquisa foi composta com moradores do bairro, sendo o plano de ação para elaboração do projeto decidido com a participação direta da população, resultando em um plebiscito que o aprovou. O projeto enfatizou as seguintes diretrizes: a. legalização da terra; b. situação sócio-econômica; c. urbanização (humanização). (ARAÚJO, *et al*, 1985, p. 19)

⁴ Nesse período muitos integrantes da Igreja Católica atuavam na vertente da Teologia da Libertação, corrente cristã nascida na América Latina, que atuou fortemente na ditadura militar brasileira, no sentido de proteger e defender os ativistas e perseguidos políticos. A teologia da libertação tinha o enfoque em cuidar daqueles mais necessitados através de mobilização, ação social e manifestação religiosa, tendo também presente os fundamentos das ciências humanas e sociais.

No Projeto Teimosinho, o Conselho de Moradores assumiu o protagonismo no seu processo de elaboração, no qual foram definidas três questões fundamentais: “a legalização e parcelamento do solo urbano, a urbanização por meio da implantação de infraestrutura e equipamentos comunitários adequados e a geração de emprego e renda” (FERNANDES, 2010, p. 91). Esse projeto foi muito importante para a história da comunidade devido às conquistas urbanas relativas à infraestrutura básica, também pela mobilização e participação popular nas decisões, inclusive no processo de conscientização da população, através das manifestações artísticas e pedagógicas dos grupos teatrais.

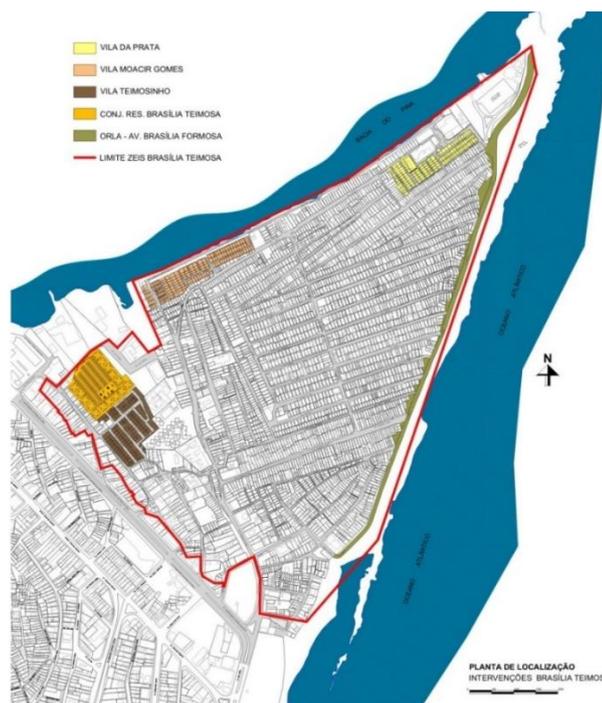
Os grupos voltados à educação e cultura de Brasília Teimosa foram instrumentos essenciais para a conscientização e mobilização da população, a partir disso que o representativo Grupo de Teatro Teimosinho nasceu junto à efervescência das discussões, sendo uma importante ferramenta de comunicação do Projeto. Esse grupo também tinha a característica de criação de oficinas coletivas e sua atuação se estendeu para outros movimentos sociais, depois da sua emblemática participação nos processos políticos de Brasília.

Outros grupos importantes, fundamentados em um projeto político e pedagógico comum de atuar na realidade social da comunidade, também foram criados. A Turma do Flau, criada em 1982 e em funcionamento até hoje, se trata de uma entidade voltada para crianças e adolescentes, embasada pela Teologia da Libertação, que buscou o enfrentamento das desigualdades sociais, a partir da articulação entre educação e cultura com base no método de Paulo Freire. Nesse mesmo ano também surgiu o CEPOMA (Centro de Educação Popular Mailde Araújo), fundado por um grupo de educadores de Brasília Teimosa. Inicialmente era chamada de Escola Nova e funcionava na igreja católica, desenvolvendo um trabalho cultural com os adolescentes das palafitas da beira-mar. Após alguns anos, passou a ter sede própria e promover um trabalho mais amplo com crianças e adolescentes da comunidade (SILVA, 2017).

A arte como instrumento pedagógico e de transformação esteve sempre presente na história de Brasília Teimosa. De acordo com Silva (2017), um grupo de grande relevância nessa trajetória foi o Balé Deveras, o qual atua com dança e espetáculos teatrais há mais de trinta anos e surgiu fruto da valorização da cultura popular na Escola Assis Chateaubriand, na década de 1970. O Deveras é um grupo de dança que formou várias gerações e criou uma série de espetáculos, destacando o “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”, nesse espetáculo o grupo contava a história de Brasília Teimosa através da dança. Na comunidade também nasceram muitos outros grupos artísticos, teatrais, de dança e cultura popular, como os maracatus, além de grupos de cunho político, voltado para as mulheres e para crianças e adolescentes.

O Projeto Teimosinho, como já mencionado, tinha como prioridade a questão da habitação, e por isso elaborou um plano de ação em áreas específicas de Brasília Teimosa para promover melhorias nos arruamentos, na infraestrutura básica, nas moradias e por vezes realizar demolições e reconstruções de casas que estavam em estados precários. Dessa forma, primeiramente houve as seguintes intervenções: em 1982, na área da Vila da Prata e nas palafitas localizadas à beira-mar; em 1986 na Vila Moacir Gomes; e em 1988 na Vila Teimosinho (FERNANDES, 2010). Os resultados práticos do Projeto Teimosinho foram fundamentais para o desenvolvimento e dignidade dos moradores de Brasília Teimosa, resultado de um trabalho que já vinha sendo construído desde sua origem e que continuou refletindo em outras medidas futuras. Esses resultados materializaram-se na pavimentação das ruas e becos, assim como no saneamento, abastecimento de água, eletricidade, transporte e construção de vilas (SILVA, 2017).

Figura 06 - Mapa com a localização das principais intervenções habitacionais e urbanas em Brasília Teimosa



Fonte: Acervo Lourdinha Campos, autoria de Fernandes (2010)

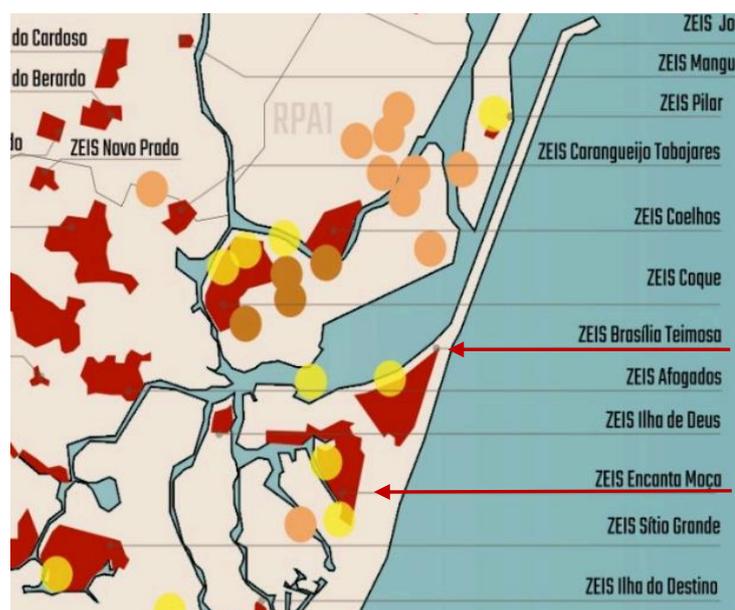
Em 1983, como resultado das lutas dos movimentos sociais por moradia, foi proposta uma alteração na Lei de Uso e Ocupação do Solo do Recife (LUOS), a partir da iniciativa da comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, liderada por Dom Hélder Câmara e das entidades do movimento popular que atuavam em conflitos fundiários. Nesse contexto, foi desenvolvido o Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (PREZEIS),

o qual definiu normas, procedimentos e instrumentos para o reconhecimento de favelas como Zonas Especiais de Interesse Social, com intuito de promover a regularização fundiária e parâmetros urbanísticos para essas áreas, estabelecendo um sistema de gestão participativa (FERNANDES, 2010).

Esse foi um projeto pioneiro no país, servindo como referência para as discussões e elaboração de legislação urbanística. O projeto das ZEIS foi incluído na LUOS do Recife em 1983, na qual foram definidas 27 zonas especiais, inclusive Brasília Teimosa, sendo que a efetivação dessas normas se deu em 1987, quando houve a aprovação da Lei do Plano de regularização Fundiária das ZEIS, o PREZEIS (Lei Municipal nº 14.947/87) (FERNANDES, 2010). Com o PREZEIS foi iniciada uma nova perspectiva de urbanização, baseada na defesa dos modos informais de ocupação do espaço, através de “mecanismos inibidores da especulação imobiliária, restringindo o remembramento de lotes e proibindo a construção de edifícios acima de três pavimentos, com o claro objetivo de deter o avanço selvagem da especulação” (SILVA, 2008, p. 55).

Os movimentos reivindicatórios, os quais resultaram em instrumentos legais, proporcionaram ganhos políticos e materiais frente aos poderes públicos e garantiram a permanência das populações de comunidades como Brasília Teimosa e outras próximas, como a comunidade Encanta Moça, do Bode e Beira Rio, havendo duas ZEIS nesse território (Brasília Teimosa e Encanta Moça).

Figura 07 - Cartilha ZEIS do Território de Recife.



Fonte: Universidade Federal de Pernambuco - https://issuu.com/teesea2/docs/cartilha_zeis.

A partir dos anos 1990, as associações comunitárias do Recife começaram a perder força, à medida que foram introduzidos mecanismos participativos nas gestões das prefeituras que mudou o caráter para discussões em plenárias onde às comunidades decidiam e negociavam as prioridades das ações de urbanização com a Prefeitura (SILVA, 2008). Apesar dos aspectos positivos dessas mudanças na perspectiva de gestão, no que se refere aos conselhos de moradores, os quais tinham relação direta e aproximada com a população, esses novos instrumentos trouxeram outros mecanismos que diminuíram a participação popular e as mobilizações no contexto local. Ainda assim, a questão urbanística e habitacional, em Brasília Teimosa, continuou a ser objeto de projetos importantes que foram realizados na década seguinte, como a Requalificação da Orla de Brasília Teimosa, e o Conjunto Residencial Brasília Teimosa.

O projeto de Requalificação da Orla da Brasília Teimosa (2004) integrou o programa de urbanização “Recife Sem Palafitas”, desenvolvido pela Prefeitura do Recife na gestão de João Paulo (2001-2008), no qual tinha o objetivo de erradicar as moradias precárias das palafitas localizadas principalmente nas margens dos rios da cidade, mas no caso da Brasília Teimosa a requalificação se deu na orla beira-mar. As ações da Prefeitura previam intervir em três áreas da cidade: em Brasília Teimosa, em localidades do Rio Capibaribe e no Rio Tejipió, sendo que Brasília Teimosa foi prioridade nas ações, tendo em vista “seu histórico de lutas e reivindicações e fatores de risco, proveniente do impacto das ressacas das altas marés do ano” (URB, 2003).

Esse foi um projeto inserido em um plano de política mais abrangente que se instaura no país naquele período, o qual consolidou um discurso de combate à pobreza, sendo uma forte mudança em comparação ao modelo anterior de gestão. Naquela época, a gestão do governo do presidente Lula adotou como prioridade a inclusão social, tendo como grande programa de governo o Fome Zero, entre outros investimentos públicos desse viés.

As intervenções urbanas articuladas com as ações de habitação popular e saneamento integrado - nas quais está inserida prioritariamente a eliminação de palafitas no Recife -, com as de saúde preventiva, atendimento educacional, assistência social e dinamização econômica são diretrizes da nossa ação integrada. Tudo isso com todas as garantias reguladoras do ponto de vista de uso do solo e definidas num processo de participação popular, que garanta inclusão social, e não de processos de revalorização do espaço urbano com a consequente expulsão dos moradores. (URB, 2003)

No início da ocupação de Brasília Teimosa, as construções eram de materiais simples, de palha, madeira ou taipa, sendo substituídos por alvenaria ao longo do tempo. Mas, devido à alta densidade populacional na comunidade e à pobreza de muitas famílias, foram sendo

construídas palafitas próximas à linha marítima e cada vez mais estendendo essa ocupação sobre a beira mar. Em 2003, na ocasião da pesquisa realizada pela URB, vinculado à então Prefeitura, foram cadastrados 561 imóveis ocupados por 1.760 habitantes. Imóveis esses localizados na faixa de praia, sendo 349 de palafitas e o restante de construções comuns precarizadas. A prevalência desses imóveis era de uso residencial e a maioria dos seus moradores ganhava até um salário-mínimo. (URB, 2003)

Figura 08 - Moradias de palafitas em Brasília Teimosa antes da Requalificação



Fonte: <https://bitlybr.com/KuaJdZf>. Autoria desconhecida.

Figura 09 - Brasília Teimosa antes da Requalificação, com as palafitas localizadas na frente marítima



Fonte: <https://bitlybr.com/KuaJdZf>. Autoria desconhecida.

A proposta da requalificação integrava um plano de ações e objetivava abranger as questões urbanísticas, ambientais, sociais, econômicas e culturais, priorizando a necessidade emergencial para as famílias que viviam em palafitas. Devido à precariedade e insalubridade das habitações, a ação tinha caráter emergencial e prioritário, pois as mesmas habitações não eram atendidas por rede de abastecimento de água e careciam de instalações sanitárias, ocasionando o descarte de dejetos e lixos no efluente do mar ou na areia da praia, sob as palafitas. Dessa maneira, além de eliminar os fatores de risco, a intervenção tinha como objetivo também aproveitar o potencial de oportunidades para a economia e a cultura local, através da requalificação da praia, da instalação de serviços e equipamentos com a urbanização da orla, possibilitando a instalação de quiosque e pequenos negócios (URB, 2003).

Após a execução da Orla de Brasília Teimosa, essa foi renomeada pelos moradores e gestores como Avenida Brasília Formosa⁵, passando a ser um novo espaço público para os moradores desfrutarem da praia com uma infraestrutura de qualidade, como já acontecia nos bairros vizinhos do Pina e Boa Viagem. A requalificação previu a desapropriação e retirada das palafitas, realocando os moradores para um conjunto habitacional no bairro do Cordeiro, zona

⁵ O nome da nova avenida “Formosa” veio com uma intenção de embelezar e diminuir o sentido pejorativo do nome da comunidade, contudo não teve uma boa aceitação. Na verdade, uma grande parte da população e o Conselho de Moradores da época não se sentiam contemplados, pois não reconheciam esse sentido pejorativo e desejavam que o nome da avenida fizesse referência ao Padre Jaime, que tanto contribuiu com a população e as lutas de Brasília Teimosa.

oeste do Recife⁶; o aumento da faixa de areia e proteção de muro de arrimo para o mar não invadir; a instalação de áreas de lazer e esportes e ciclovia (FERNANDES, 2010), sendo esse um projeto que impactou a comunidade através de ação urbanística, e que continua fazendo parte do cotidiano dos moradores, por isso sua importância é tão reafirmada nos depoimentos dos interlocutores, como será apresentado nos capítulos posteriores.

Figura 10 – Brasília Teimosa Depois da Requalificação Urbana.



Fonte: <https://bitlybr.com/KuaJdZf>. Autoria desconhecida.

3.3 CONTEXTO RECENTE: BRASÍLIA TEIMOSA E OS TUBARÕES DO CAPITAL IMOBILIÁRIO

No decorrer do século XX, a região da ilha do Pina e de Boa Viagem tiveram diferentes paisagens, inicialmente constituídas por sítios de coqueiral, alagados, palhoças de pescadores e bangalôs de praia, tendo a área de Boa Viagem mais investimento econômico da elite, que ocupou a área inicialmente com casas de veraneio e palacetes, e mais recentemente com um modelo de ocupação mais contrastante, com a construção massiva de espigões, os quais eliminaram os vestígios das décadas anteriores (ARAÚJO, 2007).

⁶ A transferência dos moradores das palafitas para o Conjunto Habitacional do Cordeiro foi bastante controversa, devido à distância do local onde as pessoas viviam e trabalhavam, muitas da economia pesqueira. Inclusive uma parte da população continuou se locomovendo diariamente para Brasília Teimosa para exercer suas profissões, como elucidada o documentário ficcional “Avenida Brasília Formosa” (2010) de Gabriel Mascaro, que evidencia essa nova dinâmica.

Brasília Teimosa, como já exposto, foi resultado de uma ocupação espontânea sobre um aterro, construída pelas mãos de seus moradores, e representa uma história emblemática da comunidade que lutou por conquistas urbanísticas, pelos direitos de posse, e de permanência no lugar com dignidade. Quando Brasília Teimosa estava se desenvolvendo, Boa Viagem já se consolidava como um bairro e contrastava com sua paisagem, devido ao modelo de ocupação do solo e de investimento do capital imobiliário sobre o bairro “nobre”.

A partir da percepção histórica da Brasília Teimosa, fica notório que sua resistência para a permanência nesse território é a marca forte de sua consolidação, fator que gera conflitos com os interesses e mecanismos dos poderes dominantes, que há décadas cobiça e investe em planos e projetos para tornar essa localidade aberta e atrativa para os investimentos do capital imobiliário. A existência de Brasília Teimosa nessa localidade é uma afronta à lógica predominante de exclusão das comunidades pobres das áreas centrais e paisagisticamente privilegiadas, como é o caso da Brasília, localizada entre a frente d’água do mar e do rio, próxima ao centro do Recife, à bairros ditos “nobres” e de grandes infraestruturas e serviços. Dessa forma, a resistência da comunidade se opõe simbolicamente e fisicamente através do contraste de sua paisagem teimosa⁷ e característica morfológica em relação ao seu entorno destoante (SALES, 2017).

Figura 11 – Contraste entre Brasília Teimosa e Boa Viagem.



Fonte: Tv Brasília Teimosa, 2017. Autoria desconhecida.

⁷ Referência à expressão/conceito trazida por SALES, 2017.

A Brasília Teimosa já foi objeto de alguns projetos destinados ao setor hoteleiro, primeiramente por iniciativa dos agentes públicos municipais, como em 1969, quando a área foi identificada como uma região promissora para a economia do turismo da cidade, por conta da sua localização privilegiada devido à vista do “Velho Recife” e à proximidade com Boa Viagem. Com o objetivo de instalar um complexo hoteleiro em Brasília Teimosa, o Escritório Técnico de Planejamento Físico da Prefeitura criou um projeto que previa a utilização de grande parte do seu território (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1974).

Essa proposta foi amadurecida em 1974, com a criação de um Plano de Urbanização, por parte da URB, com o objetivo de estabelecer aquela área como de interesse turístico. Dessa forma foram definidos os setores: hoteleiro, turístico recreativo, cultural, comercial, pesqueiro, setor de apoio, habitacional apartamento, e habitacional pesqueiro. Nos setores turístico e cultural, previa-se a instalação de marinas, clube esportivo e náutico, aquarium (inspirado em um existente em Miami), balneários, além de cinema, teatro, centro de convenções, entre outros. Esse empreendimento possuía o objetivo de retirar uma boa parte da população de moradores, com a manutenção de apenas duzentas unidades habitacionais para trabalhadores da pesca e serviços complementares, ou seja, os moradores seriam para servir de mão de obra e atividades de serviço para a nova população que ocuparia edifícios verticalizados multifamiliares. A proposta criou um contexto de fetichização da cultura local e pesqueira, para servir de atrativo turístico “Será ainda estimulado o desenvolvimento desta comunidade, para a qual será incentivado a prática do folclore nordestino - Arrastão, danças e confecções para vendas de bordados e rendas” (URB, 1974, n. p). Por fim, ainda é proposto que na área do entorno da comunidade fossem construídos shopping center, bancos, restaurantes etc.

Um ano depois dessa proposta da Prefeitura do Recife, o local passa a ser objeto de projeto e um grupo de empresas do setor hoteleiro, com o objetivo de implantar um “Complexo Hoteleiro na beira-mar de Brasília Teimosa”, o qual previa construir um edifício de dez pavimentos que comportasse trezentos apartamentos e diversos equipamentos de apoio. No projeto analisado, protocolado pela URB, é destacado que por sua localização a comunidade era considerada, pela municipalidade, uma área prioritária devido às “amplas perspectivas de exploração da área pelos seus inegáveis atrativos turísticos” (APL, 1975, n. p).

Nesse período, a comunidade ainda não tinha instrumentos legais que garantissem a permanência em seu território, mas já existia uma mobilização política forte com a representação do Conselho de Moradores. Por reconhecerem que esses agentes empreendedores e detentores do capital representavam um risco para a comunidade, passaram a denominá-los

de “tubarões”, que com a ganância dos interesses capitalistas tentavam abocanhar a Brasília Teimosa e cuspir seus moradores fora.

Os seus bairros circunvizinhos, especialmente Boa Viagem, se caracterizam pela lógica de urbanização de traçado regular, de grandes avenidas para tráfego intenso, com uma alta densidade demográfica por conta das habitações em edifícios verticalizados e um alto índice construtivo. Essa intensa verticalização e adensamento, atualmente tem consequências na saturação desse território, em relação à capacidade de carga, à infraestrutura, e à disponibilidade de terrenos para construção, na medida que seu espaço urbano já está majoritariamente explorado. Diante desse fator, há algumas décadas o bairro do Pina foi sendo incorporado à dinâmica de Boa Viagem, tornando-se sua extensão, por reproduzir a mesma lógica de urbanismo e ocupação do solo (SALES, 2017). Por ser um território ainda propício à exploração, devido a presença de terrenos vazios ou de construções baixas unifamiliar, o Pina é um forte pólo de atração de investimentos imobiliários, sendo atualmente o metro quadrado mais caro da cidade (8.670 reais o metro quadrado)⁸.

Esse cenário aumenta o contraste social, gera tensões e disputas urbanas, pois no Bairro do Pina e em sua vizinhança, como já exposto, existe a ZEIS do Pina/Encanta Moça e a ZEIS de Brasília Teimosa (PREFEITURA DO RECIFE, n.p), que estão sujeitas a limites e parâmetros específicos para sua permanência, sendo que diante dessa grande pressão especulativa por parte do mercado imobiliário, essas áreas correm riscos cada vez maiores, principalmente a Brasília Teimosa, devido à sua localização.

A questão hoje, ainda é a posse de terra; a garantia dos direitos fundamentais de habitação, numa terra urbanizada sob as pressões do mercado imobiliário, que pretende modificar a lei de uso e ocupação do solo, fazendo com que a Brasília Teimosa deixe de ser protegida como ZEIS (SILVA, 2017, p. 9).

Em relação à pressão do mercado imobiliário, é importante citar dois fatos que evidenciaram a fragilidade dos limites da ZEIS e o risco que as incorporadoras são para a permanência da comunidade e para a manutenção dos instrumentos de proteção. O primeiro foi a construção, em 2006, do edifício de escritórios da empresa JCPM⁹, de vinte pavimentos,

⁸ Consulta feita no Site da Agente Imóvel, no setor dos “Bairros mais valorizados em Recife”. Link: <https://www.agenteimovel.com.br/mercado-imobiliario/a-venda/pe/recife/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁹ JCPM Trade Center é um empresarial operado pelo Grupo JCPM (João Carlos Paes Mendonça), que investe no setor de shopping, varejo e gestão e é responsável por muitos desses empreendimentos na região do Nordeste.

localizado na entrada principal de Brasília Teimosa, o qual ocupou parte do perímetro definido na ZEIS, diminuindo a sua área protegida (SALES, 2017).

Figura 12 – Brasília Teimosa entre o JCPM e as Torres Gêmeas.



Fonte: Recife Ordinário (Instagram), 2018. Autoria: Bruno Lima.

O outro caso é mais recente e se trata de um edifício residencial na extremidade de Brasília Teimosa, às margens da Bacia do Pina, nomeado de Mirante do Capibaribe. Esse projeto é da incorporadora Moura Dubeux e prevê a construção de um edifício de vinte e quatro pavimentos. A organização de moradores de Brasília Teimosa entrou com uma denúncia no Ministério Público, em 2021, devido ao edifício estar em uma ZEIS e em área de margem de curso d'água, mas essa foi negada e a construção se encontra em fase de conclusão.

Os bairros de Boa Viagem e Pina, há décadas, recebem investimentos de grandes estruturas comerciais, como shoppings e supermercados, além de investimento público para a criação de redes viárias, que implicitamente são motivadas e direcionadas para os investimentos de projetos da iniciativa privada. A questão desses investimentos é que eles fazem parte de um paradigma do empreendedorismo urbano, no qual há pouca participação da população e de suas demandas essenciais, para uma perspectiva de “crescente protagonismo dos agentes privados sobre a produção do espaço urbano” (MELO, 2021, p. 113), cujos benefícios se voltam mais

para o mercado imobiliário e os proprietários fundiários. Entre os projetos e equipamentos executados sob essa lógica e que impactam Brasília Teimosa, destacam-se o Projeto Via Mangue e a construção do Shopping RioMar.

A Via Mangue¹⁰ foi uma intervenção viária de grande proporção que liga os eixos Norte-Sul da cidade com o principal objetivo de melhorar a fluidez do trânsito da zona sul. Apesar da Via Mangue ter sido resultado de investimento público da Prefeitura do Recife e a União e ter previsto uma contrapartida para a população que perdeu suas casas em consequência das obras, com a construção de habitacionais populares, vê-se um forte vínculo com o empreendimento privado “na medida em que ela serve para criar novas frentes de valorização para a atuação do mercado imobiliário [...]” (MELO, 2021, p. 110). Como exemplo, temos o empreendimento do complexo comercial e de serviços, construído pelo Grupo JCPM, do Shopping RioMar e o RioMar Trade Center, localizados no início da Via Mangue – sentido sul. Apesar desses empreendimentos estarem na margem da Bacia do Pina, em uma ZEPA (Zona Especial de Proteção Ambiental), área submetida a parâmetros restritos de construção, o processo de aprovação do projeto teve quase nenhuma resistência e foi aprovado, o que reitera essa grande aliança entre o Estado e o poder econômico da iniciativa privada.

Figura 13 - Imagem com destaque para as ZEIS, a ZEPA, para o Complexo do Shopping Rio Mar e zoneamento amarelado indicando as áreas verticalizadas e com potencial de investimento.



Fonte: Estudo de Impacto de Vizinhança – EIV. Governo do Estado de Pernambuco, 2016.

¹⁰ As obras da Via Mangue, referentes à 1ª etapa foram iniciadas em 2006, com a construção do túnel Josué de Castro, no Pina. Posteriormente com o alargamento e construção das alças das pontes Paulo Guerra e Capitão Temudo e a última etapa, concluída em 2016 com a construção de uma via expressa de 4,5 km margeando a extensa área do Parque dos Manguezais, que liga o Pina à Imbiribeira, passando por Boa Viagem.

O entorno da Brasília Teimosa, incluindo a área do centro do Recife, como o Cais José Estelita e o Bairro do Recife, também vem passando por um processo de investimento do capital imobiliário, o que tem causado uma profunda transformação na paisagem e uma “intensa dinâmica de valorização urbana das margens da Bacia do Pina” (MELO, 2021, p. 107). Esses projetos de interesse do mercado, os quais impactam a paisagem e a dinâmica social dessa área, apontam para a tendência da ocupação privativa das áreas de frentes d’água do Centro do Recife, como é o caso das Torres Gêmeas¹¹, as quais introduziram uma tipologia completamente destoante com o conjunto histórico da cidade, sendo aprovado de forma irregular, foi o pontapé inicial para a transformação radical dessa área com a apresentação do Projeto Novo Recife¹², que está sendo executado e prevê a construção de um conjunto de torres de prédios no Cais José Estelita. Esses dois projetos foram casos emblemáticos de luta pelo direito à cidade e pela democratização nas decisões urbanas, contudo, a aprovação turva e a execução de ambos os projetos, está direcionando uma nova realidade para o Recife. Dessa maneira, esses empreendimentos vêm ocasionando mudanças significativas na área que margeia a Bacia do Pina, acarretando uma valorização dessa área para um tipo de empreendimento imobiliário de elite.

Esse contexto de transformação e valorização estratégica dessas áreas, além da especulação imobiliária e pressão sobre os limites da Brasília Teimosa, é vista como grande ameaça à permanência da comunidade, a qual teme ser expulsa do seu lugar pelo processo de gentrificação. O Conselho de Moradores da Brasília Teimosa e sua liderança vigente, compactua com os agentes da especulação imobiliária, devido a alianças e interesses que diverge dos posicionamentos históricos da mobilização política dos moradores de Brasília Teimosa, ocasionando assim, um desmonte do Conselho e de sua tradição de lutas sociais. Apesar desse enfraquecimento, existe um grupo que mantém uma contínua força-tarefa de articulação e embate contra os mecanismos de desmobilização e flexibilização dos instrumentos

¹¹ No ano de 2007 foram construídos dois edifícios de 41 pavimentos cada, o Píer Duarte Coelho e o Píer Maurício de Nassau, conhecidos como “Torres Gêmeas”. Esse processo se deu em meio a uma série de debates e discordâncias entre a sociedade civil e o poder público e privado, pelo fato dos empreendimentos se localizarem próximos às zonas de preservação patrimonial do centro histórico do Recife, como os bairros de São José, Santo Antônio e o Bairro do Recife.

¹² Em 2008, no Cais José Estelita, uma área próxima às “Torres Gêmeas”, de 101,7 mil metros quadrados de propriedade da Rede Ferroviária Federal S.A. – REFESA foi comprada por um grupo de construtoras e incorporadoras imobiliárias, que formaram o Consórcio Novo Recife, com o objetivo de construir um complexo de edifícios, chamado Novo Recife, que devido a diversas irregularidades no processo e à grande mobilização social, demorou alguns anos para a aprovação e atualmente está em fase de construção.

legais de proteção, o Fórum de Entidades de Brasília Teimosa¹³. Esse grupo é formado por moradores que possuem um histórico de participação política e entidades importantes no processo de lutas sociais e política urbana, além de outros membros externos à comunidade que somam com seus conhecimentos e ação social.

Por fim, destacamos a força simbólica que Brasília Teimosa se tornou ao longo do tempo, no imaginário coletivo, devido a sua grande representação e visibilidade pelo histórico de resistência, pela sua força de mobilização política através também da arte, e pela forte identidade simbólica de seus moradores e sua paisagem, representando também a identidade recifense. Esse aspecto é percebido pelo interesse de pesquisadores, antropólogos e artistas pela comunidade, inclusive Brasília Teimosa, nos últimos anos, foi um dos lugares mais retratados do Recife em produções de filmes¹⁴ (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2016). Dessa forma, a história e imagem da Brasília Teimosa, principalmente da sua relação com a beira-mar, continua repercutindo e se fortalecendo a partir desses registros.

Figura 14 – Cartaz do filme *Avenida Brasília Formosa* inspirado nas brincadeiras das crianças no muro de contenção da orla.



Fonte: Federação Pernambucana de Cineclube, 2012.

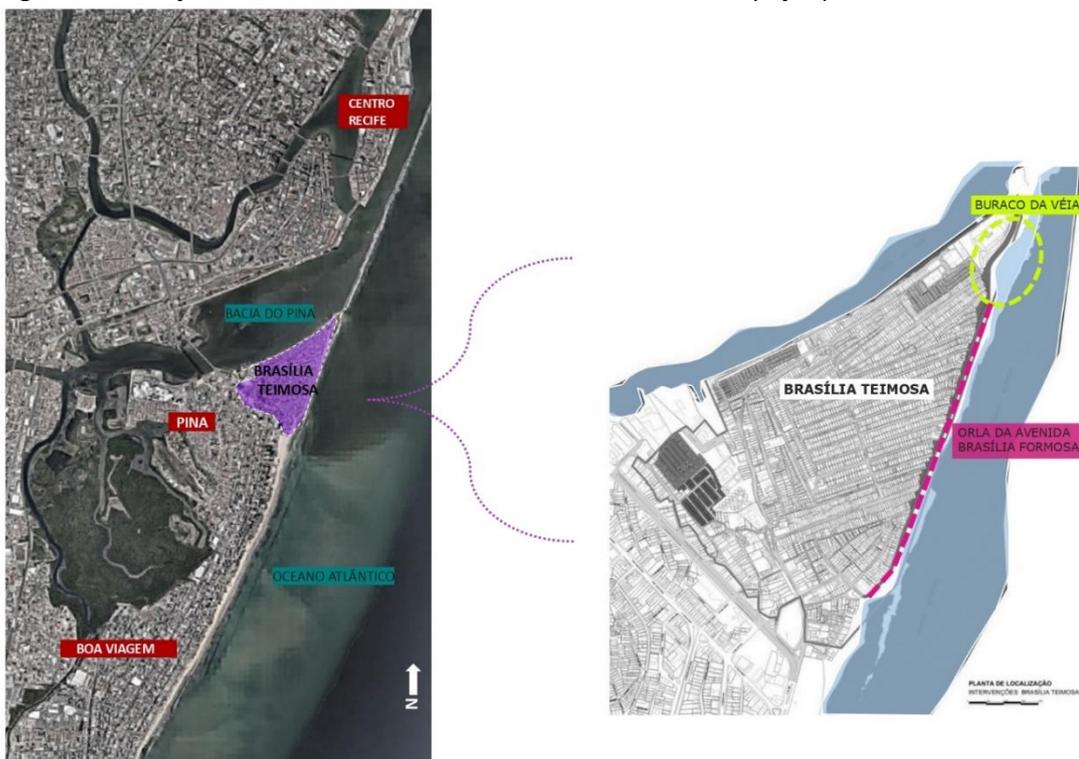
¹³ O Fórum de Entidades de Brasília Teimosa é formado pela Turma do Flau, Comissão de Legalização da Zeis Brasília Teimosa – COMUL, Comissão do Programa de Regularização de Zonas Especiais de Interesse Social – PREZEIS, Move Teimosa, Centro Escoa Mangue, Centro de Educação Popular Maílde Araújo – CEPOMA.

¹⁴ A comunidade aparece em longas-metragens como *Deus é brasileiro* (2003), de Cacá Diegues, *Amor, plástico e barulho* (2013), de Renata Pinheiro, *Olhos azuis* (2009), de José Joffily, *Avenida Brasília Formosa* (2010), de Gabriel Mascaro, e mais recentemente em *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2016).

4 BURACO DA VÉIA: PRAIA URBANA DA BRASÍLIA TEIMOSA

Compreendendo o importante papel da praia para as cidades litorâneas, especialmente as praias urbanas, reconhecidas como espaços públicos de uso coletivo, pretendemos aqui abordar os seus sentidos socioculturais, especialmente no caso recifense, da praia da Brasília Teimosa, objeto dessa pesquisa: a praia do Buraco da Véia e os espaços públicos praianos do seu entorno, como a orla da Avenida Brasília Formosa.

Figura 15 – Relação de Brasília Teimosa no contexto do Recife e os espaços praianos da comunidade.



Fonte: A autora, 2021.

Sendo a praia um espaço livre não construído e essencialmente voltado para o lazer, para a Arquitetura, como objeto de estudo pode ser considerada de menor importância, em comparação às temáticas voltadas a questões urbanísticas-arquitetônicas, movimentos sociais, ou à objetos mais estruturantes, sobretudo se tratando de uma praia de uma comunidade popular, onde o lazer parece desprovido de sentido diante das necessidades mais urgentes da vida cotidiana. Contudo considero importante o esforço de compreender a potencialidade desse espaço público para a história dos lugares e das pessoas, suas práticas e fruição no ambiente

urbano. Dessa forma, aqui pretende-se trazer a construção dos sentidos das praias na história recifense, as práticas sociais e as características das principais praias e o que as diferenciam.

Nesse contexto a praia do Buraco da Véia, apesar de ter uma dimensão mais local, é de grande importância para os moradores de Brasília Teimosa e para as pessoas usuárias, que muitas vezes são de contextos periféricos e buscam um espaço que seja compatível com seus desejos e identificações. As praias de Boa Viagem, Pina e a praia do Buraco da Véia integram uma mesma linha litorânea, mas tem configurações ambientais distintas, assim como as práticas, o perfil do público usuário e os símbolos associados a cada uma delas. Nesse recorte apresentamos a contextualização mais ampla da história social das praias, para posteriormente fazer uma explanação sobre o Buraco da Véia, sua história, características e as práticas realizadas pelas pessoas.

4.1 ESPAÇO PÚBLICO E SOCIAL DA PRAIA: LUGAR DE LIBERDADE E DIFERENCIAÇÃO

A praia tem um caráter particular e cíclico, em seus aspectos naturais e culturais. Os ciclos da maré mudam a fisionomia do ambiente ao longo das horas do dia, assim como as pessoas lotam à beira-mar com arquiteturas provisórias, ou por vezes, ela permanece vazia, sendo um espaço de uma paisagem híbrida “não é terra (civilização, cultura), nem mar (natureza), mas pode adotar características de ambos” (MACHADO, 2000, p. 202). Além dessa dicotomia entre meio ambiente e cultura, é importante compreender a praia como parte de um sistema complexo que envolve a história social, o imaginário, o urbanismo e as práticas cotidianas. Um espaço público de intensa interferência humana carrega diversos sentidos e modos de apropriação em seu caráter de espaço de sociabilidade e de construção de símbolos coletivos e subjetivos:

A praia não limita-se à uma condição visível e palpável, sujeita à quantificações, e portanto representável, mas sim como um fenômeno múltiplo onde o físico, espacial, ambiental, cultural e social vivem integrados dentro de uma continuidade indeterminada e temporal. (AQUINO, 2014, p. 196)

Assim, as relações estabelecidas com a praia se deram a partir de um processo de construção social, tanto do ponto de vista da intervenção física, sendo apropriada pela população urbana ao longo do tempo, quanto ao nível do imaginário, sendo incorporada ao comportamento cidadão de diversas formas.

O banho de mar sempre fez parte, de algum modo, das práticas sociais, principalmente dos grupos de classe social baixa, que viviam em comunidades costeiras marítimas. Contudo, essa prática só foi considerada como civilizada no momento que passou a ser utilizada pela elite para fins medicinais, a partir da primeira metade do século XIX, sendo incorporada culturalmente como uma função simbólica de distinção de poder social (ARAÚJO, 2007; MACHADO, 2000). Nesse período, a prática do banho de mar estava vinculada às teorias médicas, difundidas na Europa, as quais associavam a praia e o mar à cura do corpo e da alma. Com essa experiência sendo difundida e as cidades se urbanizando, os espaços naturais começaram a ganhar um novo sentido e a utilização da praia se ampliou para uma dimensão de praia lúdica¹⁵, que se aprofunda nas primeiras décadas do século XX, através do contato mais intenso entre as pessoas e os elementos praianos, o mar, a areia, o sol (MACHADO, 2000).

Inicialmente, as praias foram ocupadas pelas elites, que passavam os períodos de veraneio como refúgio da vida urbana. Porém, o uso da praia como fenômeno urbano de massa é mais recente e se consolida a partir da década de 1930, resultado da urbanização, melhoramento da rede de transportes e aumento da população nas cidades, o que tornou a utilização das praias urbanas mais democráticas (ARAÚJO, 2007). Com as mudanças temporais na relação de trabalho, próprias da modernidade, foi se estabelecendo períodos definidos para a atividade do trabalho e para o lazer, e a praia foi se tornando o destino preferido da classe trabalhadora para o descanso e ludicidade. Interessante pensar esse espaço como um lugar de potência para o exercício da autonomia e de desvios, diante da automatização da vida, pois as práticas realizadas na praia têm muita relação com a liberdade e entrega do corpo aos estados sensoriais e de relaxamento, o que rompe com a lógica produtiva. Nesse sentido, os estudos das práticas cotidianas indicam que o espaço social da praia funciona com certa indisciplina quanto à ordem dominante (CERTEAU, 1998), devido a essa potencialidade nas maneiras de fazer, características do ambiente social praiano.

A praia também é apropriada de diversas formas, além do sentido de lazer, tendo um importante valor como lugar de trabalho e subsistência para aqueles que vivem em torno das atividades e serviços oferecidos nesses espaços. Essas dinâmicas tornam a praia um espaço em que são realizadas importantes práticas socioculturais, relações de natureza econômica,

¹⁵ No estudo sobre a construção social da praia, Machado (2000) traz a dimensão da “praia lúdica” como sendo um momento de ampliação do aspecto da praia para fins terapêuticos, em que a praia começa a ser apreciada em diversos horários do dia, com maior liberdade e intensidade, para atividades lúdicas e prazerosas com a natureza e entre as pessoas.

vínculos sociais, experiências contemplativas e lúdicas, as quais contribuem para a qualidade da vida urbana.

As praias brasileiras são um bem público de uso comum¹⁶, em teoria são abertas para todas as pessoas e, em geral, reúne uma diversidade de grupos sociais, de classes, localidades e interesses distintos. Esse caráter cria na sociedade a sensação de que a praia é um local democrático, contudo essa percepção muitas vezes dissimula a segregação presente nesses espaços públicos (AQUINO, 2014), na medida que o imaginário produzido no espaço social da praia também traduz relações de poder, devido à reprodução da posição de classe e distinção social, manifestada pelos atores sociais que interagem nesse ambiente. (MACHADO, 2000)

Esses conflitos se traduzem na distinção dos diferentes grupos sociais no processo de ocupação da praia, em que há uma negociação tácita realizada entre os usuários que estabelecem a diferenciação dos grupos, a partir do sistema simbólico de marcas de distinção e estigmas sociais (BOURDIEU, 1978), refletindo, assim, na setorização das praias. A praia enquanto espaço público que propicia um fenômeno de massificação, tem essa ambiguidade em sua condição sociocultural, pois se caracteriza em um lugar de diversidade e liberdade, ao mesmo tempo de diferenciação e segregação, na qual o espaço é setorizado por grupos que reproduzem a lógica de segregação social, através de marcadores múltiplos, como de classe, raça, orientação sexual, religiosidade etc.

4.2 PRAIAS URBANAS NO CONTEXTO DO LITORAL SUL DO RECIFE

As praias urbanas, como já mencionado, são fenômenos relativamente recentes, visto que a prática de banho de mar só passou a ser introduzida na cultura recifense, além da finalidade medicinal. Araújo (2007) define que o costume de banhos de mar começou a ser incorporado na metade do século XIX, e ainda assim em Recife esse hábito não foi introduzido imediatamente pois a cidade não tinha praias acessíveis e boas para banhos, muitas eram insalubres devido à proximidade com a área central da cidade.

Inicialmente os balneários marítimos eram utilizados pela burguesia que começou a procurar escapes do contexto urbano indo em busca de praias para passar o período do verão,

¹⁶ As praias brasileiras são bens públicos de uso comum do povo (artigo 10 da Lei 7.661). Esta lei antecipou-se à Constituição Federal, em seu artigo 225, caput, da Constituição Federal, que conceituou o “meio ambiente como bem de uso comum do povo”.

porém com a advento do transporte, indústria, serviços e conquistas trabalhistas as praias passaram a ser locais de turismo e uso recorrente, a partir da década de 1920, sendo um processo cada vez mais massificado. Dessa forma, com o uso das praias urbanas surgiram novas práticas sociais e maiores impactos ao meio natural. (COSTA et al, 2008)

No final do século XIX surgiu a Casa de Banhos sobre os arrecifes de pedras da área portuária, que passou a ser um lugar de intensa atividade voltada para os benefícios do banho do mar para a saúde e sociabilização, sobretudo de grupos mais abastados. Esse empreendimento foi emblemático para a história social da cidade, mas foi perdendo fôlego na década de 1920, quando a ampliação do Porto alterou a paisagem e a tranquilidade do balneário dos arrecifes.

Toda a zona litorânea que ia do Pontal do Pina até o povoado de Candeias, incluindo Boa Viagem, se chamava praia de Candelária e era uma região boa para a atividade do banho de mar, pois seu mar era manso, baixo e praia arenosa, de declive suave. Contudo, por toda segunda metade do século XIX, até meados dos anos 1920 as praias olindenses eram as preferidas e atraíam um público maior, enquanto as praias do Pina e Boa Viagem só tinham vitalidade no verão, ficando desertas nos outros períodos, condição que se modificou quando foram realizadas as reformas na estrutura viária que dava acesso à região do litoral sul da cidade, a partir de 1924. (ARAÚJO, 2007)

Segundo Araújo (2007), no início do século XX, as poucas casas que tinham na região litorânea do Pina, casas simples de palha ou de madeira dos pescadores, passaram a chamar atenção dos veranistas, que se interessavam em passar o verão naquela praia: “A paisagem da praia do Pina, a simplicidade de suas casinhas de palha, a ausência das exigências sociais que o viver numa capital impunha davam ao veranista a possibilidade de experimentar, real ou ilusoriamente, um outro modo de vida” (ARAÚJO, 2007, p. 457).

Araújo (2007) também traz a reflexão de que os veranistas começaram a criar esse hábito em contraponto com a vida citadina urbana. A natureza e a simplicidade dessa experiência, os possibilitava uma vida mais rústica, que dentro da civilidade deles, conseguiam apreciar a paisagem primitiva do lugar, como um sinal de sentimentos evoluídos. Como se eles se diferenciavam das pessoas que moravam ali, pela civilidade e posses, e por outro lado, dos citadinos urbanos comuns que não tinham essa experiência sensível com a natureza. Esse hábito apropriado pela burguesia começou a se difundir, ganhando outro sentido nas primeiras décadas do século XX. A função social da praia não estava mais associada aos banhos e práticas voltadas

para fins medicinais, mas à própria vida social, aos espaços de lazer, ao divertimento, ao mar e ao sol, aos cassinos e aos bares que passaram a estar presentes na vivência praiana.

As praias passaram a ser entendidas como espaço privilegiado para que a sociedade urbana, moderna e industrializada – restrita aqui, é importante frisar, as suas classes e grupos sociais dominantes – manifestasse seus mais caros valores, sentimentos, ideologias, suas posses e riquezas. Lugar que se abria para a vivência de práticas, comportamentos e de uma sociabilidade bem de acordo com os moldes e padrões burgueses e citadinos. (ARAÚJO, 2007, p. 488)

As praias de Olinda, Pina e Boa Viagem eram os destinos públicos da população recifense no verão, no início do século XX, contudo, devido à dificuldade de locomoção para as ilhas do Pina, as praias de Olinda foram as mais frequentadas. Com o melhoramento do acesso às ilhas do Pina e Boa Viagem, quando foi construída a Ponte que liga o centro do Recife ao litoral sul, em 1911, suas praias passaram a ser lugares recorrentes de destino dos recifenses.

Na década de 1920 existiam cerca de três mil pessoas vivendo na região do Pina, em ilhas e mangues, em sua maioria pescadores e trabalhadores pobres, que na época do verão, alugavam suas casas aos veranistas, sobretudo àquelas próximas da orla marítima. Até então, nas praias do Pina só tinham as “construções balneárias”, que eram os banheiros de palha e barracas de madeira ou lona, construídas pelos moradores da área ou pelos veranistas, e com os anos, passaram a dividir espaço com as barracas modernas, móveis e de armação fácil. Com a introdução de bares, restaurantes e cassino, o Pina tornou-se um ponto da vida mundana de Recife.

Boa Viagem era reconhecida como uma praia socialmente restrita, pois era a praia de veraneio da aristocracia pernambucana, de pessoas abastadas e influentes, enquanto o Pina sempre foi conhecida como uma praia popular, de dinamicidade cultural e com presença de “pessoas de todas as matizes”. “No Pina misturavam-se famílias distintas dos veranistas, grupos de farristas inveterados e, por ocasião dos banhos matinais, o mundanismo suburbano” (ARAÚJO, 2007, p. 512).

A partir da segunda década do século XX houve um aumento do processo de ocupação das praias recifenses pelas camadas populares, trazendo uma mudança de significado social e político. Os trabalhadores e pobres passaram a ocupar os balneários, sendo um público de presença ativa nas praias recifenses, acarretando uma maior diversidade e concentração de pessoas nas orlas marítimas urbanas.

Expressiva a consolidação das praias como espaço privilegiado para a manifestação cultural, lugar de descanso, recreio e de convívio social, agora não mais restritos às classes médias e altas da sociedade urbana, mas acessíveis também aos operários e empregados das fábricas e oficinas, artesãos, diaristas, empregados domésticos. (ARAÚJO, 2007, p. 515)

Interessante apontar também que essas mudanças nas dinâmicas sociais em relação à prática de lazer, tendo a praia como objeto de usufruto, pela população de classe baixa, além de ter sido consequência dos melhoramentos urbanos e de transporte, teve relação com as conquistas trabalhistas realizadas a partir de 1925, quando foram concedidas as férias anuais aos empregados do comércio, das indústrias e bancos, sem que alterasse os acordos salariais.

Nesse mesmo ano também surgiram novos hábitos com a inauguração do Cassino do Pina, que se destacou como um espaço que realizava uma série de atividades e trazia uma nova dinâmica à praia onde estava localizado. Promoveu espaços de música e dança, uma programação popular de pastoril e bumba-meu-boi, festas náuticas, carrossel, cassino, aluguel de roupa de banho “da última moda”, banhos frios e mornos, além de introduzir uma novidade na praia, que foram as barracas de lonas listradas, que eram “armadas em um minuto a qualquer parte da praia, sistema americano e dos grandes centros balneários da Europa” (ARAÚJO, 2007, p. 503)

Pina, com seu mar sempre manso, tal qual piscina, exalando um cheiro desagradável na baixa-mar. À noite, a praia se enchia de clandestinos amores. Mais tarde, a abelheira do Cassino se iluminava, estrondando jazz metálico [...] Em 1925, o Pina era “estância balneária, praia chic...refúgio de elegância”. (ARAÚJO, 2007, p. 510)

Figura 16 – Cassino Americano do Pina, em 1957.



Fonte: Recife de Antigamente (Facebook). Autor: Carlos Bezerra Cavalcanti.

Nas décadas seguintes, resultado das conquistas trabalhistas, as atividades relacionadas ao lazer e atividades físicas e culturais, foram incentivadas institucionalmente aos trabalhadores, acarretando a criação de clubes e nas atividades em balneários e praias urbanas. Dessa forma, as praias inseridas no contexto urbano vão se consolidando como aquelas que apresentam equipamentos de apoio aos usuários e vão se complexizando, no sentido de tornar-se um “espaço produzido” com uma “natureza social” (COSTA, et al, 2008, p. 234).

Nesse contexto, em 1945, a Prefeitura do Recife atuou na tarefa de “estimular e diversificar o uso das praias como áreas destinadas, preferencialmente, às práticas culturais e à manifestação da sociabilidade” (ARAÚJO, 2007, p. 518). Para isso a Diretoria de Documentação e Cultura, lançou um boletim de circulação semanal chamado “Praieiro”, para incentivar a utilização da praia durante todo o ano a um público amplo e diverso, ao mesmo tempo tentava disciplinar esse público com informações, aconselhamento pertinentes ao ambiente e aos comportamentos adequados. De distribuição gratuita, com linguagem acessível, informativa, pedagógica e, por vezes, poética: “matéria para uma renovada curiosidade em torno do mar, da praia, dos seus elementos essenciais e correlatos, despertando uma outra visão à paisagem que às vezes é quase muda para o observador desatento” (ARAÚJO, 2007, p. 519).

A incorporação da praia como lugar de lazer, de sociabilidade, de práticas de atividades físicas, lugar de manifestação cultural, moda, contemplação, descanso, foi uma construção cultural que aos poucos se desenvolveu junto à modernização das cidades e a uma nova mentalidade que se massificou com o passar dos anos. Nesse sentido, o “Praieiro” foi uma rica representação dessa compreensão da praia como novidade na vida cidadina. O boletim queria despertar uma nova sensibilidade em relação à paisagem marítima, estimular novas práticas e naturalizar o uso público da praia que estava em processo de massificação. Isso porque existia a tendência de certos grupos da elite ou de ascensão social e econômica, se autoafirmarem e se diferenciarem no espaço praiano, fosse pela apropriação exclusiva de certas partes da praia, ou fosse por meio dos aspectos simbólicos, como a moda, comportamento, gestos e linguagens: “Fronteiras fluidas, algumas apenas imaginadas, por onde não raro minavam conflitos de toda ordem” (ARAÚJO, 2007, p. 520).

A década de 1950 foi o auge da massificação das praias do Recife e de Olinda: “a invasão da praia de Boa Viagem, sobretudo nas proximidades do ponto terminal dos ônibus, por milhares de banhistas frequentadores habituais, outrora, da praia do Pina” (ARAÚJO, 2007, p. 523). No caso de Boa Viagem, esse fenômeno teve uma repercussão negativa, devido ao público popular presente no espaço praiano, o que ocasionou uma mudança de hábito da

burguesia, que passou a procurar outras áreas praianas isoladas para fugir do novo perfil popular das praias urbanas, buscando balneários além dos limites do município.

A modernização das praias do sul aconteceu lentamente. Na década de 1930 já existia uma ocupação considerável de imóveis de veraneio em Boa Viagem e uma expectativa por parte da administração pública, que os detentores de posse investissem seu lucro em imóveis no bairro. Contudo, segundo Araújo (2007) a Avenida Beira-Mar de Boa Viagem foi matéria de jornal devido ao seu aspecto de abandonada e com ausência de serviços banais. Essa situação só foi mudar consideravelmente a partir da década de 1950, quando Boa Viagem passou a ser um local de moradia permanente. Sua paisagem se transformou profundamente em 1970 quando muito do casario e palacetes foram demolidos para dar espaço para prédios verticalizados e ao “findar o século XX, Boa Viagem, a antiga praia de veraneio fidalguia pernambucana havia se transformado no bairro mais populoso da Grande Recife” (ARAÚJO, 2007, p. 514).

A ocupação de Boa Viagem se deu mais intensamente na área da orla marítima, na Avenida Boa Viagem, o que inverteu o cenário ideal de ocupação de praias, que prevê um escalonamento dos edifícios mais baixos na orla para os mais altos no interior do bairro. Essa inversão causou um enorme impacto no ambiente da praia, que teve sua exposição ao sol bastante reduzida, problema que se aprofunda na atualidade com a continuidade de construções de torres de cerca de quarenta pavimentos, constituindo, no contexto brasileiro, um “contra-senso com o caráter eminentemente público das praias” (COSTA *et al.*, 2008, p. 239)

4.3 “O BURACO DA VÉIA É NOSSO”

“A praia do Buraco da Véia
 É do povo de Brasília
 Ninguém vai botar as mãos nela
 Seu Iate pode dar o pira.
 Se o Iate está querendo briga
 O povo vai se reunir
 Teremos nossas mãos unidas
 E vamos ver quem vai sair.
 Tu...tu...tu...tu...tu-barão
 Tá querendo água salgada
 pois pode se virar lá pra Candeias
 Não pense que a teimosia é de nada
 Nós temos sangue quente nas veias.
 Bem feito quem foi que te mandou

Tú botar a mão no Buraco da Véia”¹⁷

O Buraco da Véia é a praia de Brasília Teimosa, localizada no extremo norte da comunidade, cercada por arrecifes de corais, que criam piscinas naturais e formam a praia. O tradicional espaço de lazer de sua população, caracterizada por receber um grande público, principalmente moradores da comunidade, mas também pessoas de outros bairros da Cidade do Recife.

Figura 17 – Foto aérea da praia Buraco da Véia



Fonte: Pernambuco em foco, 2021. Autor desconhecido.

O seu nome foi dado pela população que vivia na comunidade, por conta da história difundida pela oralidade dos antigos moradores, de que existia um buraco na beira do mar formado pela força das águas, e que uma velha tomava conta dele e não deixava ninguém entrar, até que o povo começou a dizer que aquele era o Buraco da Véia (PARENTE, 2019). Essa é

¹⁷ Música de palavra de ordem registrada no folheto de campanha da CHAPA 2, para a eleição do Conselho de Moradores de 1995, sobre o episódio do Iate Clube ter tentado privatizar a praia do Buraco da Véia.

uma das versões contadas da origem da praia que faz parte da história de Brasília Teimosa há muitas décadas, tendo em vista a sua menção em documentos, e principalmente na memória expressa na história oral dos moradores do bairro.

Dessa maneira, para contar essas histórias vale a pena adiantar alguns dos relatos que serão apresentados nos capítulos posteriores. As entrevistas realizadas captaram várias versões da história da origem da praia e do porquê do seu nome, quando perguntado, “Você conhece alguma história antiga daqui?” E prontamente a maioria dos interlocutores respondeu sobre a história da origem da praia. Entre essas, foi mencionado que o nome da praia se deu por conta de uma senhora que havia morrido afogada presa nos corais dos arrecifes, ou que uma velha ia toda noite comer na praia e fazia medo as crianças da época. Outra versão foi que uma velha morreu porque foi puxada por um velho ou que muitas senhoras iam se banhar naquela região, por isso o nome. E por fim houve a versão de que as pessoas costumavam passar por um buraco que tinha nos corais de arrecifes para o outro lado do mar, sendo que era bastante perigoso e por isso inventaram sobre uma velha que tinha morrido, para as crianças terem medo de atravessar.

A praia do Buraco da Véia também marca a história de luta da comunidade, tendo sido objeto de disputa no passado, quando no final da década de 1979 o Iate Clube¹⁸, fez um muro para limitar o seu acesso para fins privados, mesmo essa sendo a principal área de lazer da Brasília Teimosa, ocasionando uma grande mobilização dos moradores que se juntaram e fizeram manifestações na comunidade, em instituições públicas e utilizaram dos meios de comunicação para exigir a mudança da situação, como é identificado nos registros de jornais da época:

Queremos, portanto, que nos seja devolvida essa área. Que sejam derrubados os muros, que o pessoal do Iate está construindo, tentando transformar aquela praia pública num recinto fechado. Resolva-se o problema do Iate Clube de um modo justo, mas sem mutilar as chances de lazer sadio e tranquilo das crianças jovens e adultos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1979)

Com a convocação do Conselho de Moradores, a população de Brasília Teimosa foi a luta contra a privatização da praia, assim derrubando o muro e garantindo o acesso livre ao

¹⁸ O Iate Clube do Recife é um equipamento que promove o turismo náutico e está localizado desde 1978 em Brasília Teimosa.

Buraco da Véia (FOLHETO CHAPA 2, 1995), reforçando ainda mais o seu caráter público e popular e sua importância para a comunidade.

Figura 18 - Manifestação contra a privatização do Buraco da Véia, 1979



Fonte: Diário de Pernambuco, 1980.

Antes da Requalificação Urbana da Orla, o Buraco da Véia tinha uma dimensão mais reservada, devido à presença das palafitas e por não ser uma localização tão acessível. O entorno da praia não tinha infraestrutura adequada e as centenas de palafitas que ocupavam a beira-mar, careciam de instalações sanitárias, e majoritariamente, descartavam seus lixos na maré ou na areia da praia, sob as palafitas (RECIFE SEM PALAFITAS, 2003).

Com a construção da Avenida Brasília Formosa e Orla da Brasília Teimosa, a partir de 2004, a beira-mar passou a ser servida de uma série de equipamentos públicos para uso de lazer e esporte, o que proporcionou um outro tipo de utilização do espaço praiano. Nesse contexto, a praia se tornou mais acessível para outros grupos da cidade e ganhou mais qualidade em relação à limpeza e estrutura do seu entorno. O Buraco da Véia também tem grande importância para a atividade comercial da comunidade, visto que os trabalhadores do comércio e serviços de praia, em sua maioria, são moradores do bairro. A atividade pesqueira, presente na dinâmica da Brasília Teimosa desde sua origem, também é bastante presente na praia do Buraco da Véia e no seu entorno, onde os pescadores atracam suas embarcações e trabalham nos ajustes das redes, além da pescaria esportiva, que é bastante praticada nos corais de arrecifes da praia.

A partir da pesquisa de campo, que será aprofundada nos capítulos seguintes, foi percebido que a praia do Buraco da Véia apresenta dinâmicas próprias em relação às práticas realizadas, como as atividades diversas sobre os corais, bem como o famoso “Banho de Choque” que ocorre com a maré alta e é sinônimo de diversão. Trata-se de uma brincadeira de receber o choque das ondas que batem no muro de contenção do mar aberto, que tem em toda linha da Orla. Dessa forma pessoas de todas as idades se reúnem esperando as maiores ondas para receber o banho. Segundo alguns moradores da Brasília Teimosa o “Banho de Choque” é um patrimônio da comunidade¹⁹.

Além dos filmes que retrataram Brasília Teimosa, como já mencionado, outras expressões artísticas também tiveram a comunidade como objeto de representação, especialmente a praia do Buraco da Véia, como é o caso da fotógrafa de Bárbara Wagner que publicou um livro²⁰ com fotos do Buraco da Véia, a partir da imersão no local. Esse trabalho buscou investigar o “corpo popular” (ALMEIDA, 2019) na fotografia e representa de forma cênica a diversidade das pessoas no ambiente da praia, através de um forte apelo estético e lúdico que reforça alguns estereótipos de classe. A praia do Buraco da Véia atrai os olhares e interesses para suas peculiaridades e seu caráter popular, como é recorrente observar em matérias de programas da televisão local que transmitem de forma humorada, muitas vezes ridicularizando os usuários e suas práticas.

Figura 19 – Fotografia de Brasília Teimosa por Bárbara Wagner.



Fonte: Brasília Teimosa. Fotografias, 2007

¹⁹ Depoimento retirado da matéria do Leia Já, de 2019, intitulada “Banho de Choque”: um patrimônio da Brasília Teimosa.

²⁰ Brasília Teimosa. Fotografias. 2007

De fato, os estereótipos e estigmas sociais atrelados ao Buraco da Véia se dá devido a sua localização ser em uma comunidade popular, pelo seu histórico de carência estrutural, e à comparação com suas praias vizinhas, especialmente Boa Viagem. Muitas pessoas da cidade do Recife nunca foram à praia de Brasília Teimosa, mas presumem que é um local poluído e violento, estigma bastante difundido no período em que ali ainda existiam as palafitas.

A praia de Brasília Teimosa é muito utilizada pelos seus moradores em horários distintos, para uso recreativo, contemplativo e com finalidade de trabalho, contudo, a dinâmica mais intensa da praia do Buraco da Véia acontece nos finais de semana, quando uma multidão de pessoas ocupa a sua pequena faixa de areia, tornando as piscinas naturais e os arrecifes de corais um lugar de brincadeira. Com som alto embaixo dos guarda-sóis e em carros que ficam estacionados ao redor da praia, as pessoas usufruem do sol, do mar, das bebidas e comidas próprias da praia, com suas famílias e amigos. Vinculada a essa dinâmica, como já mencionado, essa praia é fundamental para o trabalho daqueles que fazem do lazer e divertimento sua fonte de renda.

Por fim, a praia do Buraco da Véia e seu entorno praiano, como a Orla da Avenida Brasília Formosa, são apropriadas de diversos modos por diferentes grupos, os quais reconstroem cotidianamente os sentidos desses lugares, através de suas práticas. Esses são mais do que espaços de lazer, mas configuram espaços que potencializam a sociabilidade e vínculos identitários, comum aos diversos atores que vivenciam e conferem significado a esses espaços.

5 CAMINHAR ETNOGRÁFICO E PERCEPÇÃO DE AMBIÊNCIAS: O PERCURSO DA PESQUISADORA ÀS PRÁTICAS COTIDIANAS

"Agora deixa o livro
 Volta os olhos
 Para a janela
 A cidade
 A rua
 O chão
 O corpo mais próximo
 Tuas próprias mãos
 Aí também se lê"
 (Marques)

Este capítulo apresenta os primeiros resultados da pesquisa empírica realizada, desenvolvida através do suporte da etnografia e da noção de ambiência, tendo como principais instrumentos: as caminhadas, a observação de campo, os registros etnográficos através do diário de campo, e os registros fotográficos. Esta primeira parte da pesquisa empírica apresenta as percepções sobre os espaços públicos praianos analisados, através do meu olhar como pesquisadora.

Inicialmente a pesquisa tinha como lócus de investigação toda a comunidade de Brasília Teimosa, e a partir das primeiras idas à campo, outros objetivos foram sendo definidos, como a delimitação de um novo objeto de campo a ser estudado, sendo os espaços públicos praianos, especialmente a praia do Buraco da Véia. Isso não significa que as experiências e percepções no campo se limitaram à praia, mas abrangeu um contexto maior, incluindo as ruas, praças e as dinâmicas percebidas em grande parte da comunidade, que integrou o processo de observação de campo, principalmente na etapa das caminhadas, contudo o processo de desenvolvimento e os resultados apresentados terão enfoque nos espaços praianos.

5.1 CAMINHAR COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO E OS REGISTROS ETNOGRÁFICOS

Interessa a essa pesquisa a perspectiva do caminhar como instrumento de percepção e significação do espaço urbano. Nas abordagens teóricas trazidas aqui, a relação do sujeito com o lugar se dá através da vivência no espaço urbano, por isso compreende-se que a ação de caminhar, como instrumento didático experiencial se adequa aos objetivos do trabalho. Além do intuito de desbravar o território e reconhecer o espaço, o caminhar pode ser um dispositivo de interação no território e de aproximação de seus habitantes.

Esta etapa é de caráter exploratório e objetiva desenvolver uma série de caminhadas nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa, com o intuito de realizar uma vivência perceptiva no bairro, observar os espaços e as dinâmicas de sua ocupação, e registrar essas percepções através de diário de campo e registro fotográfico.

Os percursos de aproximação foram realizados através de caminhadas pela comunidade por diferentes trajetos até o recorte territorial objetivado, sendo um importante instrumento para a atuação no espaço e leitura dos processos dinâmicos que se manifestam no campo, como aponta Careri (2013), sobre a caminhada como um instrumento potente para se realizar: “a leitura e escrita do espaço [...] interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no aqui e agora das transformações” (p. 32).

Nesse sentido, Thibaud (2010) soma com o entendimento de que o ato de andar promove uma reflexão acerca da relação sensorial com o contexto urbano, e possibilita a percepção das formas de apropriação e do potencial afetivo dos lugares. Sendo o caminhar uma importante ferramenta para uma percepção sensível, fundamental para esta pesquisa que busca “captar e restituir a concretude da experiência urbana”. (THIBAUD, 2010, p. 4). A dimensão da ambiência como uma lente de interpretação do lugar, abrange o reconhecimento dos aspectos sensíveis e sensoriais que experimentamos no espaço urbano, e segundo Duarte (2013), esse senso interpretativo da experiência urbana é indissociável do corpo como instrumento perceptivo, pois “é o corpo que sente” e possibilita o movimento:

Sendo o corpo o aparelho sensível que capta a percepção do mundo com o qual interagimos, diríamos que este reconhecimento se dá não apenas quando o corpo penetra na ambiência urbana mas, principalmente, quando esta ambiência penetra nosso corpo. Ouvir sons distintos que caracterizam locais urbanos, sentir seus cheiros, sua luz, suas cores, suas diferenças de temperatura e de velocidade do vento (e do tempo) batendo na pele é uma maneira de situar o corpo nessa atmosfera urbana. Ter consciência dessa atmosfera e reconhecê-la em seu suporte espacial propicia a experiência e a interação na ambiência. (DUARTE, 2013, p. 22)

Dessa maneira, o corpo se movimenta e é um instrumento de percepção, conecta os estados sensíveis subjetivos aos fenômenos do mundo, sendo o meio em que a experiência se realiza. Dessa forma, se lançar à campo possibilita que infinitas percepções se manifestem, dependendo do estado emocional do pesquisador, das mudanças no ambiente de acordo com o horário do dia, das dinâmicas sociais, entre outras variáveis apresentadas no fluxo da experiência de campo.

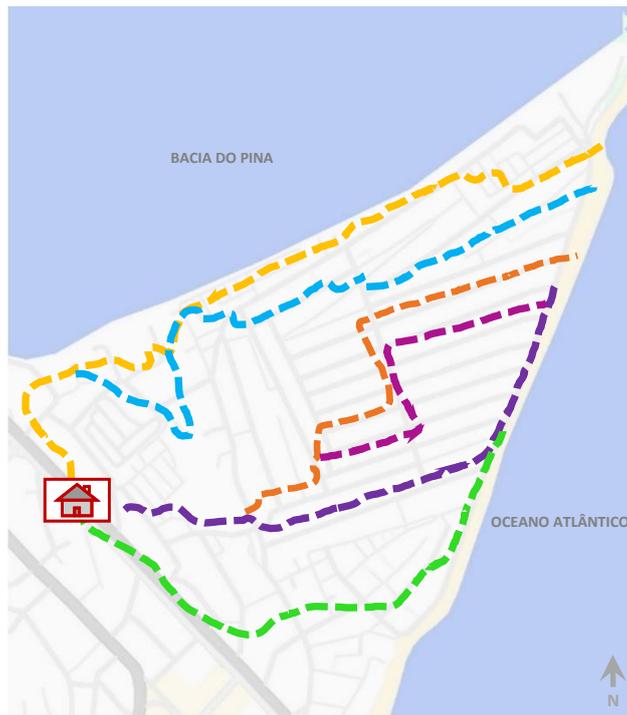
As caminhadas iniciais foram realizadas com o objetivo de reconhecer o campo sem direcionamentos prévios, em trajetos livres, observando as dinâmicas do lugar em diferentes horários e dias distintos, permitindo a escuta e interação com o espaço sem uma finalidade definida, mas deixando emergir fenômenos, imagens, surpresas. Dessa forma, possibilitou a manifestação de percepções sobre o clima, a maré, o silêncio, as fachadas das casas, a arborização escassa, o sol escaldante ou a chuva a vir, a música no bar etc. Inicialmente esse processo foi realizado de forma mais livre através de três visitas ao local, e depois que o objeto de estudo de campo foi definido, esse percurso passou a ser mais objetivo, enquanto as paradas no local de estudo se tornaram mais demoradas.

A maioria dos percursos realizados teve como ponto de partida a minha residência, como mostra a Figura 16, na qual estão marcados a diversidade de trajetos realizados para chegada ao objeto de estudo de campo, ligando, dessa maneira, dois extremos da comunidade, através das linhas de caminhadas: minha casa à praia do Buraco da Véia e orla marítima de Brasília Teimosa. Importante ressaltar que a o único trajeto destacado que não teve a minha residência como ponto de partida, foi o de tracejado vermelho, no canto superior da figura, pois este se trata do trajeto realizado a partir do Bairro do Recife, pela travessia de barco, passagem pelo Parque das Esculturas e pela via sobre o dique dos arrecifes.

Os trajetos foram alternados em percursos internos à comunidade e outros externos, através do acesso pelo seu entorno. Os percursos internos possibilitaram a percepção de outras dinâmicas presentes na comunidade, como o comércio local, as tipologias das habitações, a interação social na rua, as apropriações do espaço público, entre outras. Interessante que esses trajetos internos trouxeram uma relação de surpresa ao se aproximar da orla, devido ao encontro com o mar em determinado ponto das ruas, como é visto na montagem da Figura 17, em comparação aos acessos externos que possibilitaram uma visão mais aberta e ampla da paisagem marítima.

As primeiras três visitas foram realizadas pelo trajeto externo, especialmente pela entrada sul de Brasília Teimosa, pela avenida que se conecta à Orla de Boa Viagem. Avaliando o processo, percebo que essa escolha veio com o receio de se colocar no campo como pesquisadora e encarar a relação com os moradores e com a proximidade de suas vidas domésticas, já que nas ruas internas sempre havia um grande movimento de moradores nas calçadas. Naquele momento inicial foi mais confortável pisar no território aos poucos e entrar pela área do entorno, onde me sentia mais anônima.

Figura 20 – Trajetos das caminhadas realizadas a partir da minha residência



Fonte: A autora, 2022.

Figura 21 – Visão do mar a partir dos trajetos internos



Fonte: Google Street View. Edição: A autora, 2022

A partir deste ponto, serão apresentadas algumas das percepções registradas nas caminhadas, com os destaques para partes mais relevantes dos registros etnográficos. Ao todo foram realizados 23 registros etnográficos, sendo que houve mais visitas ao local, pois nem

sempre elas foram registradas no caderno de campo. Entre esses registros, 09 foram realizados em visitas ao campo entre setembro e novembro de 2020, 13 foram realizados entre abril e maio de 2021, e 01 foi realizado em março de 2022.

A primeira caminhada realizada foi em setembro de 2020, no período da pandemia da COVID-19 e de isolamento social, quando as pessoas estavam restringidas a estarem em aglomerações e muitas atividades comuns aos espaços públicos estavam proibidas. Então, unindo a insegurança de mergulhar no campo como pesquisadora, ainda havia o medo desse contexto que acometia todos. Esse período especialmente estava em flexibilidade em termos de poder transitar nos espaços públicos na cidade do Recife. Como se tratava de caminhadas ao ar livre, que sempre foram atendidas todas as recomendações de segurança, o fator do medo aos poucos foi sendo menos imperativo, possibilitando uma atenção aos fenômenos do campo.

O primeiro contato com a área estudada foi pelo trajeto externo que levava diretamente à Orla da Avenida Brasília Formosa, e essa foi uma experiência marcante, pois estar a pé e sozinha caminhando nesse lugar era algo novo. Eram 9:30h da manhã de uma sexta-feira, e no princípio o que chamou atenção foram os aspectos da natureza, a maré estava baixa e as cores do mar e do céu contrastavam no horizonte, pois era uma manhã de um dia que tinha começado chuvoso e o céu acinzentado destoava do azul esverdeado do oceano. Durante a caminhada na Orla o chão era um ponto de atenção, ora para desviar das poças de chuva, ora do lixo que estava espalhado em vários lugares. Foi a primeira vez que fiz esse percurso a pé e me surpreendi com a estranheza que senti e a beleza que pude observar. A sensação era de um lugar pouco habitado e abandonado, devido ao lixo, entulhos e carcaça de automóvel que encontrei no percurso, além da pouca presença de pessoas.

Por um momento andei sobre a bancada mais alta, contínua à calçada, para desviar dos obstáculos já citados, e me senti estranha pois pensei que podia estar chamando atenção, mas logo em seguida vi uma mulher fazer o mesmo. Vale destacar que essa sensação de estranhamento e não pertencimento foi bastante presente nesse primeiro momento, a sensação de ser de fora, de estar sendo vista, de ser estranha no local, além do fato que cruzei com poucas pessoas no caminho e a maioria foram homens, o afetou o meu comportamento e meu modo de interagir no espaço, pois sentia que existia uma limitação, como se estivesse medindo meus movimentos e atos por não me sentir à vontade. Com a continuidade das visitas de campo fui compreendendo que essa sensação era natural no processo de aproximação do campo, especialmente em Brasília Teimosa que tem um caráter muito local e habitacional, e muitos dos seus moradores se conhecem. Nessa primeira caminhada, de fato eu poderia estar sendo notada

por ser uma mulher sozinha não moradora, em um horário com pouco movimento de pessoas, contudo isso não precisaria ser um problema ou um impedimento, simplesmente fazia parte do processo, assim como eu observava, eu era observada.

Em contraste com essa sensação de vazio e da prevalência da natureza, na calçada do outro lado da rua, me deparei com uma diversidade arquitetônica, edifícios com dois ou três pavimentos, com varandas estreitas improvisadas, ousadas construtivas, reentrâncias e saliências, onde se localizavam casas e estabelecimentos, como: igreja, curso de luta, associação de moradores, bar, quitandinha, lojinha de roupa, mas todos semiabertos ou fechados, devido à pandemia. No movimento do caminhar, becos, ruas e praças foram sendo descobertas e grafitagens no muro de contenção chamaram atenção, até que avistei a praia sendo emoldurada pelo posto de bombeiros de madeira. Ao me aproximar, tive uma sensação de abertura, de ter chegado, me senti mais segura e integrada, talvez porque na praia tinham outras pessoas além de moradores, como um grupo de adolescentes no mar muito entusiasmados, brincando e cantando. Aos poucos outras pessoas foram chegando na praia, famílias que estacionavam o carro e iam à areia improvisar um apoio para sentar-se, muitas delas com isopor onde guardavam suas bebidas e comidas. Em uma sexta-feira comum o movimento na praia já seria intenso, mas essa era uma sexta de um outro tempo, do período de isolamento e restrição imposta pela pandemia, no qual ainda existia a proibição de estabelecimentos na praia.

Andei até o final da avenida que continua depois da praia, observei a torre do Iate Clube e as empenas dos armazéns ao lado me chamaram atenção, também por avistar as torres do centro do Recife. No retorno, às 11h, vi um grupo de adolescentes dançando passinho, dança popular em Pernambuco, em um ponto mais alto da praia. No percurso de volta, o clima tinha mudado, o céu estava aberto e retornei pelo mesmo caminho da Orla, agora me sentindo mais familiarizada. Dessa vez decidi caminhar pela calçada oposta, no lado construído da avenida, observei novos ângulos dos espaços públicos e descobri ruelas transversais e arborizadas. Observei mais movimento de pessoas nas casas e nas varandas, o lugar agora parecia mais vivo de presença humana.

Nessa primeira caminhada o sentimento de surpresa com algumas peculiaridades do lugar e encanto com a natureza marítima esteve presente, juntamente com certa insegurança por me sentir, em alguns momentos, invadindo um espaço, como se as pessoas soubessem que eu era de fora ou que tinha algum interesse misterioso. Inclusive, nessa primeira caminhada eu não me senti à vontade para parar e observar, ou mesmo utilizar algum instrumento de registro, como caderno ou máquina fotográfica, desse modo foi uma experiência concentrada no

movimento no espaço, na ação do andar, observar e sentir. Para registrar no diário de campo eu gravei em áudio algumas dessas percepções no momento da caminhada e depois transcrevi e elaborei melhor os registros.

A segunda caminhada realizada foi em uma quarta-feira às 17h, pelo mesmo percurso anterior, pois ainda não estava me sentindo confortável para adentrar nas ruas internas da comunidade. Nesse dia as ondas do mar estavam fortes, criando paredões de água e espuma quando se quebravam no muro de contenção. O cheiro de maresia estava muito perceptível e dava para sentir os pingos salgados trazidos pelo vento. Como era fim da tarde, o movimento de pessoas na rua estava bem maior, muitas estavam na Orla passeando, praticando exercício físico ou sentadas conversando. Vi crianças aprendendo a andar de bicicleta, outras tomando o banho de choque das ondas. Inclusive a área da areia estava cheia de poças de água do mar, o que é muito interessante, pois o mar proporciona uma ciclicidade que interfere nos modos de usos dos espaços públicos de lazer. Os espaços de esporte também estavam bastante ocupados com um campeonato feminino de futebol de areia. Apesar de ainda sentir um certo estranhamento por estar adentrando o lugar como pesquisadora, decidi romper essa barreira e me sentei na bancada próximo ao Buraco da Véia para observar e escrever sobre minhas percepções no diário de campo, quando me assustei com um bombeiro que chegou correndo apitando para os meninos que estavam nos corais.

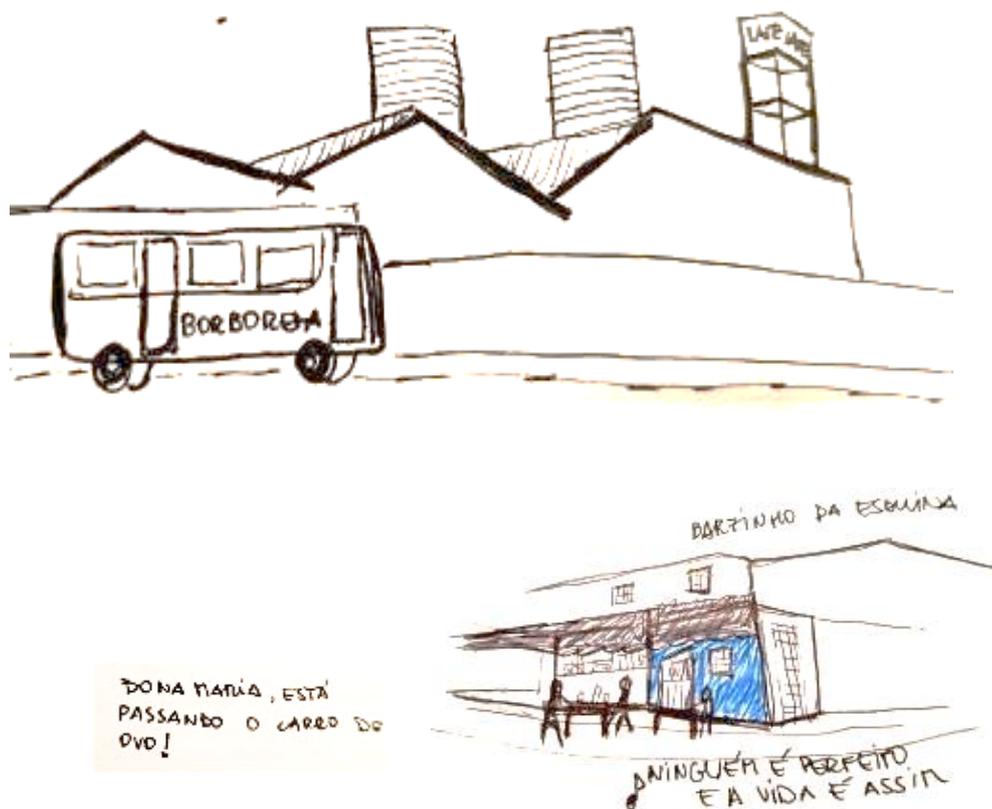
Figura 22 – Primeiros croquis da praia do Buraco da Véia.



Fonte: A autora, 2020.

A terceira caminhada aconteceu em uma quinta-feira de 15h e dessa vez o percurso foi feito pelas ruas internas da comunidade, e foi quando eu pude observar outras dinâmicas de Brasília Teimosa, passei pelo Pátio da Feira, pela Igreja, e pela rua Arabaiana e sua diversidade de comércio. Essa caminhada por dentro da comunidade apresenta muitos empecilhos no fluxo e ritmo do andar, devido ao tanto de interrupções de carro, bicicleta, calçadas estreitas ou interrompidas. Antes de chegar na Orla, entrei numa rua que lembrava um interior ou uma Brasília Teimosa de antigamente. Por outro lado, nessa mesma rua me deparei com um prédio de seis andares que contrastava em relação à morfologia da comunidade. No final da rua já aparecia parte do mar no horizonte, ao chegar na praia do Buraco da Véia, me surpreendi com a quantidade de pessoas praticando esporte e se exercitando em grupos pela areia da praia. Me sentei na mureta da praia e observei a dinâmica das pessoas tomando banho de choque de um lado e do outro as Torres Gêmeas marcando o horizonte de Brasília Teimosa, quando de repente o carro de som chamou atenção: “Dona Maria, está passando o carro de ovo!” (som), e logo foi camuflado por um brega, estilo de música pernambucano, que começou a tocar bem alto em um bar.

Figura 23 – Croquis realizados na observação de campo

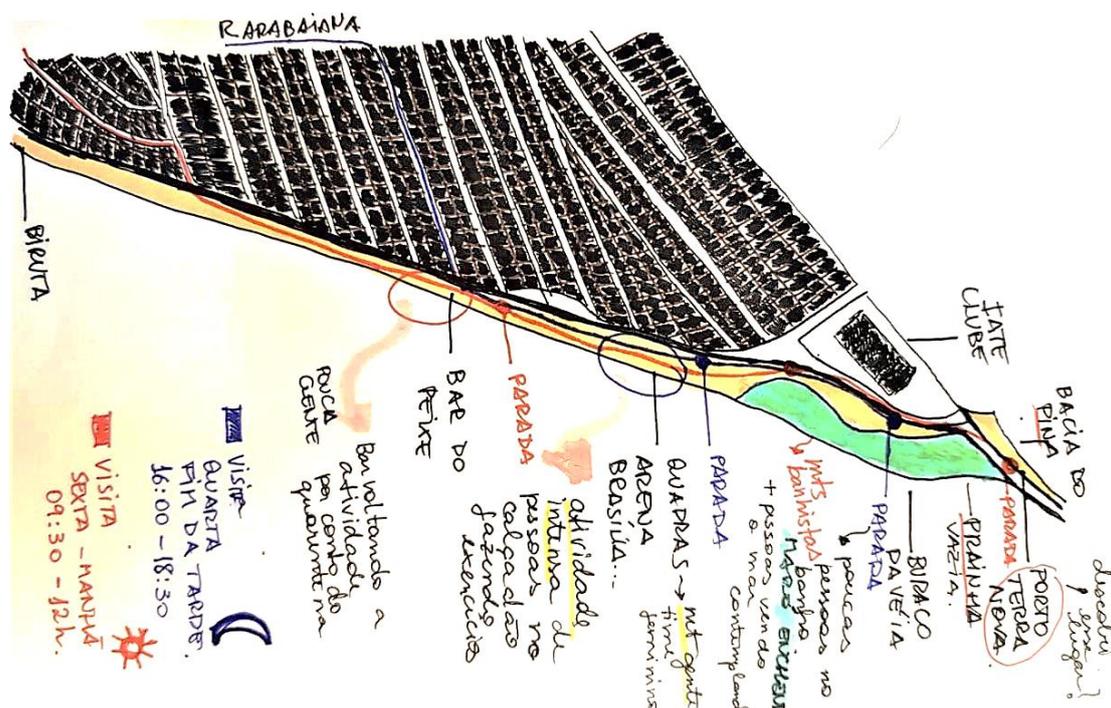


Fonte: A autora, 2020.

A partir desse momento as caminhadas passaram a ser em sua maioria pelas ruas internas da comunidade, onde os percursos eram alternados de acordo com o que chamava minha atenção ou que trazia mais sensação de segurança ou de curiosidade, enfim cada vez mais circulei pelas ruas internas da comunidade para chegar no Buraco da Véia e orla de Brasília Teimosa. Também passei a me sentir mais à vontade para usar meu diário de campo e para utilizar câmera fotográfica. Inicialmente a única forma que utilizei para registro foram os croquis de algumas situações ou práticas que considerasse relevantes, e de mapas para registrar minhas caminhadas, com a marcação dos trajetos, lugares de parada e atividades observadas.

Como destaca Duarte (2013), o croqui de campo é muito mais do que uma ilustração, pois é a própria descrição do que se percebe. Além de descrever aquilo que foi observado, essa ferramenta também é importante por revelar sobre o olhar do pesquisador, pois “ao mesmo tempo que o pesquisador desenha o que se vê, ele se conscientiza do que lhe chama atenção e descreve, em seus desenhos, as suas observações” (DUARTE, 2013, p.35). Mas por essa não ser a forma de registro mais confortável, no sentido de técnica para a execução, não foram realizados tantos croquis ao longo da pesquisa, sendo uma ferramenta mais presente no início do processo. De qualquer modo, foi um recurso interessante para trazer uma interpretação mais autêntica, no sentido da expressividade e das escolhas dos fenômenos que se destacaram no processo de interação com o espaço.

Figura 24 – Croqui das dinâmicas e marcos observados em duas caminhadas.

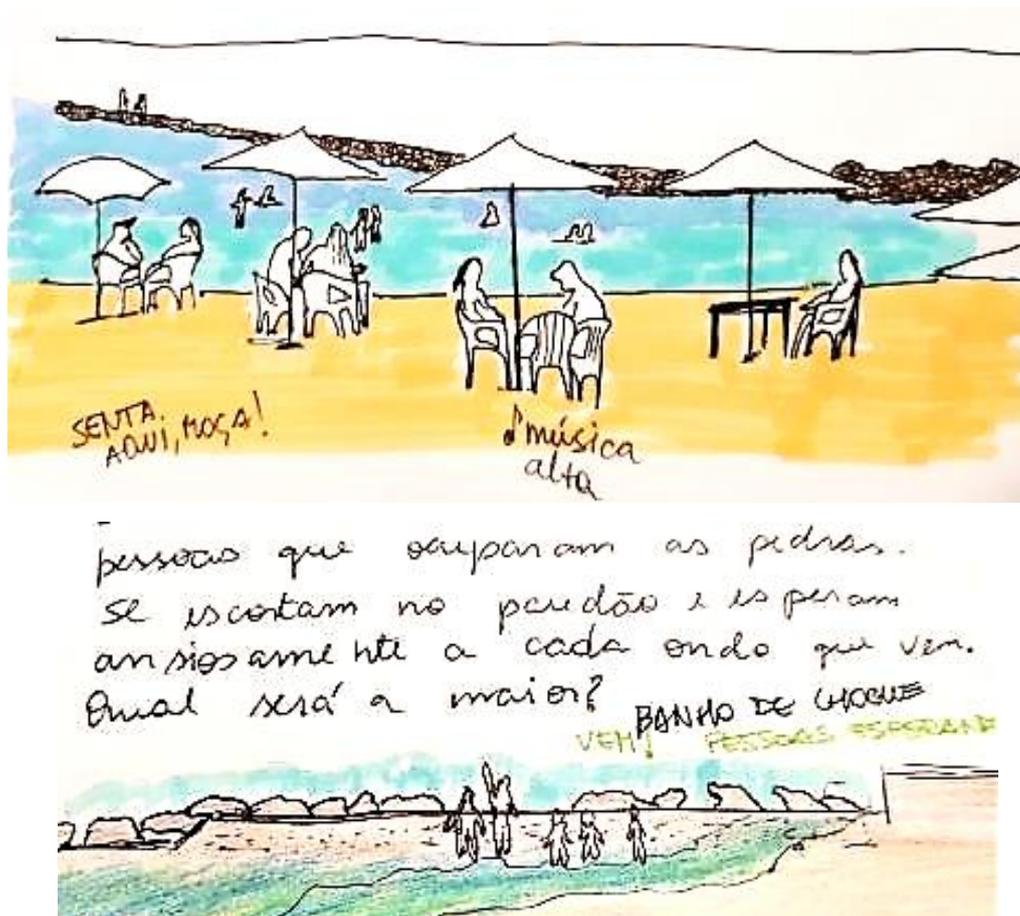


Fonte: A autora, 2020.

Em certo ponto as caminhadas passaram a ser mais diretas ao destino de observação e as paradas se tornaram maiores nessa área. Algumas vezes, eu me sentava na bancada da praia, nas pedras presentes na areia ou na Orla para observar as práticas das pessoas no lugar, e, com mais calma, fazia os registros daquilo que eu estava vendo ou que havia visto no percurso. A minha sensação era de que esse momento de parada e observação, era quando eu conseguia melhor perceber a vida acontecendo no lugar, muitas vezes em situações triviais que se tornaram interessantes ou engraçadas ao serem reparadas.

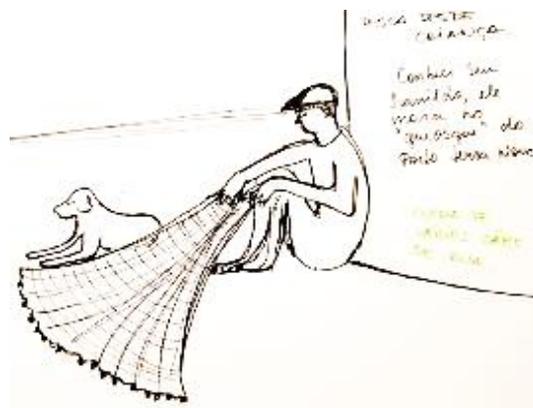
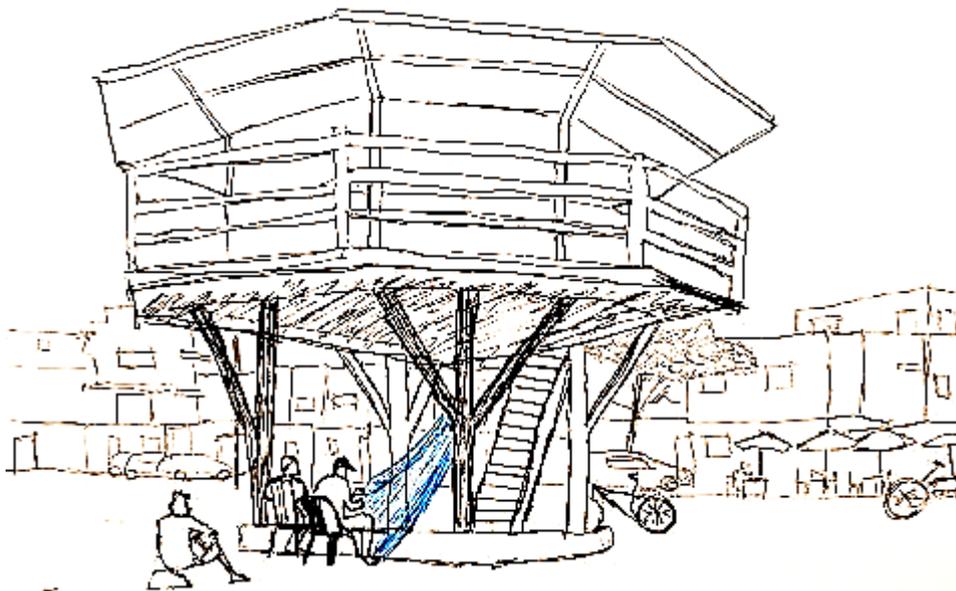
Talvez o que tenha feito o tempo das paradas ser cada vez maior, foi o retorno das barracas de praia nos dias de semana, o que me convidou a demorar mais nas observações por ter um abrigo na praia e por poder observar essas novas dinâmicas da relação das pessoas com o Buraco da Véia. Nesse período a ocupação da praia sempre foi pequena, comparado às formas de apropriação nos fins de semana quando não estava na pandemia. De qualquer modo, foi possível observar frequentemente a prática de banho de choque, além das diferentes formas de brincadeira e a apropriação dos arrecifes de corais pelas pessoas.

Figura 25 – A praia do Buraco da Véia no retorno gradual das barracas.



Também comecei a perceber mais as dinâmicas dos pescadores nos espaços públicos analisados, pois era comum vê-los sozinhos ou em grupo, arrumando as redes de pesca em praças ou sob o posto de bombeiros, que inclusive é um local bastante utilizado de diversas maneiras. Essa foi uma estrutura que desde o início me chamou muito a atenção, pois se trata de um posto de bombeiros de estrutura de madeira que se adequa bem ao ambiente praiano, mas no Buraco da Véia, esse é um equipamento que chama muita atenção devido à escala da praia ser pequena e à estrutura se localizar em um nível mais alto. Além de que a área da areia que fica coberta pela estrutura é sempre bastante apropriada por conta da sombra que proporciona, se tornando como uma área de estar pública, pois é ocupada por grupos de famílias que vão à praia e colocam suas mesas em baixo, ou pelos pescadores que se reúnem para conversar e colocar o material de serviço em ordem, entre outras formas.

Figura 26 – Apropriação dos espaços pelos pescadores.



Fonte: A autora, 2020.

A percepção das maneiras de apropriação dos espaços públicos foi um aspecto muito presente nos registros dos diários de campo, pois com o passar do tempo fui descobrindo novos espaços e modos de ocupação. Entre esses se destaca a academia da cidade que é localizada em um pátio, quase em frente à praia do Buraco da Véia, que não estava sendo utilizada para esse fim, devido à pandemia. Contudo, essa área sempre foi bastante utilizada pelos moradores como praça ou espaço contínuo a casa. Nesse sentido foi observado a realização de uma festa de aniversário de criança, onde toda a família se instalou na praça com bolas, mesas e presença de muitas pessoas, além do uso rotineiro pelos moradores das casas que são lindas à praça e tem seu espaço como terraço, o qual é ocupado com roupas sempre penduradas, e com a presença dos moradores com suas cadeiras para olhar a rua. Nesse processo também foi percebido outras formas de apropriação da praia, como uma parte mais ao extremo que é ocupada com menos intensidade, uma extensão do Buraco da Véia que eu chamei de prainha deserta por ter uma ambiência diferenciada, devido à sensação de privacidade, que me remeteu a uma área secreta.

Figura 27 – Novos sentidos dos espaços

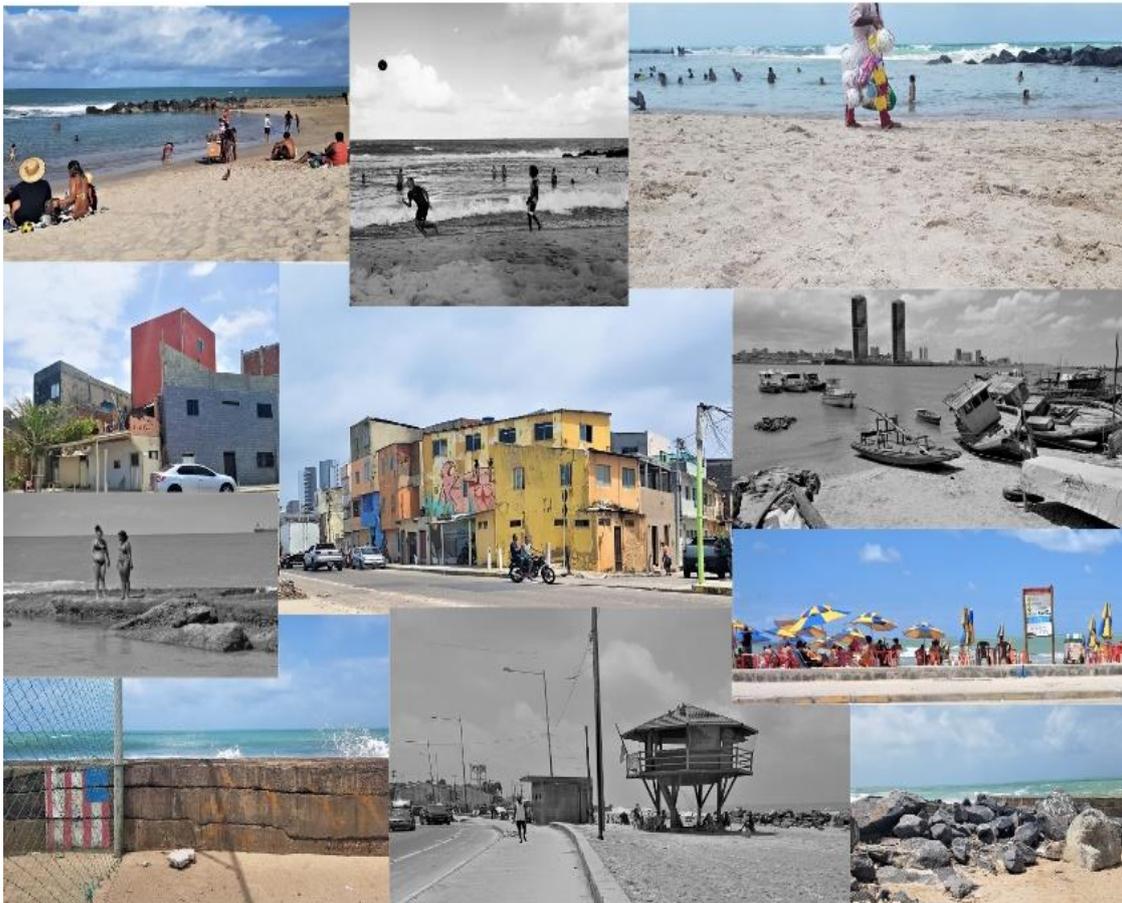


Fonte: A autora, 2020.

Nessa primeira etapa de observação de campo houve um reconhecimento e apropriação dos espaços praianos de Brasília Teimosa, como objeto de pesquisa, bem como os registros das percepções sobre as práticas cotidianas no lugar e os modos de apropriação dos espaços públicos, através da escrita e do croqui no diário de campo. Em certo momento a fotografia como instrumento de registro também foi experimentada.

Com uma câmera digital pequena na mão, por ser mais discreta para utilizar na rua, fui a campo para tentar uma outra forma de registro das minhas percepções e sentimentos nas caminhadas e observações de campo, contudo, depois de algumas tentativas de inserir a fotografia como registro, houve o entendimento de que no momento existia uma limitação quanto à utilização desse recurso. As fotos feitas, em geral, registraram contextos com pouca relação social, com certo distanciamento das pessoas e por sua vez, da vida do lugar. As fotos, em sua maioria, tiveram como primeiro plano a percepção arquitetônica ou de outros objetos presentes no espaço, o que tornou os registros com pouca densidade afetiva e significante.

Figura 28 – Compilado de fotos da primeira etapa de observação de campo

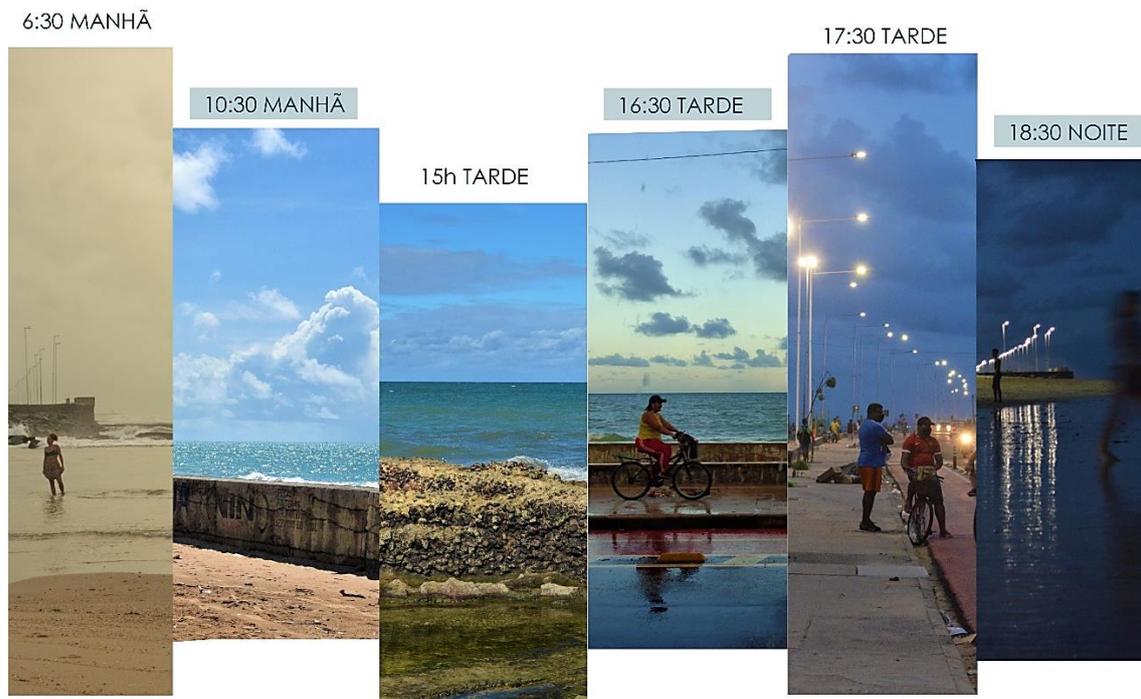


Fonte: Fotos da autora, 2020. Edição: 2022.

Nesse primeiro momento a fotografia não foi um recurso tão substancial para as interpretações e representações das percepções captadas nos espaços públicos, mas se configurou como um processo importante para a reflexão acerca dos instrumentos possíveis e seus desafios. Compreendo também que o ato de fotografar para mim ainda tinha um sentido invasivo, o qual me causava receio quanto à aproximação das pessoas, e por não conseguir efetivar essa aproximação, muitas das fotos trouxeram pessoas de costas, recortadas ou distantes, pois eu não queria revelar a minha intenção de fotografar as relações e práticas das pessoas no espaço. A isso, soma-se o medo que acometia a todos quanto ao contato social.

Por outro lado, esse distanciamento das dinâmicas sociais fez com que outros aspectos fossem observados e registrados, como as questões das mudanças do tempo durante os dias, a percepção das cores do céu e do mar, o clima solar ou chuvoso, o quanto a luz do sol interfere na cor do mar, ou as luzes artificiais que refletem na areia molhada da praia. Essas percepções eram sempre as primeiras na chegada a campo, os meus registros etnográficos frequentemente iniciavam com as percepções sobre o clima do dia e a situação da maré, se o mar estava cheio, seco ou arredio. Então, apesar da fotografia não ter atingido minhas expectativas iniciais, auxiliou em outras percepções na observação de campo e proporcionou reflexões metodológicas.

Figura 29 – Montagem fotográfica das mudanças no ambiente de acordo com o clima, horas e dias.

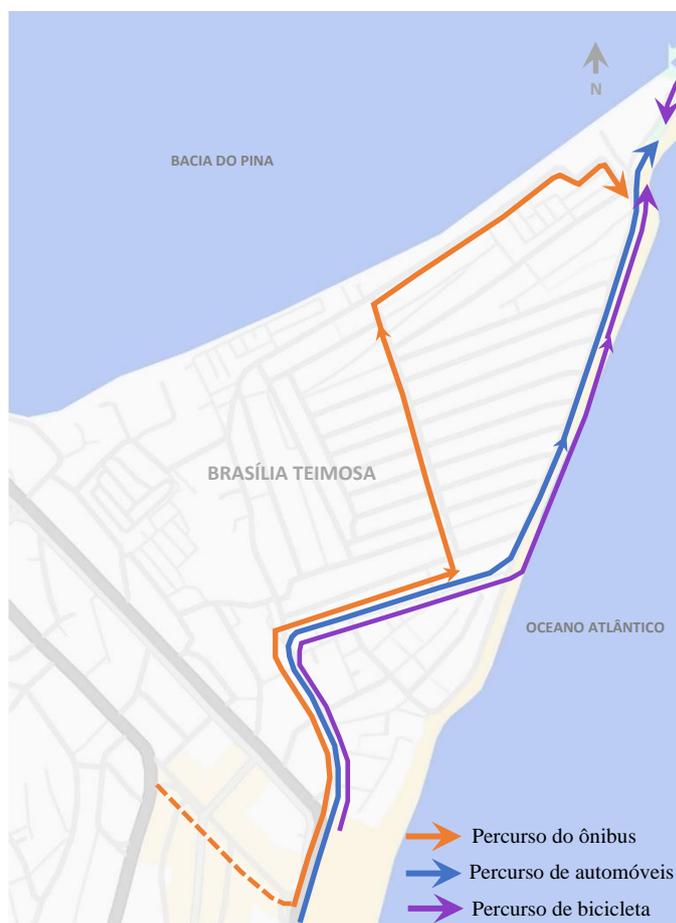


Fonte: Fotos da autora, 2020. Edição: 2022.

Em alguns momentos, sobretudo quando estava em campo à noite, eu me senti insegura devido a pouca movimentação, especialmente na área da praia, pois na orla, por outro lado, tinha bastante movimento a partir do fim da tarde e começo da noite.

Além das caminhadas realizadas nessa etapa da pesquisa, nas últimas idas à campo foi experimentado a utilização de vários modais para a chegada no local de estudo, dessa forma, além das idas a pé, houve a ida de automóvel, ônibus e bicicleta, sendo que cada um desses teve diferentes acessos para a praia do Buraco da Véia e o seu entorno. Na figura abaixo estão destacadas as direções dos principais caminhos de acesso, por modais: seta azul se refere ao principal acesso de carro, pela orla. As setas laranjas representam o sentido do percurso de ônibus da Linha 018- Brasília Teimosa, que passa pelo centro da comunidade e vai até a praia do Buraco da Véia, onde tem um ponto de terminal; e a linha roxa se trata do percurso de bicicleta nos dois sentidos, no trajeto pela orla, onde há uma ciclofaixa, e a partir do Bairro do Recife, onde se atravessa de barco para chegar ao Parque das Esculturas, atividade muito comum aos turistas e recifenses nos passeios de lazer nos fins de semana.

Figura 30 – Formas de locomoção para chegar ao objeto de estudo.



Fonte: Google My Maps. Edição: A autora, 2022.

Entre esses meios de transporte, destaco que a utilização de bicicleta foi a forma que mais contribuiu com uma outra perspectiva, pois acessar o local pelo caminho dos arrecifes remeteu a um outro tempo, um tempo antigo em que o território da cidade ainda apresentava resquícios da sua condição originária. Nesse percurso entre águas, me deparei com indicações que não conhecia, como a localização onde um dia foi a “Barreta”, antiga passagem de jangadas para o mar aberto, bem como a presença de diversos pescadores próximos ao Buraco da Véia, no muro de contenção que protege do alto-mar, com suas varas de pescar a postos.

Figura 31 – Informativo sobre a existência e localização da “Barreta” na via dos arrecifes.



Fonte: A autora, 2020.

Figura 32 – Chegando no Buraco da Véia pelo caminho sobre os arrecifes.



Fonte: A autora, 2020.

A etapa inicial se desenvolveu a partir da experimentação de instrumentos para a pesquisa de campo. As caminhadas possibilitaram a aproximação do campo, a percepção do lugar através do movimento e a delimitação do objeto de estudo. O processo da caminhada foi como mergulhar no mar, envolveu sentimento de receio, depois de desbravamento e posteriormente uma maior fluidez e certa adaptação, que foi quando se iniciaram as paradas mais demoradas, a observação e os registros. Na pausa e na observação as práticas cotidianas apresentaram-se com mais densidade, pois passaram a ser desnaturalizadas, no sentido de que as miudezas e atividades cotidianas ganharam importância e passaram a ser registradas.

Na segunda etapa das observações, que ocorreu entre março e maio de 2021, de alguma maneira as percepções de campo pareciam estar se repetindo, como se houvesse um tipo de esgotamento na maneira de lidar com o objeto de estudo e, de alguma forma, ainda havia um distanciamento dos contatos dialógicos, somado à falta que sentia dos registros fotográficos, vi a necessidade de me aprofundar nessa questão. Então houve um retorno para a reflexão acerca da potencialidade da fotografia como um instrumento de registro de campo, mas que nessa pesquisa, até então, estava em uma posição distanciada das práticas sociais.

Nesse mesmo período, coincidentemente, surgiu a oportunidade de um curso de fotografia de Paisagem Urbana²¹, realizado de modo híbrido, sendo a parte teórica online, na qual foi proposto um estudo sobre o caminhar fotográfico, sobre os recursos do fotógrafo no espaço urbano em busca de uma autenticidade no olhar sobre a cidade, para além das formas arquitetônicas, mas incorporando as dinâmicas sociais. E na parte prática foi realizada a experiência de fotografar em campo, nos centros históricos da cidade de Recife e Olinda. O curso também apresentou uma série de referências de fotógrafos(as) urbanos e realizou uma exposição online, ao final do processo, para apresentar as séries fotográficas dos participantes e realizar uma partilha pedagógica.

Essa foi uma experiência muito rica de redirecionamento da pesquisa de campo, especialmente nesse retorno para a segunda etapa, que, em nossa compreensão, demandava outros instrumentos. Dessa forma retornei ao campo com a fotografia, como uma nova oportunidade de mergulhar nas práticas cotidianas do lugar.

²¹ O curso foi realizado do dia 5 a 18 de abril e foi organizado pela produtora Bacurau Filmes e ministrado pela fotógrafa e arquiteta Marília Farias e pelo fotógrafo Hermes Costa.

5.2 FOTOGRAFIA COMO RECURSO PARA APROXIMAÇÃO DE CAMPO E PERCEPÇÃO DE AMBIÊNCIAS

A fotografia tem o potencial de comunicar sobre a cultura, tradições, a vida das pessoas e sobre as cidades, e não apenas em seus aspectos formais e informativos, mas como uma “metáfora do visual, que liga os espaços entre o visível e o invisível [...] por meio de uma expressividade lírica” (NOVAES, 2015, p. 10). Dessa forma a fotografia é capaz de ampliar o seu caráter primário de registrar a realidade para criar possibilidades de interpretações de mundos e construções de um devir através de intenções e desejos.

A dimensão física e visual é um dos principais aspectos do campo da Arquitetura e Urbanismo, tendo a fotografia comum um dos seus instrumentos de representação. Na Antropologia Urbana a fotografia também é um importante recurso para a construção de representações e para fins documentais, nos registros de culturas e diferentes grupos sociais. (SILVA, 2017)

Na perspectiva da Arquitetura e Urbanismo, a fotografia tem a finalidade de expressar formas e percepções sensíveis dos projetos arquitetônicos, através dos elementos de luz e sombra, cores, formas, bem como a contextualização urbana, muito comum na produção de mapeamento e diagnósticos de áreas urbanas, com finalidade documental. A perspectiva antropológica, por sua vez, busca uma construção que expresse as relações e símbolos da organização social e cultural, possibilitando a construção de narrativas. (SILVA, 2017)

Através desse potencial narrativo da perspectiva antropológica, unindo a dimensão arquitetônica e urbanística, que traz à tona as formas e contextos urbanos, buscou-se a utilização da fotografia como uma aliada a essa relação. Na abordagem da percepção do lugar a partir da noção de ambiência, essa articulação também é muito relevante, pois as fotos podem ser recursos expressivos “que permitem a ponte entre o visível e o invisível na cultura, que não seja mero registro visual”. (NOVAES, 2015, p.10)

Dessa maneira, a fotografia com toda multiplicidade que integra a sua essência, torna-se uma ferramenta com potencial de expressar os aspectos objetivos, mas também os mais sensíveis daquilo que as pessoas do lugar manifestam: o “Aspecto híbrido da fotografia, que permite a conexão entre arte, conhecimento e informação” (NOVAES, 2015, p.09), se situando, desse modo, entre o universo da criação artística e da realidade compartilhada.

Também pode-se atribuir a fotografia, além de sua utilização para o discurso científico verbal, a possibilidade de aliar a informação visual ao texto escrito e de ser um meio de troca entre os participantes envolvidos na pesquisa, devido à possibilidade de dar visibilidade aos atores urbanos, que muitas vezes são invisibilizados ou representados de maneira estereotipada. (NOVAES, 2015)

Na experiência de campo com a fotografia, dessa vez utilizando uma máquina fotográfica semiprofissional, e com o aporte dos novos conhecimentos e percepções absorvidas no curso supracitado, a fotografia passou a ser um instrumento de aproximação do lugar e das dinâmicas sociais e foi uma ponte entre a etapa de observação de campo e as entrevistas, como será exposto.

A primeira ida à campo com a câmera fotográfica já se mostrou bem diferente das anteriores, no que tange à interação social e à percepção do lugar. Importante mencionar que todas as vezes que utilizei a câmera fui acompanhada, o que também colaborou com a minha confiança. Também destaco que nas vezes em que as fotos tiveram foco nas pessoas, foi pedida autorização verbal delas, tanto por questões éticas, como para não comprometer minha presença e relação com os diversos interlocutores.

Essa primeira visita à campo foi realizada em março de 2021. O dia estava ensolarado e ao chegar na orla percebi que a maré estava baixa, e por isso a praia estava com os corais bem aparentes. Decidi fazer algumas caminhadas pela areia, entre as barracas, até o final da praia. Quando me aproximei da área dos pescadores e enquanto eu estava tirando fotografia dos barcos, um pescador, chamado Paulo²², iniciou uma conversa, foi então que me aproximei dele e fiz algumas perguntas, que já estavam sendo elaboradas no roteiro teste de entrevistas. Ele me respondeu e contou um pouco sobre sua vida como pescador na Brasília Teimosa. Informou que aquela área onde os pescadores ancoravam seus barcos, era chamada de “Porto Terra Nova”, uma área bem próxima à praia, banhada pela Bacia do Pina, apesar de já ter ido ali anteriormente, não sabia como aquele lugar era chamado. No final ele perguntou: “Gostou do que eu falei? Vai servir?”, eu respondi que serviria e agradeci, enquanto ele dava meia volta para ir ao barco organizar seu material de trabalho. Continuei entre os barcos tirando fotos e tendo uma percepção forte de que aquele lugar era um reduto na cidade, de onde se vê torres e o centro histórico, mas distante, em silêncio. Definiria esse local como o silêncio das águas.

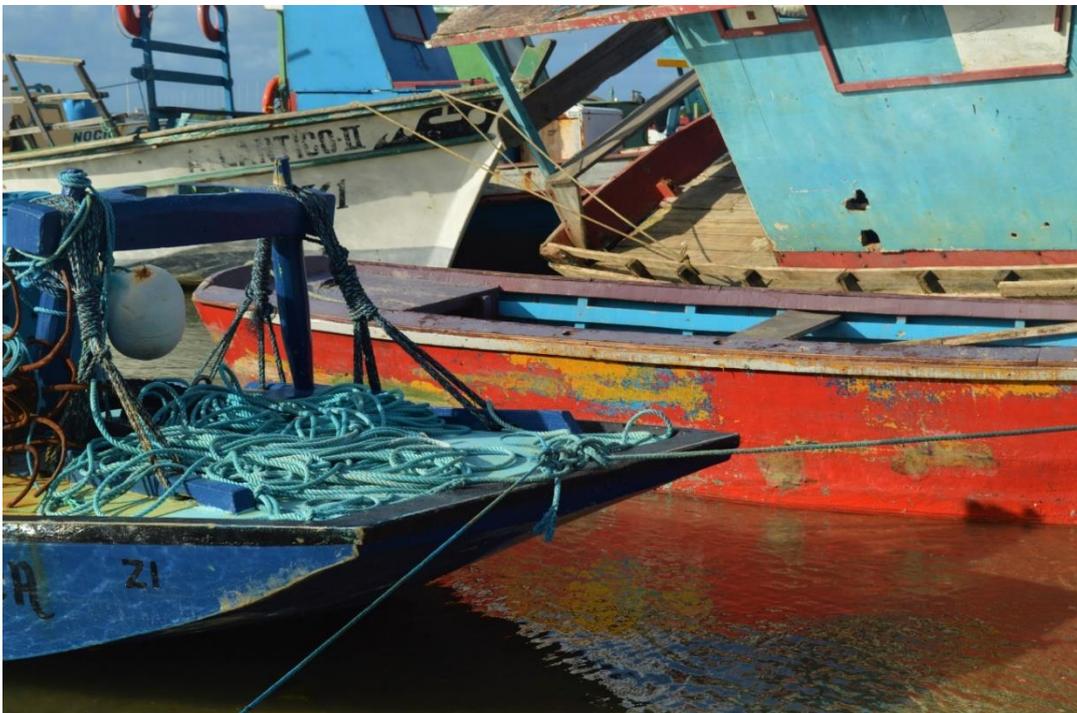
²² Neste trabalho, optou-se por usar nomes fictícios para se referir aos(as) participantes desta pesquisa, para ser preservada a identidade deles(as).

Figura 33 – Pescador no Porto Terra Nova²³.



Fonte: A autora, 2021

Figura 34 – Barcos do Porto Terra Nova.



Fonte: A autora, 2021

²³ Essa foto, intitulada “Céu de Concreto e Mar de Esperança”, ganhou o concurso de fotografia do I Colóquio Internacional SOPAPO - Sociedade, Espaço e Política, que ocorreu entre os dias 16 e 19 de agosto de 2021, e aconteceu de forma virtual. Nesta foto, se vê o pescador acenando em seu barco, na Baía do Pina, e em segundo plano o contexto das torres e da ponte do Pina.

Figura 35 – Porto Terra Nova, ao fundo as duas torres do Bairro do Recife.



Fonte: A autora, 2021

A presença dos pescadores nos espaços públicos é bastante forte, de diversas maneiras esses trabalhadores realizam suas atividades, além do processo da pesca em si, seja limpando os peixes e mariscos ou organizando as redes de pesca. Essa relação entre as pessoas com a natureza do lugar, bem como as práticas em torno dessa atividade, remete à origem e permanência da comunidade em torno da colônia de pescadores.

Nesse sentido, a fotografia auxiliou na aproximação a esses trabalhadores, que sempre foram muito abertos à interação, também por ser muito recorrente o interesse de pesquisadores nas práticas relacionadas a esse grupo social. Na praia foi comum encontrar alguns pescadores vendendo sua pesca em cordas, para os banhistas e visitantes, além da presença de pescadores limpando seu peixe na rua ou nas pedras da praia.

Em uma das visitas fotográficas conheci Seu Ismael que estava alinhando sua rede de pesca e contou que pescava desde criança em Brasília Teimosa; Pedro, que estava na calçada próximo à sua casa arrumando a rede e se preparando para ir ao mar; Xande, que tinha voltado do mar depois de dez dias e estava tratando um peixe na praia para fritar e comer, bebendo cachaça e uísque para comemorar a sua volta; Vanessa que catou marisco na maré e estava

limpando em frente à sua casa. Alguns pescadores andavam na orla com a corda de peixe oferecendo às pessoas que paravam para escolher o peixe para comprar. Apesar da comunidade ter uma série de peixarias e casas de crustáceos, o trabalho informal de venda de peixe na rua é bem presente, o que também revela a condição precária de muitos desses trabalhadores.

Figura 36 – Pescador tratando o peixe no Buraco da Véia, depois de voltar do alto-mar.



Fonte: A autora, 2021

Figura 37 – Pescador tratando peixe na praia do Buraco da Véia.



Fonte: A autora, 2021

Figura 38 – Catadora tratando marisco.



Fonte: A autora, 2021

Figura 39 – Catadora tratando marisco em frente à orla.



Fonte: A autora, 2021

Figura 40 – Pescador consertando rede de pesca na calçada em frente à orla.



Fonte: A autora, 2021

Figura 41 – Detalhe para a rede de pesca e o vestígio do café da manhã do pescador.



Fonte: A autora, 2021

Figura 42 – Pescador vendendo seu peixe na praia.



Fonte: A autora, 2021

Figura 43 – Pescador vendendo a pesca na praia do Buraco da Véia.



Fonte: A autora, 2021

Figura 44 – Grupo de homens reunidos na praça, organizando as redes de pesca.



Fonte: A autora, 2021

Figura 45 – Pescador consertando sua rede de pesca.



Fonte: A autora, 2021

A fotografia de fato passou a ser um instrumento de aproximação das dinâmicas sociais nos espaços públicos, pois a partir da utilização dessa ferramenta em campo, foi possível estabelecer contato e diálogo com muitas pessoas, algumas vezes a partir da minha iniciativa, outras pelos próprios praticantes do lugar.

Em uma das caminhadas fotográficas, parei em uma bodega que fica na calçada na frente da praia do Buraco da Véia para observar o movimento em um lugar sombreado. Era perto da hora do almoço de uma sexta-feira e neste local estavam um senhor com a camisa da seleção brasileira, outro senhor de boina e um colar de crochê amarelo e uma moça jovem fazendo a unha, além do garçom que usava um chapéu. Esse momento me trouxe uma enorme sensação de familiaridade, que essas pessoas tinham entre si e com o lugar. Pareciam que moravam naquele estabelecimento e só saíram para a calçada. Nesse meio tempo apareceu Bezerra, um senhor de 80 anos com um carrinho de frutas para vender, gritando “limão para limpar o rabo” e quando via os risos constrangidos das pessoas, continuava “limpar o rabo de peixe”, e nessa brincadeira ele me presenteou com uma sacola de limão.

Bezerra era conversador e parecia conhecer todos que estavam ali, menos eu, e por isso veio iniciar um diálogo quando me viu sentada. Contou que foi jogador de futebol quando jovem e que todos conheciam ele e “era só perguntar por Bezerra, o jogador” que todos de

Brasília Teimosa saberiam quem é. Enquanto ele falava, as pessoas da outra mesa me avisaram “não dê corda para ele, se não ele não vai parar mais”. Eu estava com a câmera na mão e perguntei se poderia tirar uma foto dele, ele posou para a foto e em seguida já começou outra conversa com pessoas que estavam passando na rua e o cumprimentaram.

Figura 46 – Colegas reunidos em bar pela manhã, enquanto o tempo passava.



Fonte: A autora, 2021

Figura 47 – Vendedor ambulante de frutas e verduras.



Fonte: A autora, 2021

Nessa mesma visita continuei andando para o sentido do Iate Clube, quando fui surpreendida por uma parede enorme toda grafitada, a qual me chamou atenção por ter uma série de desenhos de criaturas marinhas, remetendo à natureza de Brasília Teimosa. Depois de fazer algumas fotos dessa parede, um rapaz se aproximou de mim e disse que aquela era a sua casa e que a pintura continuava também na fachada e sugeriu para eu tirar foto também dessa parte da pintura. Também contou do artista que fez essas pinturas e tantas outras na comunidade, me apontando para outras paredes que tinham pintura com a mesma característica. Depois comecei a perceber vários grafites de temática marinha em diferentes lugares da comunidade, especialmente nos muros da área praiana.

Esses grafites são como surpresas que vão se descortinando quando se faz uma observação mais atenta, e reforçam a ambiência relacionada à apropriação e transformação da paisagem urbana através dessa expressão artística popular e relacionada às características marítimas do lugar, juntamente com o constante cheiro de maresia e de peixe, constroem uma atmosfera que amplia a relação com a praia e o mar. Interessante que muitas vezes essas criaturas marinhas se encontram presentes em fachadas de casas de estrutura simples, como ornamentos simbólicos.

Figura 48 – Grafite no muro de uma casa localizada na esquina da praia e ao lado do late Clube.



Fonte: A autora, 2021

Figura 49 – Grafite lúdico de temática marítima.



Fonte: A autora, 2021

Figura 50 – Grafite de temática marítima ornamentando a janela de uma residência na orla.



Fonte: A autora, 2021

Figura 51 – Grafite de temática marítima no muro do Iate Clube.



Fonte: A autora, 2021

Figura 52 - Grafite de temática marítima no muro do Iate Clube.



Fonte: A autora, 2021

Enquanto eu fotografava os grafites no muro do Iate Clube, um grupo de adolescentes que jogavam bola na avenida da praia perguntaram se eu não poderia tirar fotos deles. Drica e Jorge eram irmãos e jogavam bola muito bem, especialmente embaixadinhas, que eles faziam enquanto os registrava. Quanto à essa relação de contato com as pessoas através da fotografia, foi recorrente o fato de algumas pessoas terem iniciado um diálogo solicitando que eu tirasse fotos delas e as enviasse depois.

A prática de futebol ou outros esportes com bola foram bastante registrados nesse processo, pois era comum me deparar com jovens jogando bola em diversos lugares dos espaços públicos, bola na avenida, na calçada, na areia da praia, no mar, no campo de areia, na praça. Além das práticas com bola, muitas brincadeiras típicas do ambiente praiano foram registradas,

como empinar pipa na praia, brincadeiras nos corais de arrecifes, o banho de choque, entre outras atividades lúdicas.

A relação intensa com os corais dos arrecifes é um aspecto muito particular da praia do Buraco da Véia e sempre foi um ponto de atenção, pois na maré baixa esse local se torna um verdadeiro parque natural, onde as crianças brincam correndo, pulam para o mar, tomam banho do choque das ondas, adultos caminham, levam caixa de som, pescam, tomam banho de sol, levam mesa e cadeira para sentar-se nas pedras naturais, entre outras atividades. Nesse sentido também foi realizado uma série de registros dos corais, destacando sua beleza natural e as diversas formas de apropriação pelas pessoas.

Figura 53 – Menina jogando bola na Avenida Brasília Formosa.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 54 – Garoto jogando bola na avenida de frente para a praia Buraco da Véia.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 55 – Garotos jogando futebol no campinho de areia da orla.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 56 – Meninos tomando “banho de choque” ou “banho de paredão”.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 57 – Garotos empinando pipa na praia do Buraco da Véia.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 58 – Menino pulando dos arrecifes para a piscina da praia.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 59 – Homem praticando a pesca esportiva nos arrecifes da praia.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 60 – Jovens praticando diversas atividades de lazer na praia.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 61 – Ocupação dos frequentadores nas barracas de praia.



Fonte: A Autora, 2021

As práticas observadas na praia do Buraco da Véia têm total relação com a prática lúdica, inclusive é um local que recebe muitas crianças devido à proteção natural dos arrecifes, que permite que os banhos sejam rasos e seguros, além da forma côncava da praia que permite boa visibilidade das atividades no mar. Por conta disso é comum ver crianças sozinhas tomando banho de mar, com seus familiares olhando das mesas de praia. Além desse sentido de lazer nesses espaços públicos, o trabalho informal comum na dinâmica praiana como um todo, é muito presente na areia da praia, com a presença de vendedores de lanches, brinquedos infantis, pipas, boias, óculos, produtos cosméticos, entre outros. Inclusive em uma das visitas, conheci Anderson, vendedor de óculos que contou que sempre vendia seus produtos nas praias de Boa Viagem, Pina, mas sempre terminava no Buraco da Véia, que era onde ele mais se sentia relaxado para aproveitar a companhia de outros amigos comerciantes, que marcavam um encontro no fim do expediente.

Figura 62 – Vendedores informais e sua mercadoria.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 63 – Reflexo da praia em óculos espelhado de um vendedor.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 64 – Vendedor de algodão doce e crianças na praia ao fundo.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 65 – Cabelereiro atendendo um cliente na calçada de frente á orla.



Fonte: A Autora, 2021

Outras atividades menos comuns foram observadas também na área praiana, especialmente na orla. Além de alguns mercadinhos existentes na Avenida Brasília Formosa, em uma visita feita no período da manhã, me deparei com o serviço de cabeleireiro e barbeiro sendo realizado na calçada. O profissional provavelmente morava na casa e estava utilizando a área pública para fazer o seu negócio, ele me contou que cobrava dez reais para o corte masculino na máquina, o que ele chamou de “deixar na régua”.

Esse entrelaçamento entre o espaço privado e o espaço público, que muitas vezes se confundem nas percepções do lugar, revelam uma ambiência que muito se relaciona com o sentimento de familiaridade e intimidade, pois muitos moradores utilizam da calçada ou outros espaços públicos como extensão de casa, seja na realização de festas particulares, como já mencionado, ou na atividade profissional, como é o caso do cabeleireiro, ou na prática habitual de sentar-se na calçada para olhar a rua, o movimento e conversar com os vizinhos.

Isso não é uma prática exclusiva da Brasília Teimosa, pois muitos bairros populares ainda mantêm essa relação forte de vizinhança. Porém é interessante observar que nos espaços públicos estudados, essas práticas demonstram algumas particularidades no modo de apropriação, como exemplo a utilização das praças e pátios como extensão da área de serviço da casa, onde geralmente são estendidas as roupas no varal. Em muitas ocasiões nas visitas, foi

percebido que vários moradores da orla utilizam a calçada para esse fim, provavelmente pela falta de espaço em casa e para apressar o serviço doméstico, devido à ventania típica da praia.

Figura 66 – Roupas no varal na pracinha de frente à orla.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 67 – Roupas no varal em espaço público e cartaz de campanha contra o crack ao fundo.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 68 – Pessoas descansando em um sofá embaixo do posto de bombeiros, no Buraco da Véia.



Fonte: A Autora, 2021

Essa relação particular com os espaços públicos foi expressa de diversas maneiras, e uma das que mais me chamou atenção foi o modo de ocupação na área sob o posto de bombeiro, como já mencionado anteriormente. Com o passar do tempo, quanto mais eu ia a campo, mas eu via diferentes modos de apropriação desse lugar. No dia 1º de maio de 2021, passei de bicicleta pela praia e orla, e observei que tinha um grupo de samba profissional tocando nessa área, em comemoração ao Dia do Trabalhador, com várias pessoas dançando ao redor. Também já presenciei uma festa de família que ocupou o lugar com diversas mesas, ou pescadores organizando o material de trabalho, senhoras com cadeiras conversando, banhistas utilizando para se proteger do sol e aproveitar a praia sem ter que ir para as barracas.

Em relação a isso, certa vez, em uma caminhada fotográfica durante a manhã, me deparei com rapazes sob o posto de bombeiros sentados em um sofá conversando, algo que ainda não tinha visto. Achei interessante e registrei, pois aquela imagem me remetia a uma sala de estar, um lugar de convivência entre pessoas íntimas. Esse contexto foi trazido na fotografia acima e além das pessoas que participaram desse momento, ainda tem o cachorro que também descansa na areia como se tivesse em casa. Essa forma de ocupar esse lugar também me remeteu

a um tempo ocioso. Foi perceptível também que os espaços públicos são mais frequentados por homens e, muitas vezes, desse modo sem pressa e disponível para o convívio entre eles.

Na verdade, essas áreas praianas parecem começar o dia lentamente, e com o passar das horas vai tomando ritmo, sendo de manhã mais tranquilo, no meio do dia mais ativo, principalmente por conta das atividades na praia, e no fim da tarde começa a inverter essa vitalidade e a praia se torna mais esvaziada, enquanto a orla e os campos de areia adjacentes são ocupados intensamente.

Abaixo eu apresento algumas fotos que expressam as ambiências do entardecer e da noite nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa. As duas primeiras fotografias são da orla em dias distintos, uma trazendo mais o sentimento de tranquilidade, familiaridade e segurança, enquanto a segunda foi tirada da calçada oposta e expressa mais o sentido de vitalidade e dinamicidade. A terceira foto foi feita no Buraco da Véia e mostra crianças e adolescentes se divertindo no começo da noite na praia, transmitindo uma sensação de movimento, liberdade e diversão.

A foto seguinte se trata do pôr do sol no Porto Terra Nova, onde muitas pessoas param para apreciar a vista para a Baía do Pina e o centro do Recife, sendo uma dinâmica diferente da habitual apropriação pelos pescadores, que me levou a um estado de contemplação e nostalgia.

Figura 69 – Vitalidade na orla de Brasília Teimosa ao entardecer.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 70 – Dinâmica noturna na orla da Avenida Brasília Formosa.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 71 – Crianças e adolescentes brincando na praia à noite no período de maré baixa.



Fonte: A Autora, 2021

Figura 72 – Pessoas contemplando o pôr-do-sol no Porto Terra Nova, com vista para o Centro do Recife.



Fonte: A Autora, 2021

A última fotografia apresentada acima, se trata de um registro feito em um contexto bem atípico que presenciei em Brasília Teimosa, que foi o festival da Virada Negra que aconteceu na praia do Buraco da Véia, em março de 2022. No caso, esse registro foi realizado em outra etapa da pesquisa, em um período diferente das demais fotografias, mas é interessante trazer essa percepção noturna festiva, de quando estávamos em um contexto pós pandemia, no qual já podia realizar eventos. Essa experiência me trouxe uma nova percepção em relação ao objeto de estudo, que foi a sensação forte de urbanidade, de dispersão e coletividade, de alguma forma me senti mais integrada ao local nesse contexto do que quando costumo vivenciar como pesquisadora inserida nas práticas cotidianas dos seus moradores.

Para concluir, destaco que o desafio desse percurso foi o mergulho no lugar através da posição de pesquisadora. O tempo das caminhadas, das percepções iniciais, das descobertas e das interações, muitas vezes foram carregadas de incertezas, de possibilidades e de reflexão. Um campo aberto que não sustenta tantas definições prévias, mas que o processo vai revelando os sentidos e direcionamentos.

Minha percepção também foi muito particular, pois estava situada em um período em que as dinâmicas comuns da praia estavam relativamente alteradas, devido à pandemia. Dessa forma pude me aprofundar no lugar e descobrir outras ambiências também ligadas ao sentido da tranquilidade da praia, ao seu caráter de convívio social nos espaços públicos. A descoberta do Porto Terra Nova, que remete a um ritmo de cidade mais lenta, mais silenciosa, assim como as águas calmas da maré. Os corais de arrecifes que representam mais que sua beleza natural, mas com um forte sentido de uso para fins de lazer, de ludicidade, de sociabilidade, que propiciam afetos de alegria, liberdade e amistosidade. Os espaços públicos onde os pescadores estão tão presentes, em seus trabalhos que se desenvolvem além da vivência marítima e adentram as ruas e praças. A ambiência marítima que se comunica além dos aspectos inteligíveis do mar e da praia, mas se expande em outras percepções, através dos grafites, do cheiro de maresia, dos peixes, das redes de pesca etc.

Como pesquisadora, o processo foi interessante porque saí de uma perspectiva distanciada, para conseguir mergulhar nas práticas e dinâmicas do lugar, poder estabelecer trocas e construir um caminho que me possibilitou dar os primeiros passos e me aproximar dos meus objetivos. Mas esse é um processo de construção, não apenas a partir do meu olhar, mas de uma relação entre mundos subjetivos que se manifestam nas práticas cotidianas coletivas no lugar vivenciado. Para que esses mundos possam ser compreendidos de maneira significativa, se deve ir até as pessoas que constroem esse cotidiano.

6 AS VOZES DA PRAIA: AS PERCEPÇÕES SOBRE O BURACO DA VÉIA E OS ESPAÇOS PÚBLICOS PRAIANOS DE BRASÍLIA TEIMOSA

É importante navegar junto à costa e observar as paisagens, mas também entender onde descer a âncora, encontrar quem mora naquelas terras, descobrir estratégias para ir ao encontro dele, aprender a cumprimentar. A arte de ir ao encontro de alguém produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajuda a imaginar, com elas, uma outra maneira de habitá-lo.
(Careri)

Como já exposto, o objeto de estudo do trabalho e alguns instrumentos metodológicos foram definidos junto ao processo das caminhadas e observações de campo, juntamente com as investigações bibliográficas, como exemplo, a decisão de realizar uma pesquisa de cunho etnográfico e utilizar as entrevistas semiestruturadas como recurso metodológico. Esse processo do campo, apesar de não ter sido fácil, foi importante para ocupar o lugar com menos intencionalidade e maior abertura às comunicações verbais e não verbais, resultando em uma flexibilidade nas certezas científicas. Como sugere Favret-Saada (1990), permitir-se ser afetado é fundamental para a realização de uma etnografia, não no sentido de buscar uma empatia ou identificação com o ponto de vista do participante, mas com as possibilidades de condução que a pesquisa pode tomar no processo de imersão, além daquela previamente estabelecida: “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada” (FAVRET-SAADA, 1990, p. 160).

As caminhadas, as observações de campo e os registros das ambiências, trazidas anteriormente, foram meios que me levaram ao encontro das pessoas e suas práticas cotidianas, que facilitaram uma aproximação dialógica com os usuários moradores e visitantes dos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa. Para buscar as narrativas orais, o que chamo de “vozes da praia”, inicialmente, foram realizadas entrevistas informais e a aplicação de um roteiro teste para o entendimento do que seria mais interessante para a construção da entrevista semiestruturada e para a etapa de aplicação dela. Essas entrevistas informais e o roteiro teste, bem como as entrevistas semiestruturadas, foram aplicadas nas áreas da praia do Buraco da Véia, na Orla e na Avenida Brasília Formosa, assim como no Porto Terra Nova.

O objetivo das entrevistas foi acessar as opiniões, crenças, valores e significados que as pessoas atribuem ao lugar e a relação com ele. Desse modo, a entrevista aberta ou semiestruturada, própria da pesquisa qualitativa, segundo as autoras Fraser e Gondim (2004), é uma forma privilegiada de interação social que valoriza o uso da palavra e possibilita que os atores sociais se expressem e deem sentido ao mundo através de uma relação intersubjetiva com a realidade social. Nessa perspectiva, a entrevista qualitativa envolve uma interação entre o participante e o pesquisador, através de um processo cooperativo na construção do conhecimento, e é considerada como um “texto negociado”, ou seja, “uma produção desencadeada pelo processo ativo de trocas verbais e não verbais” (FRASER e GONDIM, 2004, p. 146) entre o entrevistador e entrevistado, produzindo assim um discurso compartilhado.

Isso posto, neste capítulo serão apresentadas as análises dessas entrevistas, iniciando por um percurso costurado pelas histórias dos atores participantes das entrevistas informais, que já direcionam algumas categorias temáticas. Posteriormente, será apresentado o procedimento metodológico para a seleção e análise dos dados coletados, e por fim, o aprofundamento nas temáticas identificadas como mais relevantes, resultado da integração entre as análises realizadas em campo e das narrativas extraídas das entrevistas.

Em uma das caminhadas encontrei Dona Adelina em frente à sua casa, na Avenida Brasília Formosa. Era 11h da manhã e ela estava sentada em uma cadeira olhando o movimento da rua. Ela me chamou atenção e me aproximei, pedi licença para conversar e me sentei em um banco próximo. Aquela senhora branca tinha 73 anos, era aposentada do seu emprego de empregada doméstica e dividia a casa com sua filha. Ela contou que é natural de Garanhuns-PE, mas se criou em Brasília Teimosa, morou por algumas décadas em outra rua da comunidade, mas há dois anos morava em uma casa na orla, por isso se considerava privilegiada por viver de frente ao mar. “Me sinto maravilhosa”, respondeu ela quando perguntei como se sentia por morar naquele local. No meio da conversa, Dona Adelina viu sua vizinha passando e a convidou para se aproximar, pois ela saberia mais informações sobre o bairro. Francisca, mulher negra, com cerca de 50 anos, entrou na conversa com disponibilidade e contou da sua história. Mora desde sempre naquele local, mas disse que antes era tudo muito diferente, pois na frente de sua casa existiam moradias de palafitas. Relembrou que ali “parecia um mar”, as ondas batiam no paredão, invadia as casas e as pessoas perdiam suas coisas e tinham que sair de suas moradias. Com certa nostalgia, conta de quando era mais jovem e saía sozinha de cinco horas da manhã para pegar a maré seca e pescar “eu ia sozinha, eu e Deus, de praia a fora por aqui debaixo das casas”. Voltava com as ostras na bacia para vender e comer em casa, pois

muitas vezes era o que tinha para se alimentar com seus filhos, “chegava lá e botava no fogo com tempero, pimenta do reino, colorau, alho, cebola, coentro, aí fazia um pirão e a gente comia...quebra a ostra assim, olha, a minha vida sempre foi assim” (MJ).

Esses relatos orais das moradoras antigas do bairro despertam para o sentido do lugar como constituinte da história de cada indivíduo que ali vive, na medida em que a rememoração da vida pessoal está vinculada aos relatos do lugar no passado. Também traz o sentido de vizinhança e da relação entre a casa e a rua, a qual será mais trabalhada posteriormente.

Mais à frente, já no Porto Terra Nova, em um sol escaldante, me deparei com Seu Antônio, homem pardo de 71 anos, morador da Brasília Teimosa e pescador “desde que se entende por gente”. Enquanto ele preparava a rede de pesca, me contou que antigamente ali não tinha nada e os pescadores vinham de vários lugares para pescar em Brasília Teimosa. Também disse que muita coisa mudou, inclusive sua forma de pescar que não era mais no mar aberto e sim na maré, perto do farol no molhe dos arrecifes. Disse que as dificuldades da vida aumentaram na pandemia com a pesca e venda de peixes, mesmo assim se sente grato pelo lugar que vive pois sempre proporcionou o seu trabalho.

Na volta, passei pela praia do Buraco da Véia e conheci Marcelino, homem pardo de 66 anos, que estava sentado em um banco ao lado de seu colega Rodrigo. Marcelino me contou que chegou em Brasília Teimosa quando tinha 7 anos e lembrava de quando as casas ainda eram de palha. Pescou durante um período da vida, mas depois se tornou encanador da aeronáutica, atualmente aposentado. Disse que deixou a pescaria por conta dos perigos da profissão: “a pescaria é muito pesada, você fere as suas mãos, você lasca a sua perna, você dorme mal dormido, entendesse, é perigoso, o mar às vezes está muito bravo, e você não sabe, ele sabe que vai, mas não sabe se volta, não é meu amigo?”. Seu amigo Rodrigo, homem negro de 54 anos, concordou, mas disse que gosta de pescar mesmo assim, às vezes passa dez dias direto pescando e gosta mais de estar no mar do que em terra. Marcelino retrucou dizendo que era muito melhor estar em Brasília Teimosa, aproveitando das coisas boas: “Você está ali na mão de Deus, no mar, quando você chega na Brasília você vai usufruir do que tem de melhor, né, vai para uma praça, junta todo o mundo aí, vai conversar, sair com as namoradas, Brasília tem muito a oferecer, entendesse?”. Ele ainda contou que costuma caminhar todos os dias na orla, algumas vezes até o Parque de Esculturas de Brennand.

Outro aspecto relevante das narrativas foi a relação com o trabalho, especialmente da pesca, proporcionada pela natureza marítima do lugar. A comunidade se desenvolveu em torno

da pesca e continua sendo a atividade de muitos moradores. As histórias dos pescadores, sempre muito atrativas, remetem à própria história da comunidade e criam uma rede de relações sociais e símbolos em torno do mar. A questão da sociabilidade também está presente nas entrevistas, como sendo um fator importante para a vida na comunidade e nos espaços públicos.

Segui caminhando pela areia da orla, próximo à Arena de Brasília Teimosa ou “campinho” para tirar fotos. Já era 15h e os meninos estavam jogando bola. Parei para observar e um garoto se aproximou de mim e começou a conversar. Lucas, de 12 anos, perguntou por que eu estava com uma câmera tirando foto e eu expliquei sobre a minha pesquisa. Ele, por sua vez, contou que participava de vários projetos da comunidade, relacionados ao esporte e à cultura, disse o nome do time que integrava e que participava da “Turma do Flau”. Por fim, me disse que queria ser vereador e que tinha um enorme interesse em escrever um livro para divulgar a história de Brasília Teimosa.

Até aqui, um fio condutor costurado a partir das vozes dos moradores de Brasília Teimosa: a história da comunidade, a atividade tradicional de pescaria, a continuidade dessas práticas no cotidiano da comunidade e a relação íntima com o mar. Até chegar no potencial dos espaços públicos destinados para atividades de lazer e esportes, como espaços promotores de socialização e engajamento para as gerações atuais. Esse foi apenas um recorte e uma forma de articular as narrativas coletadas que serão mais destrinchadas nas próximas sessões, a partir das análises das entrevistas.

Nesse sentido, é importante o entendimento de que o recurso da entrevista tem uma compreensão parcial de uma realidade complexa, localizada em um contexto histórico e social particular. Isso não significa denotar a perspectiva relativista, mas reconhecer que as visões de mundo dos grupos sociais participantes se constroem a partir de uma multiplicidade de aspectos, como processos de socialização, hábitos, ambiente, o que pode resultar em opiniões distantes diante de um mesmo tema (FRASER e GONDIM, 2004).

Inicialmente, foi elaborado um **roteiro teste** da entrevista que foi aplicado em campo de modo experimental, servindo de orientação para a construção da entrevista semiestruturada, na qual ajustes foram realizados no sentido de reformulação ou adição de perguntas e/ou tópicos adequados e relevantes para a investigação do objeto de estudo. Esse também foi o primeiro momento de interação com as pessoas de maneira mais intencional, com um propósito definido para além da conversa informal.

A escolha da **entrevista semiestruturada**, como instrumento de coleta de dados, associado a outras técnicas, deu-se devido a esta ter um caráter orientador e flexível em relação aos objetivos pré-definidos, no sentido de possibilitar uma ampliação da expressão do entrevistado, sem impedir o aprofundamento nos aspectos que possam ser relevantes para a temática estudada. Também por ser um instrumento que dá voz ao participante, a partir de um processo de construção mútua entre pesquisador e entrevistado, tornando um recurso importante para “permitir o acesso aos significados atribuídos pelas pessoas aos eventos do mundo, cujo produto é fruto das mútuas influências no processo de interação na entrevista” (FRASER e GONDIM, 2004, p. 139).

A elaboração dos tópicos da entrevista foi articulada à definição de categorias, associadas aos objetivos de cada tópico e aos seus possíveis desdobramentos²⁴. As categorias funcionam como elementos orientadores para a entrevista, e auxiliam na análise dos resultados. Esse esquema também evidenciou os cruzamentos de categorias e a sobreposição temática entre as perguntas, o que reiterou a necessidade de flexibilidade na etapa de análise. A seguir, o roteiro da entrevista semiestruturada situada nesse arcabouço esquemático:

Quadro 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada

PERGUNTAS	OBJETIVOS	DESDOBRAMENTOS	CATEGORIAS
1. Onde mora? Sempre morou neste lugar?	Saber a origem da pessoa	Saber qual a relação da pessoa com Brasília Teimosa enquanto morador ou visitante.	Origem, relação com o lugar.
2. Que lugar é esse que estamos?	Entender como as pessoas dão significado ao lugar.	Fazer emergir mais naturalmente relações menos funcionais, talvez relações mais emocionais e sensoriais com o lugar.	Percepção, significação, afetividade, identificação, pertencimento.
3. Quando você pensa neste lugar, qual a primeira coisa que vem à cabeça? (imagem, palavra, história, sensação, som)			
4. Você costuma vir aqui?	Compreender a relação das práticas cotidianas das pessoas com o lugar e o significado dessas atividades.	Talvez se debruçar sobre alguma atividade específica, devido à sua importância na dinâmica do lugar, como a pesca, por exemplo.	Uso, relação, atividades realizadas, frequência.
5. O que você costuma fazer? Quantas vezes, por quanto tempo?			
6. Qual a importância dessa atividade para você?			
7. Você costuma ir ou gosta de outros espaços públicos/abertos/livres (como praias, parques, praças), quais?	Entender a relação desse lugar na perspectiva de cidade. Qual o olhar do entrevistado quanto à distinção desse lugar em relação a outros espaços públicos. E quais os valores atribuídos a esse lugar.	Entender como esse lugar se destaca ou não, em relação a outros lugares da cidade, expressão de desejos e de pertencimento.	Comparação, diferenciação, qualificação, desejos, identificação, pertencimento.
8. Por que você escolheu aqui hoje? Quais as diferenças de outros lugares?			
9. Você poderia citar alguns aspectos positivos e/ou negativos que você considera sobre esse lugar?			

²⁴ Esse esquema metodológico para elaboração das entrevistas, teve como referência a Dissertação: “Cidade Entrelaçada: Micropolíticas do Cotidianos na Praça Mauá – RJ” (LIMA, 2019).

10. Como era esse lugar? Conhece alguma história antiga sobre esse lugar?	Buscar alguma história individual ou uma construção coletiva do imaginário do lugar. Entender como o passado é revisitado/resgatado pela oralidade.	Poder identificar narrativas sobre o processo histórico do lugar e construção do imaginário.	Memória, recordação, ancestralidade, história, imaginário.
11. Você tem alguma lembrança/momento que te marcou aqui?			
12. A pandemia mudou a sua relação com o espaço público? E como isso impactou o seu dia-dia?	Compreender como o contexto da pandemia impactou a vida dos entrevistados e suas percepções e vivências nos espaços públicos.	Obter informações ligadas a questões socioeconômicas e de natureza política.	Qualidade de vida, restrições, medo, dificuldades, esperança.

Fonte: A autora, 2022.

As perguntas da entrevista foram delimitadas de acordo com as categorias centrais de cada tópico. Sendo associadas aos seus objetivos específicos, aos possíveis desdobramentos ou ampliação temática e às categorias conceituais ou palavras-chave. Esse esquema realizado serviu para delinear e auxiliar a etapa de análise, contudo, na prática a estrutura conceitual foi sendo simplificada e adequada às limitações e fenômenos encontrados no processo de aplicação das entrevistas. Essa flexibilidade na realização das entrevistas e na avaliação dos resultados foi importante para validar outras perspectivas que se fizeram presentes a partir das questões trazidas pelos entrevistados que ampliaram as perspectivas presentes no esquema:

Visto que o entrevistado tem um papel ativo na construção da interpretação do pesquisador. Esta seria uma modalidade de triangulação (confiabilidade), pois, ao invés de o pesquisador sustentar suas conclusões apenas na interpretação que faz do que o entrevistado diz, ele concede a este último a oportunidade de legitimá-la. (FRASER e GONDIM, 2004, p. 140)

Além do roteiro de perguntas apresentado no Quadro 1, foram incluídas perguntas pessoais, como nome, idade, profissão, raça e classe social, sendo que esses dois últimos aspectos apresentaram algumas dificuldades de serem respondidos, por isso não foi um dado associado à análise de maneira categórica. Essas perguntas foram realizadas para contextualizar a situação socioeconômica dos entrevistados a partir da autoidentificação, contudo por serem questões mais sensíveis, nem todas as pessoas souberam responder, por se sentirem desconfortáveis ou por dúvida. Apesar disso, os entrevistados se mostraram dispostos e solícitos a participar.

O processo de **aplicação das entrevistas** aconteceu entre julho e setembro de 2021, através de idas ao local de estudo, no qual foram realizadas caminhadas e paradas para observação das dinâmicas e aproximação das pessoas. Como já exposto, a fase de observação foi realizada em etapas, devido ao contexto de restrição da pandemia da COVID-19, sendo parte

realizada em 2020 e parte em 2021 e as entrevistas só foram realizadas quando a vacinação já havia sido realizada em grande parte da população, sobretudo nos grupos de risco. De qualquer forma, sempre foi utilizado máscara e outros meios de proteção, os quais também sempre foram oferecidos aos participantes.

Nesse processo, os participantes das entrevistas foram convidados no contexto em que estavam realizando as suas atividades nos espaços públicos praianos, levando em conta que eles estavam vivenciando esses espaços e, no nosso entendimento, tinham algo a dizer sobre essa experiência, sem a necessidade de uma definição e seleção prévia dos entrevistados, sendo, dessa forma, considerada uma **amostragem aleatória**. No primeiro momento foi feita uma apresentação da pesquisa e o convite para participação da entrevista. As entrevistas foram registradas por um gravador de voz digital e posteriormente passaram pelo processo de transcrição.

No total, foram realizadas 46 entrevistas e o que definiu a finalização da amostragem foi a repetição das informações ou dos pontos de vista dos entrevistados, o que, para as autoras Fraser e Gondim (2004), é comum acontecer em um ambiente social específico, pois em um certo momento há um esgotamento das respostas ou elas tendem a se repetir, deixando de ter um ganho qualitativo para o objetivo da pesquisa, o que também significa que nesse momento é identificado uma “estrutura de sentido, ou seja, as representações compartilhadas socialmente sobre determinado tema de interesse comum” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 147).

O método de análise de dados utilizado neste trabalho, tem como referência a análise de conteúdo, a partir de Bardin (2011), no aspecto das formas de seleção de expressões ou palavras, nas fases analíticas e nas análises por categorias temáticas. Na pré-análise foi identificada a **representatividade amostral**, ou seja, a diversidade de pessoas por classificação de idade, gênero, profissão e raça, sendo esse último um aspecto mais impreciso, como mencionado anteriormente. Foi realizado um primeiro filtro para elaboração de um quadro com essas informações básicas e com uma minibiografia de apresentação de cada participante, com destaques para sua história de vida, para a relação com o lugar, a localização onde a entrevista foi realizada e as expressões mais relevantes e marcantes da entrevista.

Em relação à representatividade amostral, entre as 46 pessoas entrevistadas, 27 foram homens e 19 foram mulheres. Quanto à relação com o lugar: 19 eram moradores da comunidade de Brasília Teimosa; 13 eram moradores e trabalhadores nos espaços públicos analisados; 12 eram frequentadores visitantes; 01 era trabalhador no espaço público analisado e frequentador

visitante; 01 era ex-morador e frequentador visitante. É importante salientar que o perfil “frequentador visitante” está associado às pessoas que não moram na comunidade e vão para interagir no lugar através da atividade de lazer e fruição nos espaços públicos praianos analisados. E o perfil “trabalhador/morador” está associado às pessoas que moram na comunidade e realizam suas atividades profissionais nesses espaços. Entre esses trabalhadores estão incluídos: 05 barraqueiros de praia; 01 cozinheira que assa peixe para as barracas de praia; 01 pessoa que vende caipirinha nas barracas de praia; 06 pescadores; 01 reparador de barcos. Entre os outros entrevistados estão registradas as seguintes profissões: comerciantes, porteiros, empresários, marinho de cais, zelador, pintor, consultora, auxiliar de enfermagem, artista, estudante e aposentados. Entre os aposentados, os entrevistados eram das seguintes profissões: comerciante, encanador, funcionária pública, empregada doméstica e pescador.

Na **etapa analítica** foi feita a codificação e categorização do material das entrevistas a partir de unidades de contexto, definidas por temáticas, expressões ou palavras relevantes e/ou recorrentes nas narrativas coletadas. Inicialmente as temáticas visibilizadas pelos recortes foram as práticas cotidianas realizadas na praia do Buraco da Véia e nos espaços públicos praianos do seu entorno, como já explicitado. As práticas foram associadas aos perfis dos usuários entrevistados, definidos acima: “Frequentador Visitante”, “Trabalhador/Morador” ou “Morador”; e à localização dessas práticas nos espaços públicos. Essa etapa se caracterizou por ser mais pragmática, no sentido de apresentar as articulações primárias, contudo, já foi possível captar uma série de relações importantes que direcionaram para o posterior aprofundamento. Vale salientar que na coluna do perfil do usuário foi destacado o gênero de cada entrevistado, sendo (h) homem e (m) mulher²⁵.

²⁵ Não foram utilizadas outras categorias para identidade de gênero, pois todos os entrevistados se identificaram com as categorias homem e mulher.

Quadro 2 - Atividades realizadas pelos Trabalhadores / Moradores

TRABALHADOR/ MORADOR	PRÁTICAS	LOCALIZAÇÃO
MT 1 (h) – Comerciante barraqueiro	Trabalha durante três dias na semana na praia	Buraco da Véia
MT 2 (m) – Comerciante barraqueira	Trabalha todos os dias da semana na praia	Buraco da Véia
MT 3 (h) – Manutenção de barcos	Trabalha todos os dias com pescadores na manutenção e conserto de barcos	Porto Terra Nova
MT 4 (m) – Comerciante barraqueira	Vai em dias alternados trabalhar na praia e por lazer quando folga	Buraco da Véia
MT 5 (m) – Comerciante barraqueira	Trabalha todos os dias na praia e folga na sexta-feira, costuma tomar banho de mar no final do expediente	Buraco da Véia
MT 6 (h) - Pescador	Mora e trabalha em um pequeno galpão no Porto Terra Nova	Farol da Barra / Porto Terra Nova
MT 7 (h) - Pescador	Pesca e costuma ir para a Orla todo dia para ver o movimento e conversar com os amigos	MAR / Orla da Avenida Brasília Formosa
MT 8 (m) – Cozinheira	Mora na Orla e vai à praia todo dia para trabalhar cozinhando para os barraqueiros	Buraco da Véia
MT 9 (h) - Pescador	Tem um barco no Porto Terra Nova e costuma passar dez dias no mar pescando e quando retorna gosta de ir à Orla conversar com os amigos e ver os meninos jogar bola.	MAR / Porto Terra Nova / Orla
MT 10 (h) - Pescador	Tem um barco no Porto Terra Nova. Pesca quase todos os dias e à tarde gosta de conversar com os colegas na Orla.	MAR / Porto Terra Nova / Orla
MT 11 (m) – Pescadora e vendedora	Trata os peixes e vende na Orla enquanto os seus filhos brincam tomando banho no “paredão”.	Orla da Avenida Brasília Formosa
MT 12 (h) – Comerciante barraqueiro	No verão trabalha todos os dias na praia e costuma levar a família para se divertir.	Buraco da Véia
MT 13 (h) – Vendedor de bebida	Trabalha todo dia vendendo caipirinha e dá aula de capoeira em um projeto social, também na praia.	Buraco da Véia

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 3 - Atividades realizadas pelos Moradores

MORADOR	PRÁTICAS	LOCALIZAÇÃO
M 1 (h)	Caminhar todos os dias na Orla e às vezes até as esculturas de Brennand	Orla / Parque de escultura de Brennand
M 2 (h)	Costuma ir quase todo dia caminhar na orla, vê gente e dá um mergulho no mar.	Orla / Buraco da Véia
M 3 (m)	Só depois da reforma das palafitas passou a frequentar a praia e costuma ir uma vez na semana ficar na areia e tomar banho de mar.	Buraco da Véia
M 4 (h)	Costuma ir à praia com a esposa em dia de semana, pois tem menos pessoas e fica mais tranquilo.	Buraco da Véia
M 5 (m)	Mora na Orla e costuma ficar sentada na frente de casa, às vezes sai para tomar um guaraná, mas volta logo.	Orla da Avenida Brasília Formosa.
M 6 (m)	Mora na Orla e costuma ir às praças para ver os netos brincarem.	Orla
M 7 (h)	Trabalha em uma vendinha na Avenida Brasília Formosa, na folga passeia na Orla e vai à praia tomar banho de mar, jogar dominó e dama.	Buraco da Véia / Orla
M 8 (h)	Mora em uma rua em frente à Orla e costuma caminhar e fazer exercícios.	Orla da Avenida Brasília Formosa.
M 9 (h)	Costuma ir à Orla quase todo dia caminhar, vai à praia tomar banho e uma vez na semana para o culto na praia.	Buraco da Véia / Orla
M 10 (m)	Quase todos os dias vai à praia levar os filhos para brincar na areia e jogar bola.	Buraco da Véia
M 11 (h)	Costuma sentar-se na Orla para “bater papo” e “ver o mundo”.	Orla
M 12 (h)	Costuma ir todo dia à praia e Orla olhar a paisagem e ver o futebol durante à noite.	Buraco da Véia / Orla
M 13 (h)	Costuma ir todos os dias de manhã e de tarde, ficar sentado olhando os meninos pescar e jogar bola, ou caminha até a área de Brennand.	Buraco da Véia / Orla / Brennand
M 14 (m)	Toda terça-feira vai à Orla para pegar cachorro-quente que é distribuído por um projeto social “Mamãe” e aproveita para “pegar um arzinho”.	Orla da Avenida Brasília Formosa.
M 15 (h)	Vai quase todos os dias à Orla ver o movimento e espreitar e às vezes também pesca por esporte na praia.	Buraco da Véia / Orla

M 16 (m)	Costuma ir à praia uma ou duas vezes no mês para fazer hidroginástica no mar com a equipe da “Academia da Cidade”.	Buraco da Véia
M 17 (m)	Vai à praia passear e olhar as pessoas.	Buraco da Véia.
M 18 (h)	Mora na orla, costuma ir aos parquinhos com os filhos, e vai à praia cerca de três vezes no mês para “beliscar e tomar uma”.	Orla / Buraco da Véia.
M 19 (h)	Vai algumas vezes na semana para a Orla relaxar, ver o mar e praticar exercício.	Orla da Avenida Brasília Formosa.

Fonte: A autora, 2022.

A partir desse primeiro tratamento, foi possível realizar algumas interpretações. O Mar passa a ter uma dimensão de localização, como um espaço que faz parte do contexto circundante da comunidade de Brasília Teimosa e como um elemento que está bastante presente nas atividades cotidianas dos moradores e trabalhadores. O Porto Terra Nova se apresentou como um local recorrente nas práticas dos trabalhadores/moradores, especificamente dos pescadores; e no perfil morador também se destacou a presença do Parque das Esculturas de Brennand, como um espaço contínuo da avenida da praia, nas práticas de caminhada. Pelas descrições das práticas realizadas, em comparação aos trabalhadores, é perceptível que os moradores atribuem a esses espaços um maior sentido vinculado ao lazer, fruição, contemplação e a realização de atividades físicas. As práticas de “bater papo” e “ver o mundo” denotam a presença do aspecto da sociabilidade, no cotidiano dessas pessoas, produzida nos espaços públicos, e reforçam a importância dos vínculos sociais e o sentido de vizinhança.

Além desse sentido, as narrativas enfatizam as práticas de lazer nesses espaços, como as atividades nos parquinhos e o futebol no campo de areia, realizadas em equipamentos específicos e projetados para tal fim, ou outro tipo de apropriação espontânea do espaço praiano. Interessante citar que algumas práticas ganharam relevância por se distinguiram das demais, como no caso da realização de culto evangélico, das rodas de capoeiras e da atividade de hidroginástica realizada na praia do Buraco da Véia, mostrando a diversidade de atividades e sentidos atribuídos a este espaço. A partir dessas percepções, foi acrescentado o quadro dos Frequentadores Visitantes e das práticas realizadas na praia do Buraco da Véia, associados aos seus bairros de origem.

Quadro 4- Origem dos Frequentadores Visitantes associada às práticas realizadas

FREQUENTADOR VISITANTE	BAIRRO DE ORIGEM	PRÁTICAS
FV 1 (h)	Ilha Joana Bezerra	Curtir a praia na barraca e tomar banho de mar
FV 2 (h)	IPSEP	Tomar banho de mar, cerveja e cachaça.
FV 3 (m)	Boa Viagem	Passear na Orla e quando tem sol ir à praia com os filhos.
FV 4 (m)	Vasco da Gama	Ir à praia na folga e ficar na areia tomando sol.
FV 5 (h)	Imbiribeira	Ir à praia na folga da segunda-feira para os filhos brincarem e tomarem banho de mar.
FV 6 (h)	Prazeres	Costuma ir todo final de semana tomar banho de mar, comer peixe e tomar cerveja.
FV 7 (m)	Imbiribeira	Vai nas folgas da segunda-feira tomar banho de mar.
FV 8 (m)	Barro	Vai à praia com a mãe e filha comer peixe e ir para o mar
FV 9 (m)	Pina (Bode)	Visitar a família e ir à praia.
FV 10 (h)	São Lourenço da Mata	Visitar a família e ir à praia.
FV 11 (h)	Curado (Tótó)	Primeira ida ao Buraco da Véia com os amigos, que alugaram uma casa na praia.
FV 12 (m)	Dois Unidos	Ir à praia nas folgas relaxar e encontrar com as amigas.
FV 13 (h) (Trabalhador e frequentador visitante)	Engenho do Meio	Frequenta a praia como zelador do banheiro público e em suas folgas vai para relaxar e colocar o assunto em dia.
FV 14 (h) (Ex-morador e frequentador visitante)	Paulista	Costuma ir com frequência visitar sua família e pesca por lazer.

Fonte: A autora, 2022

Foi identificado que todos os frequentadores visitantes foram entrevistados especificamente na praia Buraco da Véia, exceto a participante (FV 3), que estava passeando na Orla no momento da entrevista, devido ao tempo nublado ter sido um impeditivo para ela e os seus filhos irem à praia. Esse dado aponta para o fato que os moradores utilizam mais intensamente os equipamentos públicos da Orla, além da praia, enquanto os Frequentadores Visitantes acessam a comunidade para ir pontualmente ao Buraco da Véia, o que indica que a praia, apesar de ter uma dimensão local, tem um sentido de conexão forte com o externo, com grupos sociais de outras partes da cidade, como é possível observar na relação com os bairros de origem dos entrevistados. A maioria dos bairros citados se caracteriza por serem populares, por exemplo, a ZEIS da comunidade do Bode e a Ilha Joana Bezerra, onde está localizada a comunidade do Coque. Com exceção do bairro de Boa Viagem, os demais são bairros suburbanos populares do Recife ou fazem parte de outras cidades da Região Metropolitana, como o caso de Paulista, São Lourenço e Prazeres. As práticas nesse espaço praiano, realizadas principalmente às segundas-feiras, foram associadas à folga do regime de trabalho dos trabalhadores de comércio e serviço, o que também corrobora para a percepção do caráter popular da praia já elucidado de diferentes maneiras nesta pesquisa, mas que será um aspecto mais aprofundado à frente.

Após essas primeiras análises, foram realizados recortes de temáticas mais abrangentes, retomando algumas das categorias iniciais para elaboração das entrevistas, como: práticas cotidianas; relação com o lugar; atributos/diferenciação; memória; identidade; sociabilidade.

Contudo, houve uma sobreposição conceitual, o que dificultou diferenciar alguns desses temas e operacionalizar a seleção e recorte das entrevistas a partir destes parâmetros. Desse modo, foram apreendidas palavras ou expressões que indicassem afetos, significados e atribuição de valores relacionadas à percepção do lugar; tais palavras foram definidas nas seguintes categorias: Afetos/Significados; Sensações; Atributos; Incômodos; Práticas/Relações. Estas categorias indicaram afetos e sentidos identitários, perspectivas mais sensoriais da percepção do lugar, além de percepções mais pragmáticas, como os incômodos em relação aos problemas relacionados à violência e limpeza urbana. Dessa forma, foi possível acessar uma visão mais espontânea dos entrevistados, ligada aos aspectos mais sensíveis ou à interpretação simbólica do lugar, trazendo outros sentidos para a análise, além da ação mais descritiva, exposta nos quadros anteriores.

Quadro 5 – Considerações relevantes segundo os Trabalhadores / Moradores

CATEGORIAS	EXPRESSÕES		CATEGORIAS	EXPRESSÕES	
Afetos/ Significado	Aqui é tudo pra mim	2	Atributos	A beleza daqui é grande	1
	Isso aqui é a minha vida	3		Aqui é povão	2
	Aqui é o paraíso	1		Aqui tem muita história	3
	Gosto muito daqui	2		Um bairro nobre	1
	Tudo de bom	1		Bairro bacana	1
	Esse lugar para mim é o dez	1		Sem tubarão	2
	Aqui é tudo família	2		Bairro de pescadores	1
	Esse lugar é Deus	1		Desenvolvido	1
	Não gosto de praia, só vou pra trabalhar	1		Todo mundo é conhecido	2
	Eu gosto do bairro que eu nasci	1		Bairro que é privilegiado	1
Sensações	Paz	2	Incômodos	Perto de tudo	1
	Tomar banho sem medo	1		Ambiente bom	1
	Liberdade	1		Melhor paisagem	1
	Tranquilo/calmo	3		Valorizado	1
	Sensação boa	1		Beleza natural	1
	Brincadeira/diversão	2		Violência /uso de drogas	3
	Segurança	1		Sujo/jogam lixo	2
	Bem-estar	1		Bagunçado	1
Sensações	Som maravilhoso do mar	1	Práticas/ Relação	O lugar que começamos a pescar	1
				Onde eu ganho meu ganha pão	1
				Eu vivo mais no mar	1
				Tomar banho no paredão	1
				Tratar meus peixinhos	1
				Sobrevivo dessa praia	1
				Família tira o sustento aqui	1

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 6 – Considerações relevantes segundo os Moradores

CATEGORIAS	EXPRESSÕES		CATEGORIAS	EXPRESSÕES	
Afetos/ Significado	Lugar de nós viver e trabalhar	1	Atributos	Populoso	2
	Aqui é bom demais	1		Tem de tudo	3
	Me sinto maravilhosa	1		Muito bom	2
	Sou privilegiada, moro em frente à praia	1		Melhor praia	1
	Quintal de casa	1		Praia bonita	1
	Minha essência está aqui	1		Teimosa	2
	Essa favela é o coração do povo	1		Paraíso	3
Sensações	Me sinto ali no mar que nem um peixe	1		Bom de se morar	2
	Mar			Beleza / Beleza natural	5
	Tomar um arzinho	1		Popular	1
	Escape	1		Maravilhoso	2
	Espairecer/relaxar	2		Movimentado	2
	Tranquilo / calmo	5		Valentia	1
	Paz	3		Ponto turístico	4
	Liberdade	2		Reservada	1
	Higiene mental	2		Praia bonita	1
	Brincadeira/diversão	1		Favorece a economia e comércio	1
	Lugar prazeroso	1	Pequeninha	1	
	Segurança/confiança	2	Policimento	1	
Relaxa o corpo	1	Bairro que dá oportunidade	1		
			Desorganizado	1	
			Perto de tudo	2	
			Poluição sonora	1	
			Tráfego/ Uso de drogas	3	
			Imundice	1	
			Violência	1	
			Sujeira na rua/pessoas jogam lixo	1	

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 7 – Considerações relevantes segundo os Frequentadores Visitantes

CATEGORIAS	EXPRESSÕES		CATEGORIAS	EXPRESSÕES	
Afetos/ Significado	Aqui é o coração de Brasília	1	Atributos	Mudança	1
	TDB (Tudo de bom)	1		Aqui é favela	1
	Canto alegre	1		Povão	2
	Eu gosto desse pedaço	1		Praia humilde	1
	Me sinto em casa	1		Ponto turístico	2
	O Buraco da Véia é tradição	1		Banho seguro	3
	Gosto muito	2		Sem tubarão	2
Sensações	Tranquilidade	5		Agitado / Tumulto	2
	Desopilar	1		Piscinão	1
	Liberdade	1		Valorizado	1
	Renovada	1		Parece um formigueiro	1
				Ótimo lugar	2
				Perto de tudo	3
				Área de criança	2
		Organizado		1	
		Policimento		1	
		“Piscinão de Ramos”		1	
		Rasa	1		
		Incômodos	Uso de drogas	1	

Fonte: A autora, 2022.

As expressões e palavras selecionadas nos quadros acima transmitem percepções importantes dos usuários da praia do Buraco da Véia e dos espaços públicos praianos do entorno, destacando-se os afetos que reportam a relação identitária, especialmente dos

moradores, em expressões como “Minha essência está aqui”, “Essa favela é o coração do povo”; as sensações associadas aos estados mentais e sensoriais que a praia proporciona, expressas nas noções de tranquilidade, liberdade, higiene mental, paz, como na expressão “Me sinto ali no mar que nem um peixe”; aspectos relacionados à beleza natural, à paisagem marítima e outras características, como “banho seguro” e “sem tubarão”, atribuídos especialmente pelos visitantes, demonstrando algumas das particularidades da praia, que a torna presente no cotidiano de muitos frequentadores.

Além da perspectiva do lazer, também foi recorrente nas entrevistas, a importância da praia para a economia e o comércio da comunidade como um todo, por ser considerada como um ponto turístico, percepção que se articula com a questão do trabalho realizado pelos seus moradores, apresentado também como um tema relevante que reforça o sentido identitário do lugar. Outra questão relevante, foi o sentido popular atribuído à praia e as diversas formas de expressar essa percepção através das narrativas, as quais, juntamente com o aspecto da sociabilização e relação de vizinhança, demonstram particularidades das relações e significados estabelecidos nesses espaços públicos.

A partir dessas interpretações, alguns desses temas foram ganhando relevo, direcionando as análises para princípios mais tangíveis, os quais abrangem em si as categorias definidas no início da análise. Assim, se destacou a temática relacionada ao lazer, à relação do trabalho, ao caráter popular da praia e à relação de sociabilidade e vizinhança. Temáticas estas, trazidas nos próximos tópicos, através da menção de trechos mais relevantes das narrativas para representar o conteúdo a ser aprofundado: 5.1 **“Esse lazer que nós, todos nós temos direito”**; 5.2 **“Tem o lugar de nós viver e trabalhar”**; 5.3 **“Aqui é mais povão”**; 5.4 **“Como se fosse o quintal de casa”**. Importante destacar que a partir do próximo tópico todas as citações dos entrevistados serão destacadas com a fonte em itálico para diferenciar das demais citações.

6.1 “ESSE LAZER QUE NÓS, TODOS NÓS TEMOS DIREITO”



O lazer pode ser entendido como uma dimensão da prática cotidiana que se realiza no tempo livre do trabalho (LEFEBVRE, 1984), que ocupa uma parte mínima do tempo, e em geral se constitui como a prática mais agradável e descontraída da rotina das pessoas (MAGNANI, 2003). Também pode ser compreendido como uma das manifestações da necessidade humana socialmente elaborada, “que supera mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos”, através do desejo fundamental da troca, da realização de atividades lúdicas e criadoras, dos esportes e atos corporais, que também envolve a necessidade da cidade e da vida urbana (LEFEBVRE, 1991).

Nesse sentido, tendo em vista que a praia é um lugar por excelência voltado para práticas de lazer, é essencial que essa temática seja abordada nesta pesquisa. Como já exposto na etapa de observação de campo, a questão do lazer é um aspecto muito presente no cotidiano das pessoas que vivenciam os espaços públicos praianos de Brasília Teimosa, e além de revelar as

dinâmicas e modos de apropriação, também expressa o universo simbólico das pessoas e de suas relações com o lugar. Segundo Magnani (2003), esse é um tema, muitas vezes, considerado irrelevante por ser tido como uma atividade alienante, contudo consideramos que a prática do lazer contribui para o “desenvolvimento integral de potencialidades humanas” (SOUZA, 2002, p. 19), e é uma dimensão fundamental para entender as práticas cotidianas e a relação das pessoas com o espaço urbano.

A questão do lazer como tempo livre do trabalho foi muito trazida nas entrevistas, quando perguntado sobre as práticas realizadas nos espaços públicos praianos, no sentido de que a vivência nesses espaços estava sendo possibilitada devido à folga da rotina semanal do emprego formal. A maioria dos frequentadores visitantes citaram a folga como o dia de ir à praia do Buraco da Véia, e além dos finais de semana, foram destacadas especialmente as segundas-feiras, por conta das atividades no comércio e serviço, em muitos casos, não funcionarem neste dia, como afirma um frequentador visitante, de 48 anos: “*Sempre eu venho na segunda-feira aqui, que é na minha folga*”. Para esse perfil de usuário, a relação com a praia se dá de maneira comum e habitual, em geral com o intuito de relaxar, tomar banho de mar, encontrar amigos, beber e comer peixe. Alguns trabalhadores/moradores, como os barraqueiros/as da praia também citaram que ao fim dos expedientes ou em dias de folga aproveitavam para dar um mergulho ou ficar na praia com a família, como afirma a moradora e barraqueira de praia, de 44 anos, “*Quando estou folgando eu venho por lazer*”.

Todas as categorias de usuários mencionaram a sensação de liberdade, além de outros sentimentos que constituem o universo simbólico da relação construída socialmente com o mar e a praia. Entre essas sensações estão a calma, tranquilidade, paz, relaxamento, divertimento, renovação, bem-estar etc., como menciona a frequentadora visitante, de 36 anos: “*Eu saio renovada daqui, velho*”. No Buraco da Véia, a relação lúdica com o espaço, inclusive com a natureza marítima, que é apropriada de diversas formas de acordo com os dias e os ciclos da maré, é uma característica marcante das práticas cotidianas realizadas nesse ambiente.

Os arrecifes são apropriados como um lugar de brincadeira, contemplação e reunião, como já exposto no capítulo anterior. Esse caráter traz uma particularidade às práticas realizadas na praia, por exemplo, o clássico “banho de choque”, que é uma prática própria do Buraco da Véia, onde as pessoas se encostam na parede de arrecifes, esperando a onda quebrar para formar um banho de água de mar e espuma sobre elas. Nas entrevistas não houve menção à nomenclatura “banho de choque”, quando perguntado sobre as práticas realizadas na praia, mas houve a alusão, por meio da expressão “*banho no paredão*”, como sendo uma atividade

recorrente e não só específica do Buraco da Véia, mas de todo o paredão presente na extensão da Orla de Brasília Teimosa.

A prática do lazer no espaço praiano urbano tem como principal atividade o uso da areia com guarda-sóis e o banho de mar, e não seria diferente no Buraco da Véia, onde existe uma prática intensa de ocupação de banhistas que se reúnem em uma pequena faixa de areia para usufruir das piscinas naturais, as quais são um grande atrativo da praia. Segundo alguns usuários, essa forma de apropriação, por outro lado, causa uma aglomeração de pessoas que impacta o ambiente, devido ao descarte de lixo na areia, nas águas do mar, associado ao déficit do serviço de limpeza urbana, sendo apontado como um aspecto negativo desse processo.

Muitos entrevistados destacaram que a escolha dessa praia se dava pela segurança que as piscinas naturais promoviam, devido à proteção dos arrecifes de corais para o mar aberto, como disse a barraqueira de praia, de 44 anos *“O bom daqui é que aqui pode tomar banho, né, sem medo”*, e o comerciante e professor de capoeira, de 52 anos *“aqui para mim é a praia mais segura do Recife, por que, ela é cercada por arrecife, então aqui não tem ataque de tubarão”*. Essa proteção dos tubarões foi recorrente e trazida como um atributo de diferenciação em relação às outras praias, como complementou o comerciante mencionado anteriormente: *“aqui não tem ataque de tubarão, é seguro aqui, fora a paisagem, né, para mim é a melhor paisagem que existe aqui, porque aqui em Recife a gente só tem Boa Viagem e Pina e Buraco da Véia, então dessas três a melhor é aqui”*.

Essa comparação ao Buraco da Véia com as outras praias vizinhas do Pina e Boa Viagem tem relação com o valor atribuído à praia de Brasília Teimosa e sua beleza natural, bem como ao estigma que Boa Viagem tem, juntamente com a praia de Piedade, as quais registram muitos casos de ataques de tubarão nas últimas décadas com forte repercussão nacional. Além desse sentido de proteção para o lazer dos banhistas, a característica do mar calmo e raso, própria da praia do Buraco da Véia, também é um fator muito mencionado como propício para a fruição das crianças, como afirma a frequentadora visitante de 30 anos: *“eu penso na praia que é baixa, é mais para criança, é melhor para vir com meus filhos”*. As formas de apropriação das piscinas naturais e nos arrecifes de corais demonstram a liberdade e proximidade que as pessoas estabelecem com o ambiente marítimo, sendo percebidas em campo e expressas em algumas falas, que valorizavam o mar raso e as possibilidades de uso, como afirma uma frequentadora visitante, de 56 anos, sobre o porquê dela frequentar o Buraco da Véia: *“Porque não tem tubarão, né, porque tem recife aí, ainda tem umas piscinas rasas que você toma banho,*

né, se a gente quiser tomar banho ali ele bota uma cadeira lá dentro das pedras, você bebe lá nas pedras, quando está vazio”

Os moradores trouxeram diferentes perspectivas em relação às práticas de lazer nos espaços praianos, pois manifestaram outros modos de apropriação, como o uso de equipamentos urbanos, parquinhos ou campo de futebol, além das atividades físicas e de socialização presentes no dia a dia deles. Entre as práticas realizadas nos equipamentos públicos, foram citadas as caminhadas no calçadão, o ciclismo de lazer, especialmente as brincadeiras nos parquinhos e nos jogos de bola na areia, sendo salientada a importância dessas duas últimas atividades para as crianças da comunidade, como mencionou a moradora e mãe de 23 anos: *“aqui você tem vontade de estar sempre dando uma voltinha porque sempre tem um parquinho, tem gente jogando bola aí, tem área de lazer que é muito importante para a criança”* e continua, *“eu gosto disso, é esses espaços assim, que tem canto assim para criança brincar, tem parquinho”*.

A pesca esportiva também foi trazida como uma prática de lazer para alguns frequentadores e moradores, os quais no tempo livre levam a sua varinha para pescar no mar do Buraco da Véia, como disse um morador, de 60 anos: *“eu faço assim, um domingo eu venho bater uma bolinha, um domingo vou fazer a minha pescaria, que eu gosto muito de pescar, é um divertimento”*. Assim, como esse entrevistado, muitos moradores disseram utilizar os espaços públicos na sua rotina diária, nos horários após o expediente, ou quando aposentados, em horários mais flexíveis em quase todos os dias, sendo muito presente a referência à socialização no espaço público, como trouxe um morador e pescador de 56 anos, sobre sua rotina: *“eu saio para o mar, chego, aí vou para casa, tomo um banho, eu descanso, aí de tardezinha eu venho para cá e fico aí conversando com os meninos”*.

Nesse sentido, o lazer propicia as trocas e vínculos através dos encontros, reforçando, assim, as relações de sociabilidade. Sobre isso, Magnani (2003) traz a compreensão do potencial das práticas de lazer para a ampliação da experiência através da troca, em oposição à noção de que o lazer muitas vezes é considerado como uma dimensão que enfraquece a consciência de classe. Dessa forma, ele entende que é justamente no tempo de lazer que pode haver um desvio ou a compreensão de outras possibilidades de mundos, pois é nessa prática que *“os trabalhadores podem falar e ouvir sua própria língua”* (MAGNANI, 2003, p.30), ou seja, o tempo de lazer pode ampliar potências individuais e coletivas.

Outra perspectiva interessante das atividades consideradas como lazer é a fruição no espaço através do sentido de contemplação do mundo ou da participação nos espaços públicos através do olhar: “*Olhar o movimento*”, “*Olhar a paisagem*”, “*Olho os meninos pescando*”, “*Olhar o mundo*”, “*Olhar o mar*”, “*Vendo o mundo*”, “*Vendo a praia*”, “*Olhando os meninos jogar bola*”. Essas são algumas das expressões que foram utilizadas por muitos entrevistados ao mencionarem suas práticas cotidianas, seus gostos e atividades preferidas realizadas nos espaços públicos praianos, sendo evidenciado, além das atividades físicas e ocupacionais, a ação de contemplar o mundo a sua volta.

Também se destacaram os aspectos relacionados ao uso dos equipamentos urbanos dos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa para fins turísticos. À exemplo, foi citada a Orla, como sendo um “*ponto turístico importante*” que atrai um público de fora do bairro, que a utiliza para passeio e acesso ao Parque das Esculturas de Brennan ou ao Bairro do Recife, como afirma um morador e pescador, de 58 anos: “*aqui todo mundo gosta daqui da orla, vem gente de fora para aqui*”, ou como comenta outro morador de 49 anos: “*É uns dos fatores bem turístico, né, o turismo aqui, a turma quando vem de bicicleta para o lado de cá adora esse negócio aqui*”.

Entre as percepções expressas nas narrativas, houve a prevalência da importância atribuída às práticas nos espaços públicos praianos, através da noção de que a existência dos equipamentos urbanos é essencial para a vida digna e para o reconhecimento do valor do lugar, como menciona, uma frequentadora visitante, de 34 anos: “*já imaginou a Brasília sem área de lazer, sem espaço nenhum para a criança brincar, e tem o calçadão, quase ninguém, e também os visitantes nunca ia vir para cá*”.

Também foi trazido o sentido do direito dos moradores à prática de lazer e aos equipamentos e estruturas urbanas presentes nos espaços públicos, como afirma um morador aposentado de 85 anos: “*A importância disso aqui, é esse lazer que nós, todos nós temos esse direito, aí todos nós estamos participando dessa beleza*”. Essa perspectiva remete à Lefebvre (1991, p. 116) e ao sentido do “direito à vida urbana”, do acesso à estrutura urbana digna, mas sobretudo à “realização prático-sensível”. Nesse sentido, o lazer se apresenta como uma ferramenta importante para promover a vitalidade e a apropriação efetiva do espaço público, potencializando o bem-viver nas cidades

6.2 “TEM O LUGAR DE NÓS VIVER E TRABALHAR”



A relação do trabalho nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa é bastante significativa, pois uma grande parte dos moradores da comunidade trabalha nesses lugares, em sua maioria na atividade de pesca ou nas barracas da praia do Buraco da Véia, assim como, nos comércios formais e informais relacionados ao espaço praiano. Esse caráter já se evidencia na história do bairro, pois suas primeiras ocupações se estabeleceram em torno de uma comunidade pesqueira que se instalou na região devido à sua condição geográfica entre as águas do mar e da maré, inicialmente em uma perspectiva maior de subsistência e atualmente, integrante de uma rede de economia pesqueira expressiva na comunidade. Muitos dos seus moradores nasceram ou foram criados na comunidade e têm a pesca como principal atividade no curso de toda a vida, como afirma um trabalhador/morador de 54 anos, ao ser perguntado o que significa esse lugar: *“o lugar que começamos pescar, pescar em alto mar, a vida é assim, não é?”*

Trabalhar”. Alguns dos pescadores têm uma relação geracional com a profissão, a qual foi ensinada por membros mais velhos e até hoje é exercida pelos homens da família, como contou o pescador de 56 anos: “*meu pai era pescador, eu tenho mais dois irmão pescador, todo mundo sempre no mar...eu sou dono de barco e tudo*”.

É importante ressaltar que essa relação com a pesca também evidencia as questões das funções sociais do gênero reproduzidas nas relações de trabalho. Foi percebido, a partir da observação de campo e reafirmado nas entrevistas, que a atividade de pesca se divide em dois modos, sendo a pesca tradicional de barco, rede e vara, realizadas por homens, e a pesca de mariscos e ostras, realizada por mulheres. Isso pode ter relação com a função doméstica atribuída ao gênero feminino de estar mais perto de casa, sem necessidade de grandes deslocamentos, enquanto os homens atuam na pesca em alto-mar.

Em muitas entrevistas com os pescadores, o diálogo se encaminhou para uma linguagem específica relacionada às técnicas de pesca, por exemplo “*Porine de tarrafa*”, que se trata da pesca sem barco apenas com a rede, citada por um pescador aposentado de 59 anos, o qual na juventude pulava para a área do mar aberto depois dos arrecifes para pescar dessa forma. Outro pescador de 42 anos, por sua vez, contou que sua pescaria era “*artesanal de varinha*” e que quando o vento estava forte, como no dia da entrevista, ele ficava impossibilitado de pescar: “*está ventando aqui agora, lá no mar está o dobro do vento, e o mar fica muito agitado, o barco fica assim, oh, aí chama buraco de mar, é quando uma onda passa aí pega a rede de vento faz assim, olha, aí nesse balanço se o barco não tiver estrutura a tendência dele é virar e afundar, é complicado*”. Ele também contou sobre a “*tábua de maré*” que é a previsão do movimento da maré ao longo do dia, que os pescadores devem acompanhar para saber se podem ir ou não para o mar. Alguns se arriscam e passam muitos dias no mar, como contou um pescador de 54 anos, que só retorna depois de dez ou doze dias: “*a gente depende da pescaria, né, a gente vai pescar lá fora, aí não sabe o dia que volta*” e contou que “*vive mais no mar*” do que em sua casa na Brasília Teimosa.

A partir dessa compreensão, apoiado na noção de identidade de Dubar (2000), é percebido que os pescadores de Brasília Teimosa expressam uma identidade coletiva, como um corpo social que cria e reproduz um sistema de ações ligadas a um conjunto de saberes que se particularizam e diferenciam de outros conhecimentos, contribuindo para o sentimento de pertencimento (DUBAR, 2000 apud SANTOS, 2005). Nesse sentido, apoiado na relação histórica e cultural, a comunidade continua sendo percebida, através de um viés de identidade

coletiva, como um *“bairro de pescadores”*, tal qual afirma o pescador de 71 anos, quando perguntado o que o lugar significava para ele.

A relação de muitos pescadores, com a natureza marítima do lugar, é muito significativa e esteve presente em muitas falas, pois a maioria deles foi criado na Brasília Teimosa e começou na pesca por ser um modo de subsistência da comunidade, muitas vezes sendo a única opção para pessoas que não tiveram acesso à educação formal, como cita um pescador de 54 anos: *“gosto de trabalhar de pescaria porque eu também não tenho leitura, não tenho cultura para trabalhar em outra coisa, aí só me sobrou a pescaria mesmo, dá para eu arrumar a minha bolachinha”*. Dessa forma, a natureza marítima, incluindo a praia, é uma das principais fontes de trabalho e sustento da comunidade, e com certeza a mais simbólica, sendo um caráter que permanece até os dias atuais nas narrativas dos moradores.

Além da pesca, outras atividades realizadas no ambiente praiano se destacaram nas entrevistas, como o comércio das barracas da praia do Buraco da Véia, as quais se estendem pela curta faixa de areia, e que em sua ocupação máxima têm cerca de 17 pontos de comércio com diversos guarda-sóis em cada um deles. Todos os comerciantes entrevistados são moradores da Brasília Teimosa e em geral trabalham com suas famílias, conta um morador de 52 anos, professor de capoeira e vendedor de drinks em barraca: *“hoje eu trabalho na praia, com meus familiares...a maioria da família tira o sustento daqui da praia, então para mim é um local de suma importância, fora a beleza natural”*. A importância desse comércio para os moradores trabalhadores é expressa através de falas que destacam que essa atividade é responsável pela sobrevivência de suas famílias e que a praia do Buraco da Véia é o meio que proporciona esse trabalho, atribuindo valor não só na dimensão pessoal, mas também no reconhecimento de sua importância em uma dimensão mais abrangente e comunitária: *“a Brasília Teimosa vive dessa praia, se não for essa praia Brasília Teimosa não é nada, não é nada, depende dessa praia”*.

Essa dimensão também reforça a ideia de que a natureza marítima da comunidade proporciona aos seus moradores meios de sustento, sendo reconhecido como um lugar que *“dá oportunidade às pessoas”*, pois através dos seus recursos, possibilita que seus moradores tenham opções de trabalho, muitas vezes informal, para uma garantia mínima de renda: *“a gente pode botar um comércio e tirar o pão, a gente pode ir ali pegar um marisco...”*. Nesse sentido, como opção de atividade que utiliza os recursos e potenciais que o lugar oferece, é citado principalmente a pesca e o trabalho informal de venda na praia: *“é um bairro que tudo se dá para ganhar o dinheiro...pesca, entendesse, vendas de mercadorias...”* ou *“o emprego*

informal, né, muita gente precisa disso aqui para sobreviver, entendeu, vende aqui na praia a sua cerveja, a sua água de coco, o seu sorvete". Esse contexto também evidencia a condição de pobreza e desemprego que muitos grupos sociais estão sujeitos²⁶, resultado da falta de políticas de distribuição de renda e de garantias básicas de segurança social.

Por outro lado, essas falas suscitam uma interpretação relacionada ao potencial de autonomia da comunidade, bastante recorrente nas entrevistas, uma espécie de autossuficiência em relação aos aspectos econômicos, aos serviços e infraestrutura, que o lugar tem a oferecer, não necessitando de a população ir a outras localidades. Para muitos que vivem em Brasília Teimosa, a comunidade se basta com os seus recursos, como afirma a comerciante de barraca de praia de 85 anos, *"aqui é muito bom rapaz, tem o lugar de nós viver e trabalhar"*, ou sobre esse senso de autossuficiência: *"é um bairro aqui para mim tem de tudo, entendesse, não tem necessidade de você ir para outro lugar, porque aqui tem, o que você imaginar é satisfeito"*. De algum modo, esse sentido de autossuficiência também pode ser uma forma de autoproteção, através de uma afirmação identitária, como um rebatimento ao sistema socioeconômico que historicamente negligencia e estigmatiza as comunidades "periféricas".

Outras formas de práticas cotidianas relacionadas ao trabalho nos espaços públicos praianos foram trazidas nas narrativas, como a prática de capoeira na faixa de areia do Buraco da Véia, citada pelo trabalhador/morador de 54 anos: *"eu cresci aqui, a minha capoeira eu aprendi aqui praticando aqui na praia"*, ou a limpeza de mariscos e peixe no banco da Orla, que uma trabalhadora/moradora de 31 anos contou enquanto os filhos brincavam com o choque das ondas: *"Aqui eu boto meus meninos para brincar aqui, ficar tomando banho no paredão, trato minhas coisinhas, meus peixinhos"*. Como já exposto no capítulo anterior, encontrar pessoas nas ruas tratando peixe ou preparando as redes de pesca é comum e configura uma forma de apropriação do espaço público muito particular da comunidade. Essa relação do trabalho no espaço público praiano também estabelece uma forte dinâmica de socialização entre trabalhadores, moradores e frequentadores, como destaca a barraqueira de 85 anos: *"Para mim isso aqui é a minha vida, eu gosto muito daqui, conversar com os meus freguês, agora não porque não tem nenhum, mas dia de domingo, dia de sábado vem freguês vem conversa, a gente distrai muito isso aqui"*.

²⁶ As entrevistas desta Dissertação foram realizadas no segundo semestre de 2021, ano que teve o segundo índice mais alto de desemprego, depois de 2012, sendo o Nordeste a região com a maior média, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, realizada pelo IBGE.

Importante retomar a perspectiva trazida por Lefebvre (1984) de que a vida cotidiana acontece a partir do controle do tempo, baseado principalmente no tempo definido do trabalho formal, contudo também se compreende, com De Certeau (1998), que o cotidiano propicia ações que rompem com a lógica de manipulação e ordem social. Dessa forma, compreendendo que o modo de apropriação dos trabalhadores nos espaços públicos praianos estudados têm uma perspectiva menos rígida quanto às delimitações de tempo e espaço, devido às atividades ocorrerem em espaços abertos e muito dependentes dos ciclos naturais, conclui-se que as práticas vinculadas ao trabalho nesses espaços, situam-se entre essas duas perspectivas da cotidianidade.

6.3 “AQUI É MAIS POVÃO”



A percepção do Buraco da Véia como uma praia popular foi bastante presente especialmente nas falas dos frequentadores visitantes, sendo um dos principais motivos que atrai diversas pessoas para essa praia, como destino para o lazer, por se sentirem confortáveis e incluídas na dinâmica do lugar. Esse aspecto foi expresso em falas como: *“Aqui é mais povão, mais gente pobre, mais tumulto e eu gosto mais”* ou *“uma praia bem humilde, tá ligado, uma praia bem povão mesmo, bem de boa”*. Essas respostas foram concedidas quando perguntado o que diferenciava a praia do Buraco da Véia de outras praias e demais espaços públicos, ou o porquê da escolha da praia, e em geral, sua característica popular foi associada como um aspecto positivo e particular do lugar, o qual trazia certa identificação a esses frequentadores. Também é destacado nas falas, o preço acessível do comércio de praia como um fator importante para a decisão por esse lugar: *“aqui é mais gostoso porque é mais barato”*, *“preços acessíveis”* ou *“vou ali e compro mais barato”*, reafirmando o interesse no local por questões também de acesso econômico.

Uma referência interessante foi ao “Piscinão de Ramos”²⁷, em analogia às piscinas naturais do Buraco da Véia com a praia artificial do Rio de Janeiro, ambas com grande apropriação de pessoas de classes populares, como mencionou dois frequentadores visitantes: *“Gostei porque é um piscinão aqui”*, *“particularmente aqui é um Piscinão de Ramos”*. Além das características físicas que as tornam semelhantes, o sentido trazido nessa comparação também aponta para a questão do sentido popular e de identificação, como afirma um frequentador visitante de 45 anos: *“aqui você é gente da gente”*, através do sentimento de integração, de se ver no outro, sendo esse um aspecto que tanto particulariza quanto partilha esse sentido do lugar de “pertença comum” (DUBAR, 1997, p. 9).

Outra referência à praia que reforça esse sentido, é a citação sobre o perfil populoso do espaço, o qual se assemelha a um formigueiro: *“parece um formigueiro o Buraco da Véia”*, de acordo com um frequentador visitante de 75 anos, contribuindo, dessa forma, para o acesso de *“todo tipo de pessoa”*, segundo um morador de 30 anos. Enquanto alguns veem essa característica como positiva, outros frequentadores visitantes relacionam essa diversidade à intercorrência de situações de violência ou de uso de drogas no ambiente público: *“quando tá muito frequente, geralmente tem pessoas que usam drogas, né, usam maconha, aí eu não acho muito bacana, aí não é muito legal”*, de acordo com um frequentador visitante de 49 anos. De

²⁷ “Piscinão de Ramos” é uma piscina pública artificial localizada no bairro da Maré, no Rio de Janeiro, que foi inaugurada em 2002 e ficou bastante conhecida em todo Brasil, através de notícias e novelas televisivas, como um forte símbolo de praia de classes populares.

certa forma, essa percepção cria alguns estigmas em torno da praia de Brasília Teimosa, como conta um entrevistado se referindo a turistas que se hospedam na Avenida beira-mar de Boa Viagem e são instruídos para não irem para o lado da Brasília Teimosa, como contou um frequentador visitante de 45 anos: *“você não vê tanto turista aqui, né? Tem colegas meus que vem do Rio de Janeiro e São Paulo pra cá, e o cara do uber fala, quando você sair do hotel é sempre pra direita, nunca pra esquerda, porque a esquerda é Brasília Teimosa”*.

Essa citação remete à noção do sistema simbólico de Bourdieu (1978), o qual se constrói nas diferenciações do universo social, resultado das marcas de distinção e estigmas sociais apoiadas nas diferenças econômicas. Nesse caso, tendo como referência o bairro de Boa Viagem, o Buraco da Véia é um lugar que os turistas devem evitar por não fazer parte do seu universo, teoricamente, pois o “capital econômico” que eles demonstram ao se hospedarem em um hotel na beira-mar de um bairro nobre, não é condizente com a vivência em uma praia localizada em um bairro pobre, em termos econômicos. Por outro lado, alguns frequentadores utilizam desse “valor de distinção” de classe para afirmarem à sua identificação com o perfil da praia, e se manterem usuários desse espaço público: *“as outras praias não, vai mais gente cocotinha”* ou *“eu não tenho a classe assim também diferenciada, mas tipo lá vai ser mais, a galera é mais burguesinha, entendeu eu também não gosto muito de ir para lá por causa disso”*. Essas duas perspectivas são ligadas pelas representações produzidas a partir da distinção material e simbólica, que são reafirmadas nas representações e no estilo de vida e refletem na maneira de ocupar os espaços, através da identificação e da distinção dos grupos sociais. (BOURDIEU, 1978)

Esse olhar sobre a praia também é partilhado por alguns moradores que a frequentam, e provoca reflexões interessantes sobre a forma como se relacionam com o espaço, pois alguns deles buscam estratégias para irem à praia em dias mais calmos, sem o tumulto e a presença do “povão”, como afirma esse morador de 57 anos: *“A paz que a gente sente aqui, principalmente dia de semana, porque final de semana é mais popular, isso aqui fica superlotado, então a gente nem frequenta final de semana”*, e ainda complementa afirmando que nos dias com menos gente, a praia se torna um paraíso no mesmo patamar de Porto de Galinhas ou Itamaracá²⁸, em termos de beleza e tranquilidade. Ainda sobre esse aspecto, esse morador destacou que por conta da praia ser pequena, não comporta a quantidade de pessoas que vai

²⁸ Praias de outros municípios do litoral pernambucano, que são destinos para muitos turistas, especialmente Porto de Galinhas, que se localiza no litoral Sul.

geralmente nos finais de semana, causando aglomeração e poluição sonora por conta das caixas de som ligadas nos carros: *“gente que vem do Recife todo, de todos os bairros”*.

Em relação à praia do “povão”, abordada neste tópico, foi compreendido que a maioria dos frequentadores do Buraco da Véia expressam um sentido de identificação em relação à característica popular da praia, enquanto apenas dois frequentadores entrevistados, que destacaram aspectos relacionados a este tema, demonstraram buscar formas de não participar dessa dinâmica e de se diferenciar desse perfil, como o caso do frequentador visitante de 30 anos, o qual afirmou se surpreender ao conhecer a praia, pois não imaginava que era tão humilde: *“É o impacto que eu tenho, né, eu por ser de outro bairro, eu achava que fosse, vamos dizer assim, uma área de Boa Viagem...”*, e dessa forma contou que suas preferências e costumes não correspondiam com o perfil do Buraco da Véia: *“as praias que eu frequento é totalmente diferente, por exemplo, eu amo a praia de Calhetas, amo Porto das Galinhas, outras praias assim”*. Outra fala relevante sobre essa questão, foi a de um morador de 57 nos que frequenta a praia em dia de semana e nos finais de semana costuma ir para Boa Viagem por ser mais tranquilo, e justifica sua escolha: *“não é discriminação, mas é pelo nível de frequência daqui é meio barra pesada final de semana”*.

Essas percepções trazidas reiteram a dimensão simbólica do caráter popular da praia do Buraco da Véia presente desde sua origem, como já exposto nos capítulos iniciais. Nas últimas décadas muitos melhoramentos urbanos foram realizados, os quais possibilitaram que a praia se tornasse mais acessível e atrativa para outras pessoas da cidade. Contudo, aqui nos interessou as percepções e significados atribuídos à praia, a partir de sua característica popular, relacionando algumas percepções e discursos, por vezes antagônicos, dos frequentadores, com um aporte teórico que situa essa temática.

6.4 “COMO SE FOSSE O QUINTAL DE CASA”



A reflexão deste tópico se desenvolve a partir da percepção do espaço, através das diferenciações do sentido ‘fechado e privatizado’ e do sentido ‘aberto e de uso coletivo’, pois esses dois polos constroem representações e situam as formas diferenciadas de apropriação do espaço urbano (VOGEL e MELLO, 2016). Essa noção também dialoga com a proposta de Da Matta (1997), representada pela relação/oposição entre a rua e a casa, para tratar de um modo específico de sociabilidade na vida urbana. A partir dessas ideias, interessa a esta pesquisa perceber o entrelaçamento entre os sentidos da vida privada e doméstica e da vida localizada nos espaços públicos, para associar aos significados atribuídos pelos usuários dos espaços praianos de Brasília Teimosa, quanto aos vínculos sociais e com o lugar, os quais muitas vezes são comparados ao sentimento de casa e família.

Partindo da fala de um morador aposentado, de 57 anos, sobre a praia do Buraco da Véia, *“como se fosse o quintal de casa isso aqui”*, e associando às outras narrativas, se atribuiu dois tipos de interpretação para essa relação do espaço praiano como sendo o quintal de casa: o sentido físico, associado à proximidade da residência e a facilidade de acesso; e o sentido simbólico, relacionado à sociabilização no espaço público, aos vínculos realizados na vida comunitária e ao sentido familiar atribuído às relações de vizinhança. Em relação ao primeiro sentido, um morador de 42 anos descreve essa proximidade com a praia da seguinte maneira: *“aqui você descer final da rua, você descer assim no final da rua você praticamente está dentro d’água, né, na praia”*, e ainda sobre essa proximidade com a praia, outra moradora de 73 anos, traz o seu sentimento de morar perto do mar: *“eu mesmo sou privilegiada, eu moro defronte à praia”*.

A ocupação do solo de Brasília Teimosa é constituída principalmente de lotes sem afastamentos laterais e frontais, sendo suas construções caracterizadas, em sua maioria, como moradias geminadas, sem áreas livres consideráveis, o que pode indicar que muitas pessoas vão aos espaços públicos em busca dessa relação com o espaço livre, semelhante ao quintal de casa, como expressa um morador aposentado de 85 anos, sobre a relação estreita entre a casa e a rua presente na sua rotina: *“eu tô por aqui quase o dia todinho, é um pouquinho em casa, um pouquinho aqui, um pouquinho aqui, outro pouquinho em casa”*. Essa relação também acentua a importância das relações de sociabilidade estabelecidas entre as pessoas da comunidade nos espaços públicos, expressas recorrentemente: *“É importante, para a minha idade é muito bom...isso para mim é higiene mental, vir parar aqui, olhar o mundo e conversar, bater papo...”*.

Alguns trabalhadores dos ambientes praianos destacaram que as trocas sociais no tempo dedicado ao serviço são parte importante de suas práticas cotidianas, como é o caso do comerciante de praia, sobre o contato rotineiro com os clientes e amigos que vão à praia. Bem como o pescador de 58 anos que mencionou que todos os dias no fim da tarde se reúne com outros pescadores no Porto Terra Nova para conversar: *“eu tenho um barco ali, eu já vim de lá já hoje, ali a gente se reúne, um bocado de pescador...tem gente também que não é pescador se reúne com a gente, e toda a tarde a gente está ali conversando”*

O sentido de familiaridade entre as pessoas, sobretudo na relação entre os moradores, trazido na percepção do espaço público praiano, foi expressa de diversas formas ao longo das entrevistas, nas quais muitos participantes fizeram referência aos outros moradores como

família e que todos se conheciam nas ruas, o que é possível observar em algumas falas, como a do morador e pescador de 58 anos: *“Aqui todo mundo é conhecido da gente, todo mundo mora aqui, um perto do outro”* ou *“bem dizer tudo família, foi tudo criado junto”*, e quando perguntado se os encontros com os amigos nos espaços públicos se dava de forma espontânea, ele respondeu: *“chega um, chega outro a gente se reúne e está todo mundo junto”*. Esse sentido da familiaridade foi mencionado por um morador de 49 anos, o qual contou que devido ao bairro ainda ter muitos moradores antigos que viveram na comunidade desde a infância, é comum que as pessoas e as famílias se conheçam, ele por ser comerciante destaca que costuma ter muitas conversas com as pessoas nos espaços públicos: *“É na rua, todo o canto, onde vai é conhecido, aqui é um bairro populoso, e assim, e todos se conhecem”*, e complementa afirmando que quem não o conhece na Brasília, significa que não conhece muita gente, remetendo ao seu perfil popular e sociável.

Houve um frequentador visitante que mencionou se sentir em casa na praia do Buraco da Véia, *“eu acho interessante que eu me sinto em casa”*, o que gerou uma reflexão sobre a relação que algumas pessoas de fora estabelecem com o lugar ao se sentirem integrantes, talvez pela identificação com os outros usuários ou até pelo caráter do ambiente da praia ter um aspecto natural mais “reservado”.

As questões de sociabilidade e apropriação do espaço urbano revelam uma estreita relação entre o espaço privado e o espaço público, o qual podemos associar à ideia de “pedaço” de Magnani (2003) que diz respeito a um conceito intermediário entre a casa e a rua, cujo familiar predomina no espaço público. Essa percepção foi sendo compreendida na etapa das observações de campo e reafirmadas nas narrativas dos moradores e usuários dos espaços públicos, os quais além de associarem esses espaços aos aspectos de atividades de lazer, tinham também como principal elemento dessa relação o aspecto da convivência, da troca e do vínculo que esses espaços proporcionam entre os moradores do bairro, como afirma um morador aposentado de 66 anos quando perguntado sobre a diferença de outros espaços públicos: *“Poxa, aqui é melhor, é coisa de doido, aqui onde se entra, se encontra os amigos, aqui é bom demais”*.

6.5 OUTRAS PERSPECTIVAS: MEMÓRIA E CONTEXTO ATUAL

O percurso realizado neste capítulo se iniciou com as lembranças de antigos moradores, posteriormente houve o aprofundamento nos relatos sobre as práticas cotidianas realizadas nos espaços públicos praianos, através também da dimensão simbólica expressa nas

narrativas dos entrevistados, e aqui pretende-se retomar esses aspectos e fazer uma articulação com o contexto atual.

Abordar Brasília Teimosa como objeto de estudo exigiu um retorno à sua história, através de fontes bibliográficas, mas sobretudo por meio das memórias transmitidas nas narrativas orais dos seus moradores. Nesse sentido, esta pesquisa também captou muitas dessas “memórias vivas” (CANDAUI, 2021) e, através dos elementos simbólicos expressos, foi possível compreender unidades significativas de um passado comum que marcou a história individual e coletiva da comunidade. Somado a esse aspecto, as narrativas também podem ser compreendidas como instrumentos de disputa no contexto urbano, no qual cada indivíduo é portador de uma memória que constrói um sentido coletivo com densidade histórica de cada lugar (DOSSE, 2013).

Esse passado comum se constitui como referência no processo identitário do lugar, juntamente com o senso de pertencimento e os vínculos sociais presentes em muitos significados atribuídos pelas pessoas, inclusive que foram abordados neste capítulo. Apesar de ter sido muito presente a questão dos relatos do lugar no passado e a rememoração de acontecimentos importantes, também por essa temática ter sido incluída na entrevista²⁹, optamos por esse não ser um tema particularizado para aprofundamento, por compreender que isso levaria para um outro viés teórico, o qual não faz parte dos objetivos desta pesquisa. No entanto, consideramos pertinente trazer as principais conclusões referentes à relação das pessoas entrevistadas com a história de Brasília Teimosa.

As narrativas trouxeram à tona a história do lugar, especialmente sobre o início da ocupação da comunidade, quando as pessoas resistiram às demolições de suas casas e as reconstruíram sucessivamente, até se estabelecerem como comunidade, sendo mencionado o reconhecimento e importância dos moradores que estiveram à frente das lutas comunitárias. Também foram expostas as histórias de vida e a relação com o lugar, em que muitos moradores nasceram e vivenciaram desde a infância o espaço praiano e a natureza marítima, como explica um morador de 60 anos: *“porque isso aqui quando eu era menino, a gente vinha para cá, aqui mesmo era uma praiazinha, a gente pegava peixe, pegava até com aquelas lamparina, a gente botava dentro d’água assim com farinha pegava um bocado de peixinho por aqui”*.

²⁹ Importante reiterar que parte das entrevistas coletadas, com o viés da memória, foi trazida no Cap.3, sobre a história da origem do nome do Buraco da Véia.

A praia do Buraco da Véia também esteve muito presente nas narrativas, pois quando perguntado aos entrevistados “Conhece alguma história antiga daqui?”, as pessoas já contavam sobre a história do Iate Clube e a tentativa de privatização da praia ou sobre as versões da história da praia e da origem do seu nome, o que foi muito interessante, pois foram relatadas ao menos cinco versões distintas do seu significado, já expostas no capítulo 3. Nesse aspecto, também houve a menção à outras praias que existiam na extensão da costa marítima, antes das mudanças da reforma, chamadas de “Pocinho”, “Primeirinha”, “Segundinha”, “Terceirinha”, “Buraco do Véio” e “Poço da Caraúna”, todas praias menores que eram formadas pela ressaca do mar.

As histórias mais citadas foram sobre a época das palafitas, de como era o lugar naquelas condições e as mudanças realizadas na área da praia e na orla marítima. Por vezes, o tema das palafitas foi trazido com um sentido de nostalgia e saudosismo das vivências da época, mas a maioria com conotação negativa a esse período, devido à situação precária do lugar, da vulnerabilidade social e da violência que existia. Nesse sentido, foi demonstrado orgulho pelas mudanças realizadas na comunidade, devido à requalificação Urbana executada em 2003. Também foram interessantes as diversas menções ao presidente Lula, o qual governava o Brasil no período da reforma urbanística e protagonizou uma visita histórica ao bairro para inauguração da Avenida Brasília Formosa, como lembrou um morador de 36 anos: *Quando fez essa orla aqui, quando terminou, que Lula apareceu ali na frente, ele veio para cá, ficou ali, entrou na casa da dona Maria, eu não disse que ia tirar a senhora daqui de dentro, deu um abraço nela, pronto aquilo ali foi que... O único presidente que eu vi pessoalmente foi ele, eu acho que é por isso que me marcou, o véio, o véio Lula.*

Assim como a precarização da estrutura urbana do passado foi muito trazida à tona, as dificuldades do presente também foram abordadas, principalmente através das percepções sobre as consequências da pandemia global do COVID-19, na vida das pessoas e nas suas relações com o espaço urbano de Brasília Teimosa. Como já mencionado, a pandemia era o contexto no qual esta pesquisa foi desenvolvida, mesmo as entrevistas sendo realizadas em um período de gradual retorno às atividades, nos espaços públicos ainda foi possível captar os impactos sofridos pelas pessoas. Em geral, os entrevistados informaram sobre o grande prejuízo para os trabalhadores comerciantes formais e informais que dependem das dinâmicas sociais dos espaços públicos praianos, devido à baixa presença de frequentadores e turistas nesse período.

Essa circunstância colaborou com a precarização do trabalho e o aumento da violência urbana, de acordo com a percepção dos entrevistados, os quais relataram o aumento do tráfico de drogas e de alguns episódios de violências, como assassinato e assaltos, contexto que já existia em Brasília Teimosa e foi acentuado com a pandemia e com o modo que as políticas públicas brasileiras foram conduzidas nesse período. Entre as consequências que ocorreram, foram relatadas a questão da dificuldade do cotidiano em casa, devido às crianças não irem à escola, a impossibilidade de interação e sociabilidade entre as crianças e jovens no ambiente escolar e nos espaços públicos, e principalmente, sobre as oportunidades de trabalho.

Segundo os moradores, em determinado momento da pandemia, no período de restrições na circulação nos espaços públicos, houve uma grande diminuição no movimento e nas maneiras habituais de ocupação do espaço, contudo depois de um período, mesmo com as restrições ainda vigentes, alguns moradores começaram a retomar suas rotinas nos equipamentos urbanos, devido à necessidade de estar ao ar livre e fazer exercícios físicos, além dos encontros recorrentes com as pessoas da comunidade, apontadas como práticas de grande importância. Também foi mencionado que apesar dos serviços e comércios comuns ao ambiente praiano terem sido impossibilitados em muitos períodos da pandemia, o contato com a praia e o mar permaneceu frequente para muitos moradores, foi trazido como uma vivência que possibilitou o sentimento de tranquilidade, relaxamento e liberdade, uma possibilidade de respiro diante das dificuldades.

Essa situação também contribuiu para a desmobilização popular, devido à impossibilidade de reuniões presenciais do Fórum de Moradores e Organizações Populares de Brasília Teimosa, sendo mantidas algumas discussões através das redes sociais, com certa limitação quanto à participação dos moradores. Com a flexibilização das atividades, houve algumas manifestações populares e eventos culturais que marcaram essa retomada no enfrentamento das mazelas sociais, as quais afligem especialmente as favelas e comunidades de baixa renda, como é o caso de Brasília Teimosa, em busca de mobilização e conscientização social. Entre essas, houve o protesto “Vacina no Braço e Comida na Mesa” realizado pelo Fórum de Moradores e a Turma do Flau, em julho de 2021, no qual foram reivindicadas melhores políticas públicas para minimizar as consequências sociais da pandemia e garantir proteção e dignidade às pessoas, além da inclusão na pauta da mobilização, dos riscos da especulação imobiliária para a comunidade.

Figura 73 – Manifestação dos moradores em Brasília Teimosa.



Fonte: Bárbara Rodrigues, 2021

Figura 74 – Manifestação dos moradores em Brasília Teimosa.



Fonte: Bárbara Rodrigues, 2021.

Outro acontecimento importante, foi a realização da “Virada Negra”, festival com 24h de apresentação de artistas negros, o qual foi organizado pelo Circuito de Cultura Negra Pernambucana, e realizado no Buraco da Véia em março de 2022. Esse Festival foi importante por trazer a temática essencial da afirmação racial, de valorização da cultura negra e divulgação

de artistas e empreendedores negros, além de ter incluído Brasília Teimosa nesse circuito cultural, o evento aconteceu na área da avenida que circunda a praia do Buraco da Véia, sendo ocupada por palcos e feira livre, que receberam cerca de 86 artistas de diversos segmentos, como: música, artes plásticas, grafitti, poesia, performance, além dos comerciantes e empreendedores que participaram da feira com seus diversos produtos e serviços.

Apesar do Festival ter ocorrido na comunidade, sua organização não teve relação com o Fórum de Moradores e organizações Populares de Brasília Teimosa, sendo considerado por esta pesquisa como um evento distinto dos demais, por ter um caráter externo, no sentido de ser liderado por pessoas de fora do bairro e por não abranger as demandas políticas habituais das manifestações que ocorrem na comunidade, que em geral trazem à tona as questões urbanas, de especulação imobiliária, e necessidades urgentes de seus moradores. Esse fator pode ter impactado na pouca adesão dos moradores da comunidade, juntamente com a pouca divulgação ou a não convocação oficial dos moradores, por parte do Conselho de Moradores e de outras entidades. O Festival apresentou uma diversidade de artistas e de manifestações e contou com a presença maior de um público de outros bairros.

Figura 75 – Cartaz de divulgação da Virada Negra em um poste na praia.



Fonte: A autora, 2022.

Figura 76 – Ciranda com Lia de Itamaracá na Virada Negra.



Fonte: A autora, 2022.

Figura 77 – Ocupação do Festival na praia do Buraco da Véia.



Fonte: A autora, 2022.

A “Virada Negra” foi um festival importante que teve sua primeira edição em Brasília Teimosa, na praia do Buraco da Véia, se tornou um marco nas distintas formas de ocupação da comunidade e da praia, também demonstrando a importância desse lugar para os movimentos sociais e culturais da cidade. Como já mencionado, estar presente nesse evento foi interessante, pois a ocupação da praia foi a mais distinta das demais observadas, visto que o público ocupou a praia durante o dia e a noite, entrando pela madrugada, inclusive muitas pessoas foram à praia nesse dia aproveitar a rotina comum de barracas e sol e emendaram com a noite e madrugada para prestigiar os shows e demais expressões.

Outra manifestação de cunho político-cultural que houve na comunidade, especialmente na Orla da Avenida Brasília Formosa, foi o “Povo Pode?”, em maio de 2022, organizado pelo Fórum de Moradores, Entidades de Brasília Teimosa e por entidades políticas, para a exibição do filme documentário “O Povo Pode? – Um país pelo olhar de brasileiros”³⁰. Esse evento, além de ter trazido essa temática, também convidou vários grupos culturais da Brasília Teimosa, como: o Balé Deveras, que apresentou seu espetáculo clássico sobre a história da comunidade; o Maracatu Nação do Flau, formado por crianças do projeto Turma do Flau; e o Marolas Crew, grupo de rap. Ao longo do evento, as temáticas da especulação imobiliária, do direito à moradia e à permanência na comunidade foram discutidas e enfatizadas com palavras de ordens e músicas históricas que representam as lutas da comunidade. Esse evento, por sua vez, aconteceu na Avenida Brasília Formosa e teve uma maior adesão da comunidade por terem à frente as entidades que atuam nas lutas sociais dos moradores da comunidade de Brasília Teimosa.

³⁰ O Povo Pode? – Um país pelo olhar de brasileiros, do diretor Max Alvim, foi gravado entre os anos de 2017 e 2021, e constrói e articula as trajetórias de quatro trabalhadores nordestinos que tiveram suas vidas transformadas no período do governo do ex-presidente Lula.

Figura 78 – Exibição de “O Povo Pode” e o Maracatu Nação do Flau.



Fonte: A autora, 2022.

Figura 79 – Exibição de “O Povo Pode” e o Maracatu Nação do Flau.



Fonte: A autora, 2022.

A partir dessas perspectivas trazidas neste capítulo, compreende-se que os espaços praianos de Brasília Teimosa se mantêm no imaginário coletivo das pessoas, as quais trazem suas referências às histórias sobre o lugar, por meio de diversas narrativas que são transmitidas e permanecem se atualizando através da oralidade. Tendo essa referência do passado, especialmente os moradores, ao longo do tempo ressignificam os espaços e suas formas de apropriação, consequência também das transformações físicas que possibilitaram uma maior qualidade de vida às pessoas, que passaram a desfrutá-los de outras maneiras. Dessa forma, a praia do Buraco da Véia e seu entorno, vem ganhando novos sentidos e modos de apropriação, através das práticas cotidianas, percepções e construções simbólicas dos seus moradores, trabalhadores, frequentadores, enfim, praticantes.

Aqui, assumiu-se um modo de olhar para as práticas cotidianas além do óbvio das ações e repetições do dia-dia, mas com uma abertura para a compreensão das relações simbólicas que as pessoas estabelecem com os espaços públicos praianos de Brasília Teimosa. Nesse sentido, as categorias relacionadas ao lazer, ao trabalho, ao caráter popular da praia e à relação de sociabilidade e vizinhança nos espaços estudados, possibilitaram fazer essa articulação entre as práticas cotidianas realizadas na vivência dos espaços no presente, e os sentidos menos tangíveis associados a elas. Essas categorias foram importantes para a compreensão da relação desse grupo social com os espaços públicos praianos, com suas práticas cotidianas, e com os sentidos atribuídos ao lugar.

Por fim, é importante destacar que apesar desta pesquisa se munir da realidade histórica e objetiva, muitas perspectivas trazidas vêm da minha própria experiência como pesquisadora em campo, observadora e participante dos espaços analisados, juntamente com a colaboração dos atores participantes que construíram também suas narrativas e simbolismos, essenciais para esta pesquisa. Esse entrelaçamento de olhares se revela em um retrato dos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa, contextualizada em um determinado tempo, não como um registro totalizado, porém, um campo aberto que pode sempre ser reatualizado de acordo com as novas práticas e contextos sociais que se manifestarem, a partir de outros olhares e vozes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos até aqui, com as intenções teóricas iniciais de repensar as abordagens acerca do espaço urbano. Em busca da construção de uma metodologia sensível para a compreensão do lugar através das práticas cotidianas e suas dimensões simbólicas, foi construída uma articulação interdisciplinar entre os campos da Arquitetura e Urbanismo e a Antropologia Urbana. A compreensão dos fenômenos urbanos a partir dessa ótica teve o potencial de ampliar as perspectivas sobre a diversidade de relações sociais estabelecidas nos lugares, devido aos instrumentos próprios da Antropologia, e ao esforço intelectual de se construir uma “descrição densa” (GEERTZ, 2008), do objeto de pesquisa. O caminho teórico-metodológico adotado, assim como os conceitos operacionalizados também foram a partir desse diálogo entre os trabalhos de autores(as) dos campos de pesquisa referenciados.

Como visto no primeiro capítulo, a temática da prática cotidiana foi o fio condutor que articulou as reflexões teórica-metodológicas, desde o seu reconhecimento como potencial para o estudo do lugar, a partir do olhar para a escala local e particularizada da Antropologia Urbana, até como objeto de percepção sensível, por meio das Ambiências, sendo operacionalizado enquanto objeto de observação e análise, através da Etnografia

Os capítulos referentes à história de Brasília Teimosa e do Buraco da Véia, bem como sobre a história social das praias, possibilitaram uma contextualização da ocupação territorial e dos fenômenos sociais, ligados principalmente à tradição de lutas, mobilização e resistência dos moradores. Também apresentou os significados e os sentidos incorporados ao ambiente praiano de acordo com os hábitos culturais de diferentes épocas, situando, dessa maneira, as características e distinções entre as praias urbanas do Recife: Pina, Boa Viagem e especialmente o Buraco da Véia.

Além desses aspectos mais simbólicos, a contextualização histórica contribuiu para a compreensão das dinâmicas materiais operadas na comunidade de Brasília Teimosa, como o caso da Requalificação Urbana da Orla (2003), que teve grande impacto na história da comunidade e na vida das pessoas, tendo sido um importante conteúdo para situar a investigação de campo, haja vista que esse espaço público integra nosso lócus de pesquisa e que se trata de um marco histórico, muito recorrente nas narrativas de seus moradores.

Os dois últimos capítulos trouxeram os aspectos mais relevantes desta dissertação, tendo em consideração que desenvolveu a operacionalização dos instrumentos metodológicos em campo, resultando em um aprofundamento nas percepções sobre as dinâmicas e ambiências do lugar, a partir do meu olhar como pesquisadora, e posteriormente tendo a essencial participação das vozes de quem vivencia o lugar.

As percepções realizadas em campo estiveram intrinsecamente ligadas ao processo de aproximação e aprofundamento, ou seja, enquanto o lugar de pesquisadora foi sendo descoberto, amadurecido e reatualizado de acordo com as etapas, as percepções sobre os espaços públicos estudados também foram ganhando novas camadas. Concluindo que a construção desse arcabouço não se trata apenas dos resultados sobre o objeto de campo, mas também sobre o próprio desenvolver da pesquisa através da metodologia proposta, sendo as dúvidas, os desvios, e as adaptações parte fundamental do processo.

Dessa forma, a partir das intenções de métodos iniciais, a prática foi sendo realizada com uma espontaneidade própria do fenômeno de campo, que de alguma forma criou uma particularidade para esta pesquisa devido ao modo de condução, interpretação e articulação de todas as percepções captadas e dados coletados. A partir do percurso de aproximação e experimentação do espaço através das caminhadas, dos relatos etnográficos e registros de campo, e da observação dos modos de ocupação do espaço e dinâmicas sociais, foi possível expressar algumas percepções mais objetivas e outras que remetem às ambiências, que emergiram através das sensações e dos estados afetivos que a relação com o lugar provocou.

Se somando ao processo de campo houve a incorporação da percepção de outros atores, das suas práticas e de sua relação com o lugar, se caracterizando como uma etapa essencial para a construção de uma densidade analítica que ultrapassou os aspectos mais subjetivos e experimentais, para estruturar uma percepção do lugar, de suas ambiências, significados, histórias, a partir de uma construção coletiva, no sentido de ter possibilitado emergir conteúdos que reforçam as relações de afetividade, de coletividade e de identidade.

Nesse sentido, as questões centrais que tiveram relevância na análise fizeram uma costura entre as percepções das práticas cotidianas realizadas na etapa de campo com as narrativas trazidas na etapa das entrevistas, proporcionando um aprofundamento nas dimensões simbólicas dessas práticas, através de algumas temáticas principais. O aspecto do **lazer**, já bastante referenciado na etapa de observação de campo, foi trazido como uma prática fundamental que permite a fruição no espaço, as atividades lúdicas e as relações sociais, sendo

reconhecido como um direito propiciado pelos espaços praianos de Brasília Teimosa. Dessa forma, essa prática se faz presente no espaço público de forma intensa, construindo particularidades no modo de ocupá-lo.

A temática do **trabalho** também se apresenta como uma categoria que tem um sentido muito potente quanto ao reconhecimento da importância do lugar como fonte de sustento, sendo um forte elo entre os sentidos originários da comunidade, a partir da ocupação da colônia de pescadores, até os tempos atuais, onde essa atividade ainda se mantém muito presente, se somando a outras atividades que se desenvolvem na praia. Sendo esses trabalhadores(as), em sua maioria, moradores(as) da comunidade, a relação do trabalho sempre foi trazida de um modo mais profundo, devido à relação de pertencimento estabelecida com o lugar.

A percepção do **sentido popular da praia**, trouxe uma série de reflexões acerca dos signos de distinção e de identificação, através dos sistemas simbólicos que classificam os grupos sociais de acordo com suas práticas e estilos de vida a partir do viés econômico. Sendo esse um fator muito relevante para compreender a relação que os usuários estabelecem com a praia do Buraco da Véia, as formas de ocupação, e as motivações para a escolha ou não da praia, no sentido da busca pela diferenciação ou pelo reforço e valorização do seu caráter popular.

Por fim, a relação estreita entre a casa e a rua, ou a percepção de que esses espaços públicos são como o **quintal de casa**, revela um universo de práticas cotidianas que potencializam as relações de vizinhança e vínculos sociais entre os moradores. Relações essas, que são trazidas como intrínsecas ao lugar, devido a familiaridade entre as pessoas, que muitas vezes passaram suas vidas morando na comunidade.

Essas categorias temáticas, trazidas a partir das narrativas captadas nas entrevistas, tiveram uma contribuição fundamental para a compreensão da relação entre as práticas cotidianas e os aspectos simbólicos associados a essas práticas, realizadas nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa, e têm direta relação com a dimensão da história do lugar, da identidade social, e do senso de pertencimento que é construído pelas pessoas que vivenciam cotidianamente a comunidade.

A abordagem que se desenvolveu a partir da observação das formas de apropriação das pessoas nos espaços públicos praianos, as quais realizam atividades diversas, associadas à construção de relações significativas nesses lugares, revelou um universo de afetos e percepções e dimensões sensoriais que deslocaram-se entre a familiaridade, a nostalgia, a relação com a

memória, as qualidades estéticas e paisagísticas ou os aspectos desagradáveis do lugar, que remeteram à ambiências diversas que dão significados ao lugar a partir de um “caráter multisensorial e íntimo” (DUARTE, 2013, p. 22)

Como resultado da articulação dos últimos capítulos, temos a compreensão de que as pessoas reconstróem cotidianamente os sentidos do lugar nesses espaços públicos praianos, tendo sido fundamental partir das práticas cotidianas como um fio condutor entre as relações objetivas observadas para caminhar às percepções das dimensões simbólicas construídas pelas pessoas com o lugar. Desse modo foi possível situar os espaços públicos praianos e sua relevância na história da comunidade, bem como a importância para a compreensão dos sentidos de hoje que particularizam Brasília Teimosa.

Importante retomar as questões relacionadas à pandemia que impactaram no processo de pesquisa, no que diz respeito à aplicabilidade dos métodos e aos dados obtidos através das entrevistas. No aspecto da pesquisa de campo, esse contexto fez com que alguns objetivos primeiros da pesquisa fossem readaptados devido aos riscos de contaminação pelo coronavírus, bem como as questões de isolamento e solidão para produzir essa pesquisa, haja vista a pouca partilha acadêmica, as dificuldades de acesso à bibliografia e arquivos, entre outros empecilhos.

No contexto de campo, a pandemia se fez presente também nos relatos dos entrevistados, como já exposto, e evidenciou as consequências dessa crise sanitária, principalmente para pessoas de comunidades periféricas, que além das perdas que sofreram, tiveram uma precarização nas oportunidades de trabalho e na relação com os espaços públicos. Nesse sentido, através das percepções captadas, foi entendido que a utilização dos espaços públicos praianos, para muitas pessoas que moram na comunidade de Brasília Teimosa foi um escape fundamental nesse período, devido às relações sociais estabelecidas e ao maior bem-estar propiciado nesses espaços públicos.

Assim como a temática da pandemia se apresentou de forma recorrente em toda a pesquisa, as questões relacionadas à história do passado e à memória dos seus moradores também, sendo esses, temas passíveis de desdobramentos em pesquisas futuras, como em desenvolvimentos de artigos. Sobre isso, vale mencionar também que nesse período da produção da dissertação, eu tive oportunidade de apresentar parte desta pesquisa em dois importantes eventos, que me deram fôlego, contribuindo assim para a continuidade e aprofundamento da pesquisa, sendo eles: o I Congresso Internacional Estudos da Paisagem, vinculado a Universidade Federal de Alagoas; e o IV Colóquio Internacional ICHT. Imaginário:

Construir e Habitar a Terra, vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de São Paulo e à Université Jean Monnet em Saint-Étienne (França).

A partir dessa explanação e compreendendo que esta pesquisa desenvolveu uma articulação entre processos metodológicos com desdobramentos no âmbito social, em busca de uma construção coletiva sobre o lugar. Considero que as principais contribuições deste trabalho se dão no sentido de propor uma integração de processos metodológicos interdisciplinares e aplicá-los para o estudo sensível do lugar, bem como a contribuição na construção dos registros históricos de Brasília Teimosa, que se relacionam com as questões de memória, afetos, imaginário e identidade social, que se expressam por meio das percepções coletivas transmitidas e que permanecem se atualizando.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Janice Marie Smrekar. “*Só deixo de lutar quando eu morrer*”: povo, terra e saber na luta urbana. 1986. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ALMEIDA, Cyro Augusto Gomes de. Corpo, luz e experiência social no livro Brasília Teimosa, de Bárbara Wagner. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B74F52>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. *O espaço público da praia: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- APL – ASSESSORIA E PLANEJAMENTO LTDA. Implantação de um complexo hoteleiro no Pina, na localidade denominada “Brasília Teimosa”, Projeto protocolado na URB Recife, Recife, 1975.
- AQUINO, Eduardo. *Praiapaisagem: a redescoberta do espaço público na praia*. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARAÚJO, Eliana Lucia Sales de; ARAÚJO, Maria Goretti Teles; ALVES, Maria de Lourdes Coelho. *Assessoria do Movimento Popular de Brasília Teimosa*. 1985. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ARAÚJO, Rita de Cassia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.
- ASSESSORIA do movimento popular de Brasília Teimosa, Recife, 1985.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989b.
- _____. Capital Simbólico e Classes Sociais. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 96, p. 105-115, 2013.
- BRASÍLIA Teimosa quer ser ouvida. *Diário de Pernambuco*. Recife, p. 1-7. 17 out. 1979.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.
- _____. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.
- CAVANI, Júlio. Brasília Teimosa é um dos lugares do Recife mais retratados no cinema. 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/09/brasilia-teimosa-e-um-dos-lugares-do-recife-mais-retratados-no-cinema.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.
- CERTEAU, de Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Etnografia e Imaginação Histórica. *Revista Proa*, v. 2, n. 1, p. 1-72, 2010.

COSTA, Monica Ferreira da et al. Verticalização da praia de Boa Viagem (Recife, Pernambuco) e suas consequências sócio-ambientais. *Revista de Gestão Costeira Integrada*. v. 8, n. 2. 2008. p. 233-245. Disponível em: <https://www.aprh.pt/rgci/rgci128.html>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CRELIER, Cristiane. *Desemprego recua na maioria dos estados na média anual para 2021*. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33034-desemprego-recua-na-maioria-dos-estados-na-media-anual-para-2021>. Acesso em: 27 ago. 2022.

DESENVOLVIMENTO SETORIAL URBANO. Plano de Urbanização – Projeto Brasília Teimosa, URB, 1974.

DIAGNÓSTICO PINA. Centro Josué de Castro. *Estudos e pesquisas*, Recife, 1993.

DIAGNÓSTICO SÓCIO ECONÔMICO. Palafitas de Brasília Teimosa, URB, Recife, 2003.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. Tradutor: Giovanni Ferreira Pitillo. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 85-96, 2013.

DUARTE, Cristiane Rose. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. In: THIBAUD, J-P.; DUARTE, C.R. (Org.). *Ambiances Urbaines En Partage*. Genebra: Metis-Presses, 2013. p. 21-30.

DUARTE, Cristiane Rose. Moldagem do lugar; remoldagem do olhar. In: DUARTE, Cristiane; VILLANOVA, de Roselyne (org.). *Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia*. Rio de Janeiro: ContraCapa; FAPERJ, 2013.

DUBAR, Claude. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, v. 8, p. 3-9, 1990. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/gradh_0764-8928_1990_num_8_1_1340. Acesso em: 20 jul. 2020.

FERNANDES, Ana Suassuna. *Zeis e moradia: uma alternativa formosa para Brasília Teimosa?* 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FOLHETO CHAPA 2. Eleição do Conselho de Moradores de Brasília Teimosa, Recife: Edição Impressa, 1995.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Revista Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 3-21.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 1991.

_____. *De lo rural a lo urbano*. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

_____. *La vida cotidiana em el mundo moderno*. Madrid: Alianza, 1984.

LÉLIS, Geraldo. Você sabe como surgiu a história do Buraco da Véia? *PORAQUI*, Recife, 16 set. 2018. Disponível em: <https://poraqui.app.br/boa-viagem/voce-sabe-como-surgiu-a-historia-do-buraco-da-veia/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

LIMA, Marília Chaves. *Cidade entrelaçada: micropolíticas do cotidiano na praça MAUÁ-RJ*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LOUREIRO, Ana Luiza. Brasília Teimosa: presente da natureza ao turismo recifense. *Diário de Pernambuco*, Recife, 6 jun. 1974.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura* 1. *Cadernos do Noroeste*, Portugal, v. 13, p. 201-218, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedação: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2021.

MELO, Clara Guimarães. A privatização do Cais: os reflexos das recentes práticas de Planejamento Estratégico sobre as margens da Bacia do Pina, Recife-PE. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MELO, Natália Rodrigues de. [Con]viver e [trans]formar pela ambiência: Metodologias para o espaço construído. In: DUARTE, Cristiane; PINHEIRO, Ethel. *Metodologias para a análise sensível do lugar*. Rio de Janeiro: Rio Books; FAU UFRJ, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Paris. Gallimard, 1976.

MOURA, Alexandrina Saldanha Sobreira de. *Terra do mangue: invasões urbanas no Recife*. Recife: Editora Massangana, 1990.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Entre Arte e Ciência: A Fotografia na Antropologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia: Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1993. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

OS BAIROS mais valorizados em Recife. *Agente Imóvel*, 2022. Disponível em: <https://www.agenteimovel.com.br/mercado-imobiliario/a-venda/pe/recife/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PARENTE, Marília. “*Banho de Choque*”: um patrimônio da Brasília Teimosa, 2019. Disponível em: <https://www.leiaja.com/noticias/2019/07/18/banho-de-choque-um-patrimonio-de-brasilia-teimosa/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará. 1995.

PEREIRA, Oswaldo. *Histórias do Pina*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

PETERS, Gabriel. Pierre Bourdieu (1930-2002). In: TELLES, Sarah Silva; OLIVEIRA, Solange Luçan de (orgs.). *Os sociólogos Clássicos das Ciências Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2008. p. 188-215.

PREFEITURA DO RECIFE. *Serviços para o cidadão: dados sobre Brasília Teimosa*. Recife. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/brasilia-teimosa?op=NTI4Mg==>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PROMORAR. Pesquisa sócio-econômica de Brasília Teimosa. Relatório preliminar, Recife, 1980.

RECIFE SEM PALAFITAS. URB – Recife 2003. *Prefeitura do Recife*. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/recifesempalafitas/index.php>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ROMANO, Rogério Tadeu. *A área da praia é de uso comum*, 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/78581/a-area-de-praia-e-de-uso-comum>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SALES, Raissa Gomes de. *Paisagem Teimosa: a construção social da Brasília Recifense a (r)existência do seu amanhã*. 2017. Monografia (Graduação em Arquitetura), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SANTOS, Carlos Nelson dos. in VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva. *Quando a rua vira casa*. Eduff: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. “*Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?*”. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980, p. 37-57.

SANTOS, Clara. Da identidade pessoal à identidade social. *Interações*, n. 8, 2005, p. 123-144. Disponível em: www.interacoes-ismt.com. Acesso em: 02 fev. 2013.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2017.

_____. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR/UFRJ/Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, ano 13, n.2, ago./dez. 1999.

SILVA, Oswaldo Pereira. *Histórias da Brasília Teimosa: Centro Educacional profissionalizante do Flau: Recife*, 2017, (Projeto Brincantes das Artes, 2).

_____. *Pina: povo, cultura, memória*. Recife: Funcultura, 2008.

SILVA, Thaianne Barbosa da. A produção imagética como recurso do trabalho de campo: O cotidiano a ser retratado através da narrativa fotográfica. *Revista Eletrônica Visagem*, v. 3, n. 1, p. 43-56, 2017.

SOUZA, Iracema Soares de. Tempo livre com lazer do trabalhador e a promessa de felicidade. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. *Cadernos Proarq*, ed. 18, p. 1-16, 2012.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas*. Niterói: Eduff, 2008.

VEIGA, Felipe Berocan; SIMÕES, Soraya Silveira. in VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva. *Quando a rua vira casa*. Eduff: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 1- 13.

_____. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; Kuschnir, K. (orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WAGNER, Barbara. *Brasília Teimosa*. Fotografias. 2007.

ZONAS Especiais de Interesse Social. Prefeitura do Recife. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/soloZonas_Especiais_de_Interesse_Soc.html. Acesso em: 17 maio 2022.